



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO
CAMPUS IV – MAMANGUAPE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS –
PROFLETRAS**

**LETRAS DA MPB COMO RECURSO PARA O LETRAMENTO
LITERÁRIO NA EJA**

EMANOEL RODRIGUES DE SOUZA

**MAMANGUAPE-PB
2019**

EMANOEL RODRIGUES DE SOUZA

**LETRAS DA MPB COMO RECURSO PARA O LETRAMENTO
LITERÁRIO NA EJA**

Dissertação apresentada à Coordenação do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS - da Universidade Federal da Paraíba - Campus IV, como requisito para a obtenção de grau de mestre em Letras.

ORIENTADOR: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues

**MAMANGUAPE-PB
2019**

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S729l Souza, Emanoel Rodrigues de.

Letras da MPB como Recurso para o Letramento Literário
na EJA / Emanoel Rodrigues de Souza. - João Pessoa,
2019.

155 f. : il.

Orientação: Hermano de França Rodrigues.
Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCAEMM.

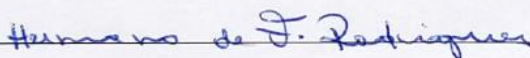
1. Letra de música. 2. Letramento literário. 3.
Educação de Jovens e Adultos. I. Rodrigues, Hermano de
França. II. Título.

UFPB/BC

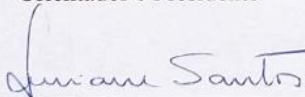
**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS APLICADAS E EDUCAÇÃO – CCAE
CAMPUS IV – MAMANGUAPE
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS**

Aprovada em 27 de MARÇO de 2019.

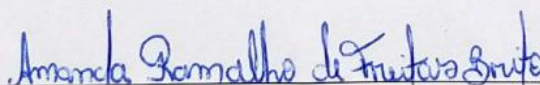
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues
Orientador e Presidente



Prof.^a Dr.^a Luciane Alves Santos
1^a Examinadora (Interna ao Profletras)



Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito
2^a Examinadora (Externa ao Profletras)

DEDICATÓRIA

A Deus, a luz da minha vida Emanuelly (Manu) por me fazer tão feliz e a minha esposa Sibeles pelo amor, apoio, incentivo e compreensão em todos os momentos da minha caminhada. E ao meu (minha) novo (nova) filho (filha) que virá ao mundo e ainda não sei o sexo, pois ainda está no primeiro mês de gestação, mas que já amo com todo amor que há nesta vida. Obrigado, meu Jesus!

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me consentiu a graça de integrar a Turma IV do Profletras em Mamanguape-PB.

A minha amada esposa, Sibele Maria da Silva (Belinha), pela cumplicidade, pelas palavras de apoio e carinho e pela nossa história de amor.

Meu irmão Emerson Rodrigues de Souza (Messon) pelas valiosas dicas e incentivos.

A Emanuely Rodrigues da Silva e Souza (Nanuzinha), minha filha amada, luz da minha vida e razão da minha existência.

A minha Mãe, Maria do Carmo Rodrigues de Souza e ao meu pai, José Severino de Souza, que me ajudaram com imenso carinho, amor e palavras de apoio.

Ao meu orientador e amigo, Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues, pelas sugestões, pela paciência e pelas palavras de ânimo.

A minha incrível Prof.^a Dr^a Luciane Alves Santos por também ter me inspirado bastante a escrever após as suas aulas, sua postura e suas valiosas sugestões.

A minha amada e amiga Prof.^a Dr^a. Roseane Batista Feitosa Nicolau por ter sido muito mais do que uma excelente profissional, mas também uma amiga e modelo de ética, de garra e de justiça.

Ao Prof. Dr. Erivaldo Pereira do Nascimento por me ensinar no último módulo das Aulas presenciais o valor da reescrita e me mostrar o quanto eu posso ser capaz de ir muito além das minhas próprias forças.

A Prof.^a Dr^a Laurênia Souto Sales por me incentivar e me fazer exigir de mim mesmo uma maior profundidade e qualidade dos meus textos, além de estar sempre disponível a ajudar.

A todos (as) professores (as) que me ajudaram a evoluir intelectualmente.

Aos meus colegas de classe, que estiveram junto comigo nessa empreitada do mestrado, principalmente, a minha amiga Raissa Emanuelle, ao meu admirável amigo Marcos Tomé e um especial agradecimento ao grande amigo Rodrigo Andrade por ter compartilhado tantos momentos bons e ruins nessa nossa trajetória e me ensinado a acreditar sempre e cada vez mais em mim e nos meus planos.

Além, é claro, aos meus grandes amigos Dimas Ferreira (pela ajuda na proficiência em Inglês) Wilson Melo (pela força e pelos incentivos), Gledson José (pelos conselhos, pelas palavras de ânimo e pela sincera amizade) e ao meu irmão-compadre Ulissivaldo Caetano

(Uly) pelo apoio, pelo companheirismo, pelas ajudas e pela inspiração, a minha querida comadre Jôsi e, especialmente, a Paulo Pedroza (pelas longas conversas e santos auxílios).

Ao diretor da Escola de Referência em Ensino Médio Antonio Dias Cardoso, em Vitória de Santo Antão, **Prof. Mestre José Marinho**, por ter entendido a importância da minha capacitação profissional para melhor exercer minhas funções e, também, por ter me dado apoio e força.

À Educadora de Apoio e minha estimada amiga da Escola de Referência em Ensino Médio Devaldo Borges, em Gravatá, Prof^a Mestre Maria José (Zezinha), pelas inestimáveis ajudas que me prestou e pelos incentivos.

Ao **Mestrado Profissional em Letras** da UFPB pelo caminho proporcionado e por contribuir com a minha formação e o incentivo a mudança de postura profissional.

À **CAPES** (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), pela assistência técnica durante todo o período de realização deste mestrado e pela ajuda financeira que me proporcionou a viabilidade econômica nas viagens e nas estadias.

E, por fim aos **meus queridos e minhas queridas estudantes** que tanto me ajudaram nesse percurso. Além, dos compositores **Chico Buarque de Holanda e Belchior**, por terem me emprestado um pouco das suas genialidades para que eu pudesse levar às salas de aula seus escritos poéticos e proporcionasse aos meus estudantes o contato com o que há de mais preciso em matéria de letras da Música Popular Brasileira.

RESUMO

Esta pesquisa visou oportunizar o letramento literário a estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental, na modalidade voltada para a Educação de Jovens e Adultos (doravante EJA), no período noturno, em um colégio público municipal na Cidade da Vitória de Santo Antão, utilizando-se letras da Música Popular Brasileira (doravante MPB). Objetiva-se, com isso, o fomento da leitura literária a partir do trabalho com duas letras, uma do compositor cearense Belchior (Fotografia 3x4) e a outra, do compositor carioca Chico Buarque de Holanda (Construção). A proposta, em linhas gerais, debruça-se sobre a formação de leitores literários proficientes. Em termos metodológicos, constitui-se uma pesquisa-ação, centrada numa abordagem descritiva, qualitativa e interacionista, por intermédio de atividades sequenciadas e orientadas pelo professor-pesquisador, as quais buscam favorecer o diálogo entre o docente e os discentes, com o intuito de se efetivar as estratégias de leitura literária em sala de aula. Para desenvolver a intervenção, usamos a sequência didática básica desenvolvida por Rildo Cosson (2016). Os eixos teóricos que nortearam esta pesquisa de letramento literário foram, especificamente, os estudos de Magda Soares (1999), Kleiman (2012), Rildo Cosson (2016) e Todorov (2007); para utilização do texto literário em sala de aula, usamos os escritos de Rildo Cosson (2016), de Antonio Candido (2011) e de Marisa Lajolo (1982); em relação ao contexto social da MPB, recorremos aos trabalhos de Severiano (2013); e, por fim, para as biografias dos compositores, foram usadas as pesquisas de Medeiros (2017) e Silva (1980).

Palavras-chave: Letra de música. Letramento literário. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This research aimed to provide literary literacy to students of the Final Years of Elementary Education, in the modality focused on Youth and Adult Education (hereafter EJA), at night, at a municipal public college in the City of Vitória de Santo Antão, lyrics from Brazilian Popular Music (hereafter MPB). The objective of this work is to promote literary reading based on two-letter work, one by the Belchior composer from Ceará (Photo 3x4) and the other by the composer from Rio de Janeiro, Chico Buarque de Holanda (Construction). The proposal, in general terms, focuses on the training of proficient literary readers. Methodologically, it is an action research, centered on a descriptive, qualitative and interactionist approach, through sequenced activities guided by the teacher-researcher, which seek to favor the dialogue between the teacher and the students, with the purpose of if the strategies of literary reading in the classroom become effective. To develop the intervention, we use the basic didactic sequence developed by Rildo Cosson (2016). The theoretical axes that guided this research of literary literacy were, specifically, the studies of Magda Soares (1999), Kleiman (2012), Rildo Cosson (2016) and Todorov (2007); for the use of literary text in the classroom, we use the writings of Rildo Cosson (2016), Antonio Candido (2011) and Marisa Lajolo (1982); in relation to the social context of MPB, we use the works of Severiano (2013); and, finally, for the biographies of the composers, the researches of Medeiros (2017) and Silva (1980) were used.

Keywords: Music lyrics. Literary literacy. Youth and Adult Education.

SUMÁRIO

Introdução.....	12
Capítulo I - O letramento como um despertar para uma consciência social.....	16
1.1. Letramento e alfabetização.....	16
1.2. O letramento literário e suas licitudes	20
Capítulo II - Literatura e Ensino	26
2.1. O texto literário no cotidiano escolar	27
2.1.1. A teoria da literatura em sala de aula	27
2.1.2. O livro didático e a literatura.....	30
2.2. A literatura em perigo	34
Capítulo III - O gênero letra de música e a poesia	39
3.1. A jornada histórica das letras da música popular brasileira	41
3.2. A literatura nas letras da Música Popular Brasileira	51
3.3. Quando a letra de música “superou” os poemas no cenário brasileiro	58
3.4. A construção do letramento por intermédio das letras da MPB.....	67
Capítulo IV - Letras da MPB: uma intervenção para o Letramento Literário no âmbito escolar.....	72
4.1. Metodologia interventiva do projeto: pesquisa-ação.	73
4.2. O local da intervenção e o público alvo do projeto.....	75
4.3. O letramento literário e a sequência básica de Rildo Cosson.	76
4.4. Descrição do projeto de letramento literário na instituição escolar	79
Capítulo V - Análise dos registros coletados com os estudantes	95
5.1. Prospecção das preferências musicais dos estudantes.....	95
5.2. As perspectivas e constatações dos estudantes diante da letra <i>Fotografia 3x4</i>	104
5.4. Exposição escrita e oral à comunidade escolar	117
5.5. Opiniões dos discentes sobre o projeto <i>Letras da MPB como Recurso para o Letramento Literário na EJA</i>	119
Considerações finais.....	126

Referências 129

Apendice 139

Anexos 129

INTRODUÇÃO

A música, acompanhada de uma letra no século XXI, assim como foi no século passado, faz-se assaz presente nas rotinas diárias de quase todos os povos mundiais, por meio de rádios, de televisores, de anúncios publicitários, de celulares entre infindáveis outros canais de comunicação. Contudo, diferente do século XX, ela está acessível a quase todas as pessoas, por intermédio da internet e, o mais interessante ainda, de forma gratuita e quase ilimitada.

Diferente de décadas antecedentes esse produto cultural não é visto, muitas vezes, como cultura, pelo contrário, não raros são os momentos em que a música é, simplesmente, entendida por muitas pessoas, como mero entretenimento descartável e fugaz. Em oposição a isso, Bréscia (2003, p. 81) nos diz que “o aprendizado de música, além de favorecer o desenvolvimento afetivo, amplia a atividade cerebral, melhora o desempenho escolar dos alunos e contribui para integrar socialmente o indivíduo”, porém, esse fator educacional que a música traz em si, especialmente diante das suas letras, nem sempre reflete o trabalho desenvolvido por educadores em sala de aula.

O que assusta, ao se constatar esses fatos supracitados, notadamente nos ambientes educacionais, é que um veículo de aquisição de conhecimento, de cultura e de troca de experiências, como são as músicas com letras, às vezes não são tão consideradas e poderão ser de fato desprestigiadas e negligenciadas se não houver nas escolas um trabalho sério nesse sentido.

Nessa linha discursiva, o nosso objetivo geral de intervenção foi oportunizar o letramento literário aos estudantes da EJA para se fomentar a leitura literária a partir da análise de duas letras, cujo trabalho se constituiu de uma pesquisa-ação, centrada numa abordagem descritiva, qualitativa e interacionista, por intermédio de atividades sequenciadas e orientadas que foram acompanhadas pelo professor-pesquisador, com a intenção de se favorecer o diálogo entre o docente e os discentes, com o intuito de se efetivar as estratégias de leitura literária em sala de aula.

É fundamental que entendamos, antes de nos aprofundarmos nos estudos analíticos sobre o *corpus* selecionado, que há muita variação de significação e de temáticas entre os gêneros musicais presentes no cancionário popular do Brasil. Este trabalho abordou a Música Popular Brasileira como gênero musical em si e foi trabalhado como um recurso de acesso ao texto literário.

Os anos de 1950 a 1980 se tratam de uma fase, historicamente, muito significativa para a cultura musical brasileira e teve seu auge poético-musical entre os anos de 1968 e 1973¹. Faz-se importante que esclareçamos também, nesta parte do trabalho, que consideraremos que Chico Buarque de Hollanda e Belchior (assim com muitos teóricos o fazem) como para os nossos estudos, especialmente, aqueles que aqui selecionamos para análises e comentários, “poetas-compositores” ou “poetas-letristas”, uma vez que tais artistas voltam-se à escrita de letras de música com padrões literários, isto é, com textos bem trabalhados, semelhante ao observado em textos publicados em livro de literatura.

Além disso, esse estudo está voltado para o gênero textual *Letra de Música*, ou seja, não pretendemos com essa dissertação igualá-lo ao gênero literário *poema*.

Esta intervenção, que foi autorizada a pesquisa pelo comitê de ética da UFPB, é componente necessário da Dissertação do Mestrado Profissional em Letras, PROFLETRAS, setor de pós-graduação *stricto sensu*, validado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) do Ministério da Educação, que tem como escopo investir na formação de professores de Língua Portuguesa, para operarem na docência da Educação Básica.

Pretende-se com esta intervenção mostrar aos discentes como o gênero textual letra de música dialoga, pertinentemente, com os princípios composicionais que caracterizam os textos tidos como literários, nas suas expressões mais tradicionais como, por exemplo, o poema, o conto, a fábula entre outros. As letras da MPB são construções que, na sua maioria, caracterizam-se como textos mais bem elaborados esteticamente e culturalmente do que outros gêneros musicais, porque designam uma mais refinada, adulta e poética composição. Deste modo, acreditávamos que os textos selecionados proporcionariam uma ampliação cultural, um deleite estético pela leitura de textos metafóricos, uma significativa mudança de postura dos alunos nos aspectos relacionados com interpretações mais profundas das letras e uma consecutiva busca por leituras de textos literários.

Estudaram-se duas letras, a saber: *Fotografia 3x4*, do compositor e cantor Belchior que trata de uma jornada migratória do personagem central da música, que residia no interior do estado do Ceará, para as grandes cidades do Rio de Janeiro e São Paulo².

¹ Essa afirmação baseia-se nos comentários feito pelo teórico Charles A. Perrone no livro **Letras e letras da MPB**. 2ª ed. Rio de Janeiro: ed. Elo, p. 21, 1988.

² Segundo Jotabê Ribeiro “O Rio de Janeiro acabaria se tornando uma cala transitória em sua carreira [Belchior], mas o peso daqueles dias o levou a fundir a experiência no grande eixo metropolitano como se fosse tudo uma cidade só. Está em sua canção “Fotografia 3x4””. (MEDEIROS, Jotabê. **Belchior - apenas um rapaz latino americano**. 1ª edição. São Paulo: ed. Todavia, p.44, 2017).

Abordam-se, ao longo do texto, vários aspectos culturais, sociais, políticos e críticos, de forma poética, do homem em relação à vida urbana e rural no país. Em seguida, foi trabalhada a letra da música *Construção*, do cantor e compositor Chico Buarque, que encena um teor social, político e crítico que complementa a ideia migratória e de parca aceitação social, diante do personagem central do texto, que fora iniciada pela letra de Belchior, constituindo-se, então, de uma união temática de denúncia social bastante contumaz e uma espécie de opereta para se desenvolver o letramento literário dos estudantes, servindo, assim, de um estímulo à leitura própria do texto literário.

É elementar esclarecermos que o interesse por esse gênero textual, como mediador para o trabalho com a literatura, em uma turma da EJA, deu-se por dois motivos: primeiro, por entendermos que a leitura de textos mais bem elaborados e com uma linguagem menos óbvia, carregados de metáforas, de rebuscamentos estilísticos, de multissignificações é necessária para se melhorar a comunicação linguística em sociedade (isso ainda é uma barreira quase intransponível na vida educacional dos nossos discentes) e, também, despertar o fomento à leitura literária; e esclarecer para os estudantes como algumas músicas, com as suas letras, podiam exercer um importante papel na formação de pessoas mais atentas aos sinais de manipulação das massas pelos detentores do poder midiático e dos governos.

Para o aporte teórico, entre outros especialistas, usaram-se os estudos sobre o letramento literário de Magda Soares (1999), Kleiman (2012), Rildo Cosson (2016) e Todorov (2007); para utilização do texto literário em sala de aula, usamos Rildo Cosson (2016), Antonio Candido (2011), Marisa Lajolo (1982) e Abreu (2006); acerca do estudo das letras de músicas e poesias as pesquisas de Aguiar (1993), Ribeiro Neto (2011), Tinhorão (2010), Perrone (1988) e Sant’Anna (2013); em relação ao contexto social da MPB, recorremos aos trabalhos de Severiano (2013); e, por fim, para as biografias dos compositores, foram usadas as pesquisas de Medeiros (2017) e de Silva (1980).

Contando com essa introdução, nossa intervenção está desenvolvida em quatro distintos capítulos, repartidos da seguinte forma: no primeiro, desenvolveremos uma análise dos princípios que regem a alfabetização, o letramento e o letramento literário e suas licitudes; no segundo, trabalharemos com os textos literários no cotidiano escolar e o “perigo” que a literatura tem corrido ao longo dos anos no requisito importância educacional; no terceiro, falaremos da jornada histórica da MPB no Brasil, bem como a literatura está presente nas letras da MPB, no fato de quando as letras “superaram” a poesia

nos livros no período de 1968 a 1973, e, ainda, a construção do letramento por meio das letras da MPB e, no último capítulo³, realizaremos a utilização da *Sequência Básica* desenvolvida por Rildo Cosson (2016) para transcorrer sobre o letramento literário em nossa sala de aula. Em sequência, falaremos sobre as reflexões acerca dos conteúdos coletados a partir da escrita e da participação dos estudantes no processo interventivo, findando, então, com as considerações finais deste trabalho.

Pleiteamos, ao término dessa intervenção, que os nossos alunos e as nossas alunas tenham tido contato com textos de elevado e significativo valor literário, servindo esses, de estímulo para que se interessem e se aproximem das leituras provenientes dos textos de literatura que são, como é notório imaginar, tão essenciais para uma boa formação na Educação Básica, sobretudo, em turmas tão heterogêneas quanto são as da EJA, do período noturno. Portanto, por nós esperado, ainda, que os materiais escolhidos pelo professor-pesquisador ajudem, veementemente, a influenciar atitudes acadêmicas e sociais dos discentes.

³ Neste momento da dissertação foi optado pela utilização da primeira pessoa do singular por se considerar, em linhas gerais, que deixaria a presença das marcas do sujeito da pesquisa mais fiel aos fatos analisados por ele.

Capítulo I - O letramento como um despertar para uma consciência social

Neste capítulo, as nossas análises e comentários foram pautados nos aspectos relacionados à alfabetização e ao letramento; e, em seguida, enfatizamos o letramento literário e suas licitudes, pois esses são conceitos essenciais para se compreender a leitura como sendo um ato social e como designação primordial da escola, porque esta é a principal auxiliadora do letramento, objetivando-se, assim, estratégias para modificar positivamente as práticas de leitura. Como algo mais significativo, palpável e consistente nas vidas dos nossos estudantes.

1.1. Letramento e Alfabetização

A sociedade em que vivemos está cercada de comunicações por todos os lados. Estas, por sua vez, manifestam-se de inúmeras formas e modos, com o intuito de atingir suas metas. Todos os agentes que participam desse meio social precisam estar, de alguma forma, participando desse processo de codificação e de decodificação comunicativa. Podemos destacar como um dos artifícios interacionistas mais eficientes o código linguístico da escrita, ou seja, a grafia das palavras.

É fundamental compreendermos que estamos em uma sociedade de cultura grafocêntrica, cujo poder da palavra é algo inegável e de extrema importância. Podemos, ainda, avaliar que as pessoas que não dominam a dinâmica comunicativa que o texto escrito traz ficam à margem de determinados processos de desenvolvimento comunicativo, social e cultural que o código escrito sintetiza, pois a grafia é detentora de infindáveis combinações que eternizam pensamentos e temáticas várias, através de sinais gráficos e significados polissêmicos.

Nem todos os sujeitos que participam dessa sociedade dominam a escrita e a leitura de forma plena ou mínima. Ou, ainda, muitos que as dominam pouco fazem para utilizá-las com competência, sobretudo, quando precisam usá-las a fim de contestar alguns valores sociais, relações de tradição, poder ou afins. E, para entendermos como esse processo se desenvolve, é fundamental definirmos dois conceitos importantes, para que ocorra a plena comunicação, por intermédio das palavras, que são a alfabetização e o letramento.

Por alfabetização ou alfabetizar-se utilizaremos, de início, a definição de Soares (2014) cujas palavras discorrem sobre essa temática, afirmando que:

[...] etimologicamente, o termo *alfabetização* não ultrapassa o significado de “levar à aquisição do alfabeto”, ou seja, ensinar o código da língua escrita, ensinar as habilidades de ler e escrever; pedagogicamente, atribuir

um significado muito amplo ao processo de alfabetização seria negar-lhe a especificidade, com reflexos indesejáveis na caracterização de sua natureza, na configuração das habilidades básicas de leitura e escrita, na definição da competência em alfabetizar (SOARES, 2014, p. 15).

A escritora nos diz que a alfabetização é aprender a reconhecer as letras do alfabeto e de juntá-las em sílabas para se formar palavras e, conseqüentemente, textos. Configurando-se como o objetivo central da codificação e da decodificação. Porém, não induz à leitura mais profunda do mundo e das vertentes que o cercam, para que possamos interpretá-lo melhor e interagir com ele de modo mais profundo.

Hoje esse conhecimento não é suficiente para uma pessoa ser considerada alfabetizada plenamente, no uso de uma língua e ser proficiente nela. A comunicação é um fenômeno estritamente social, coletivo e dinâmico, constituindo-se de algo que vai além, ou seja, como a própria Soares (1999, p. 19) afirma: "Alfabetizado é aquele que apenas aprendeu a ler e a escrever, não aquele que adquiriu o estado ou a condição de quem se apropriou da leitura e da escrita, incorporando as práticas sociais que as demandam". Em suma, o conceito de alfabetização deve ir além da tradicional forma "aprender a escrever e a ler" ou "identificar as letras do alfabeto" ou como forma de codificação e decodificação das palavras.

Reforçando o conceito supracitado, podemos dizer que até quando a estudiosa Mary Kato (1986, p.7) vem a cunhar o termo "letramento", o fato de "irmos além da simples identificação das letras e das palavras" que era denominado de alfabetismo.

Em meados da década de 1990, a palavra letramento emergiu com força nos meandros acadêmicos como nos afirma a pesquisadora Kleiman (1995, p.18-19), cujo discurso acerca dele nos explica que ele é "um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, como sistema simbólico e como tecnologia, em contextos específicos, para fins específicos". Trata-se de algo mais amplo, dinâmico e eficiente do que a simples alfabetização. Para que possamos identificar detalhes, que distingam ainda mais a alfabetização do letramento recorreremos novamente à Soares (1999, p.17), pois, segundo a estudiosa:

O termo letramento com o sentido que hoje lhe damos. Onde fomos buscá-lo? Trata-se sem dúvida, da versão para o Português da palavra da Língua Inglesa *literacy*. Etimologicamente, a palavra *literacy* vem do latim *littera* (letra), com o sufixo – *cy*, que denota qualidade, condição, estado, fato de ser [...] Ou seja, *literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Implícita nesse conceito está a ideia de que a escrita traz consequências sociais, culturais, políticas, econômicas,

cognitivas, linguísticas, quer para o grupo social em que seja introduzida quer para o indivíduo que aprenda a usá-la (SOARES, 1999, p.17).

Podemos afirmar que a autora nos esclarece o que vem a ser o letramento, faz-nos perceber que vai além da alfabetização em inúmeros aspectos. Configurando, assim, como uma ampliação do conhecimento que se pode adquirir a partir do texto e, sobretudo, cria condições necessárias para que os indivíduos compreendam melhor como se desenvolvem as mazelas sociais, o dinamismo das relações e faça uma leitura de mundo mais completa e consistente, por desenvolver o senso crítico diante dos fatores vários que envolvem o contato intersocial. Desenvolve o uso real da língua, incluindo aspectos contextuais, históricos, culturais e coletivos.

Percebemos que os indivíduos letrados ampliam sua capacidade comunicativa, pois leem o código escrito como um instrumento de transformação social e não como um fator de transmissão de conhecimento pré-fabricado e sem sentido. E, a fim de nos esclarecer ainda mais o conceito de letramento e a importância dele para diferenciá-lo da mera alfabetização, vejamos o que nos diz Marcuschi (2008) a esse respeito e no que se refere aos vários tipos de letramento existentes:

Há uma expressão que hoje se tornou um uso muito mais amplo, isto é, letramento. Com a expressão letramento tem-se em mente os usos sociais da escrita numa dada sociedade. Não há um letramento apenas, mas sim um contínuo de letramento. É mais do que o simples domínio da escrita formal. Não se confunde com a alfabetização nem com o uso da escrita apenas (MARCUSCHI, 2008, p.72).

O autor nos alerta para algo muito importante, que diz respeito à questão de que não existe apenas um tipo de letramento, mas sim um “contínuo” de letramento. Inferimos que esse processo não ocorre simplesmente pelo fato de uma pessoa ser alfabetizada em um ambiente escolar, por exemplo. Pois, quando alguém está inserido em uma sociedade com sua cultura e sua língua, ele desenvolve habilidades que proporciona meios de interagir com outras pessoas para adquirir informações relativas a números, a letras, a símbolos, isto é, tudo isso de forma oral. Podemos inferir que o analfabeto pode também incorporar características pertinentes a letrados, só que oralmente. Acerca dessa temática, Soares (1999) nos tira dúvidas que possam emergir a esse respeito:

Uma última inferência que se pode tirar do conceito de letramento, é que um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a letramento). Assim, um adulto pode ser analfabeto, porque marginalizado social e economicamente, mas, se vive em um meio em que a leitura e a escrita têm presença forte, se se interessa em ouvir a leitura de jornais feita por um alfabetizado, se recebe cartas que outros leem para ele,

se dita cartas para que um alfabetizado as escreva (e é significativo que, em geral, dita usando vocabulário e estruturas próprios da língua escrita), se pede a alguém que lhe leia avisos ou indicações afixados em algum lugar, esse analfabeto é, de certa forma, letrado, porque faz uso da escrita, envolve-se em práticas sociais de leitura e escrita (SOARES, 1999, p.24).

Essa afirmação da autora vem expandir ainda mais o que Marcuschi havia dito, porque há variados letramentos, já que o universo social e cultural a que as pessoas participam é complexo, ou seja, os sujeitos podem de certa forma, ser considerados iletrados e letrados, concomitantemente, a depender das atividades que desenvolvam, das informações que mobilizem e os tipos de linguagens que empreguem em cada situação de sua vida cotidiana.

Faz-se útil que o docente jamais desdenhe ou ignore a oralidade do estudante ao chegar ao ambiente escolar, pois ele traz uma vivência social e cultural anterior que contribuirá muito para que se desenvolva o interesse pela leitura e a pela escrita, porque se houver negligência por parte da escola, nesse momento, devido a sua tradição grafocêntrica, o sistema educacional estará possivelmente destinado ao fracasso. O resgate que a escola pode fazer da história do estudante poderá ensinar-lhe os benefícios de se aprender a escrever e a ler com proficiência.

Lembrar que a escola deve estar sempre alerta ao que o uso da leitura pode proporcionar para os estudantes. Possuir a habilidade de se decifrar a escrita, por si só, não desenvolve intelectualmente ninguém e, por isso, é que urge a necessidade de se proporcionar um efetivo incremento do processo de letramento. Já que este conduz ao enfrentamento das demandas sociais, no que se refere a questões de todas as ordens, a saber: política, cultural, religiosa, profissional entre infinitas outras.

É fundamental que os estudantes da Educação de Jovens e Adultos (doravante EJA), que são o objeto de estudo dessa intervenção, já são, na sua maioria, pessoas com uma formação cultural muito ampla. Porém, ainda lhes falta uma tradição gráfica efetiva, para lhes mostrarem mais possibilidades de desenvolvimento pessoal, intelectual e humano. Apesar de eles saberem, de certa forma, quais são as mudanças sociais que a leitura e a escrita dos textos lhes proporcionarão, sobretudo, fazendo-os agentes ativos no meio comunitário em que residem e, com isso, fazendo-os evoluírem em todos os meios sociais, também precisam ter a noção de que isso os impulsionarão a reagir diante da inércia social em que, muitas vezes, vivem.

Devemos também ressaltar, em vista disso, que ao se desenvolver nos estudantes uma prática de letramento, eles poderão adquirir o gosto pela leitura e aperfeiçoar o uso da escrita no seu dia a dia.

No próximo tópico, iremos abordar o letramento literário em suas licitudes, algo que será fundamental, a fim de que se entenda a importância real de se ler um texto de literatura, independente do gênero a que ele pertença, com maior obtenção de significado. Poder-se-ão inferir inúmeras possibilidades do uso da língua com suas vertentes imaginárias, suas sensações de prazer, sem nos esquecermos da possibilidade de estarmos de forma atemporal em qualquer lugar, espaço ou ambiente, sem nos esquecermos, de modo algum, de dialogarmos com os abismos da mente humana. Contudo, todos esses aspectos só poderão ocorrer se houver letramentos em todos os sentidos possíveis.

1.2. O letramento literário e suas licitudes

Inicialmente, para bem especificarmos o que vem a ser o letramento literário, faz-se fulcral sabermos de que se trata de um processo de apropriação da literatura enquanto linguagem. Para se compreender bem esse “processo”, diríamos que se trata de um ato contínuo de aprendizagem, em outras palavras, é algo inacabado. A fim de exemplificá-lo, ainda melhor, podemos dizer que se inicia no nosso contato social mais primário e vai se desenvolvendo constantemente, por exemplo, com as cantigas de ninar, passando pelos contos de fadas, pelos poemas entre outros. Fazendo com que, gradativamente, apropriemo-nos da cultura letrada que nos rodeia, atribuindo, assim, sentidos e valores múltiplos. É uma ação inacabada.

Por outro lado, também é importante que vejamos o significado da palavra “apropriação”, no âmbito do letramento literário. Diríamos que a “apropriação literária” é o fato de se tomar para si as informações inerentes aos textos literários, especialmente, diante dos aspectos interpretativos presentes nas linhas e entrelinhas, nos sentidos conotativos e nas plurissignificâncias que são inerentes ao universo literário e, a partir daí, transformá-los em conhecimento.

O letramento literário enquanto “linguagem” está em consonância com as suas infindáveis licitudes e virtudes, além do modo como se constrói os sentidos ou os plurissentidos, por intermédio da leitura do texto literário. Já que esse traz em si, uma carga comunicativa muito ampla e se configura também como um mecanismo humanizador no trato

social, isto é, para se entender bem os meandros que permeiam os textos de valor literário a linguagem é um fator decisivo e prioritário.

Para esclarecermos ainda mais o supracitado, vejamos o que nos diz Cosson (2016) a respeito do processo do letramento literário:

O processo de letramento que se faz via textos literários compreende não apenas uma dimensão diferenciada do uso social da escrita, mas também e, sobretudo, uma forma de assegurar seu efetivo domínio. Daí sua importância na escola, ou melhor, sua importância em qualquer processo de letramento, seja aquele oferecido pela escola, seja aquele que se encontra difuso na sociedade. (COSSON, 2016, p.12)

O autor nos remete a algo muito importante e que diz respeito ao uso social da escrita presente nos textos literários, ou seja, os textos que advêm da literatura não são e jamais podem ser considerados triviais ou apenas artísticos e prazerosos, mas, sim, que contêm altos níveis de conhecimentos e incorporam as diversas áreas de informações que a humanidade até hoje já desenvolveu e efetivam-nos, a partir desse contato, com o domínio da escrita crítica e reflexiva, o que caracteriza a essência do letramento literário. Também nos esclarece as várias possibilidades interpretativas que eles traduzem no trato social.

Isso mostra a importância enorme da literatura, justificando o porquê de ela influenciar diretamente as pessoas e emancipá-las. Fazendo-nos dizer, sem incorrermos no risco da hipérbole, que ela, através do letramento que proporciona, é a única disciplina escolar que jamais poderia ficar fora dos currículos educacionais.

A literatura amplia a visão de mundo, humaniza e conscientiza ao mesmo tempo as pessoas; liberta as mentes de uma visão limitada dos acontecimentos sociais diversos; reelabora os múltiplos discursos padronizados que há nos ambientes sociais e nos faz perceber as entrelinhas dos discursos, incentivando, assim, o desenvolvimento do leitor literário como cidadão em sua completeude.

A fim de explicarmos ainda mais os meandros supracitados, vejamos o que Barthes (1977) nos diz a respeito da literatura e do letramento que ela proporciona:

A literatura assume muitos saberes. Num romance como Robinson Crusoé, há um saber histórico, geográfico, social (colonial), técnico, botânico, antropológico (Robinson passa da natureza à cultura). Se, por não sei que excesso de socialismo ou de barbárie, todas as nossas disciplinas devessem ser expulsas do ensino, exceto uma, é a disciplina literatura que deveria ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário. É nesse sentido que se pode dizer que a literatura, quaisquer que sejam as escolas em nome das quais ela se declara, é absolutamente, categoricamente realista: ela é a realidade, isto é, o próprio fulgor do real. Entretanto e nisso verdadeiramente enciclopédico, a literatura faz girar os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá um lugar indireto,

e esse indireto é preciso. [...] A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa. (BARTHES, 1977, p.16-17)

O teórico nos esclarece que a leitura do texto literário é algo muito importante e imprescindível, a fim de que possamos desenvolver as percepções necessárias para um amplo desenvolvimento intelectual, cultural e humano. Ela traz em si muitos saberes de épocas e tempos variados e, a partir das informações imbricadas nela, impulsiona-nos a entendermos com maior nitidez como se encadeiam os pressupostos e as entrelinhas que permeiam os raciocínios textuais no âmbito literário, consoante suas metáforas, polissemias, polifonias, inversões de sentidos e paradoxos, além de infindáveis intenções comunicativas subjacentes.

Tudo o que o texto literário pode proporcionar, só poderá ser adquirido, pelo estudante, à medida que se constrói um efetivo letramento literário no ambiente escolar, em outras palavras, quando efetivamente se ensina o discente a pensar sobre o texto e a partir dele, independente do gênero em que se enquadre, principalmente diante das prováveis inferências, contradições, pressupostos, ideologias, tradições, minúcias e uma gama interminável de detalhes que possuam.

Só se consegue perceber, verdadeiramente, esses nuances, quando se ampliam, a partir de um exercício contínuo e cumulativo, que gravitem em torno de debates acerca de textos literários bem escritos e com uma boa comunicabilidade. Ampliando assim, a visão e os conceitos que os estudantes têm das possibilidades que os textos literários podem trazer para as suas vidas e os influenciá-los a refletirem sobre o trato social nos lugares em que frequentam.

Ressalta-se, no entanto, que a partir daí advém a importância de se desenvolver o letramento literário de forma proficiente nas aulas de Língua Portuguesa na EJA, utilizando-se de textos completos e não simplesmente fragmentos que constam nos livros didáticos. A esse respeito, bem nos diz Cosson (2016, p.20) ao afirmar que “o ensino de literatura em nossas escolas no Ensino Fundamental tem a função de sustentar a formação do leitor” (só que com um viés, muitas vezes, da busca de informações explícitas e “óbvias”, a partir de textos fragmentados e, quase sempre, com o intuito de se trabalhar normas gramaticais tradicionais). Por sua vez, Cosson (2016, p.20) ainda nos diz que “no Ensino Médio integra esse leitor apenas à cultura literária brasileira, constituindo-se, em alguns currículos, uma disciplina à parte da Língua Portuguesa”, quase que algo mais ligado à história dos

movimentos literários e a dos escritores (as) e sempre conforme leituras fragmentadas. Desse modo, jamais se concretizará o letramento literário na sua adequada função.

Temos de entender que o ensino de literatura nas aulas de Língua Portuguesa é essencial, porque abarcará esse viés de inclusão social e de ferramenta comunicacional e fará com que os estudantes fiquem mais atentos aos sinais ulteriores que o texto literário gera ao redor de si e a partir de si.

Jamais podemos deixar de mencionar o papel humanizador que a linguagem literária traz nos seus meandros multifacetados de expressões, proporciona experiências de empatia muito significativas, especialmente nesses tempos caóticos, pois ela nos trazem sensações de tempos remotos, presentes e vindouros que conduzem a questionamentos e a reflexões riquíssimas. Por mais que estejamos falando de um modo de escrever artístico, que é o oriundo do texto literário, existem imbricados nele personagens, atos, situações, ideologias, contradições e tudo o que se possa pensar. Podem ser sem dúvida alguma, fatores que quaisquer pessoas poderão vivenciá-los e isso nos trazem questionamentos e nos fazem pensar em como os estudantes se identificarão com eles.

Ler o texto literário é, antes de tudo, um direito que a escola nunca poderá negligenciar aos seus estudantes, já que ele apura e enobrece o raciocínio dos discentes. A literatura não só é um direito, mas também é uma necessidade, como bem nos explica Antonio Candido (2011):

Primeiro, verifiquei que a literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade. Em segundo lugar, a literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos ou de negação deles como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. A organização da sociedade pode restringir ou ampliar a fruição deste bem humanizador (CANDIDO, 2011, p.188).

O crítico literário é direto ao explicar o poder de transformação que a literatura proporciona às pessoas que têm o contato franco com ela. A sua ausência nas instituições escolares, segundo ele, acarretaria em “mutilação da personalidade”, algo muito sério de se pensar, principalmente, quando nos referimos à EJA, uma modalidade de ensino que tenta resgatar educacionalmente pessoas que não tiveram as mesmas condições e oportunidades de ascensão, por meio dos estudos, que os alunos do ensino regular. E, sem dúvida, a literatura os ajudará a despertar um posicionamento mais consciente, crítico e responsável

perante os problemas sociais que os cercam. Por isso, jamais pode ficar aquém das aulas de Língua Portuguesa.

A literatura também funciona como um veículo de conhecimento abrangente e, ao mesmo tempo, um instrumento de inclusão social, assaz perceptivo, porque traz consigo muitos valores imprescindíveis para o desenvolvimento intelectual e humano dos estudantes. Ela faz das pessoas, a partir dos questionamentos indissociáveis que possui, protagonistas de suas vidas e agentes participativos nos ambientes sociais que convivem. Além disso, tira-os do papel de meros espectadores, por exemplo, do que as mídias impõem. Induz a uma não alienação tão massificadamente imposta pelos meios de comunicação em geral. Ajudando na criação de estudantes independentes e não facilmente manipuláveis.

Em vista de tudo até que exposto, que o letramento literário é algo essencial, não um supérfluo conhecimento a vir a ser adquirido, mas para que possa fazer os estudantes não só se desenvolverem intelectualmente, mas também lhes mostrar outros mundos, outras possíveis vidas, isto é, enriquecer as suas histórias de vida, os seus pensamentos. Ajudando-os a entender melhor o mundo em que habitam e fazê-lo mais significativo para si e para os seus semelhantes.

Faz-se necessário pensarmos no quanto é transformador o papel da literatura na vida das pessoas, sobretudo, quando esta proporciona o genuíno letramento literário, o qual se configura como a pretensão primordial desta intervenção. Para que possamos perceber o quanto o letramento literário pode influenciar as pessoas, vejamos o que nos diz Todorov (2009) acerca da função da literatura na vida dele:

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta me vem espontaneamente à cabeça: porque ela me ajuda a viver. [...] ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor conhecê-las. Não creio ser o único a vê-la assim. Mais densa e mais eloquente que a vida cotidiana, mas não radicalmente diferente, a literatura amplia o nosso universo, incita-nos a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo. Somos todos feitos do que os outros seres humanos nos dão: primeiro nossos pais, depois aqueles que nos cercam; a literatura abre ao infinito essa possibilidade de interação com os outros e, por isso, nos enriquece infinitamente. Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentidos e mais belo. Longe de ser um simples entretenimento, uma distração reservada às pessoas educadas, ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (TODOROV, 2009, p. 23-24).

Todorov, com o seu relato, vem a confirmar tudo aquilo que Antonio Candido tinha exposto, ou seja, a literatura “liberta”, “humaniza” as mentes e as conduz a patamares elevados do conhecimento humano.

Ela não tem a função de deleite tão-somente, pode até proporcionar isso, mas antes de tudo exerce o papel de “ampliadora” de mundos, de possibilidades, de como podemos ser diferentes a partir dela e nos faz adquirir uma consciência de que não estamos sozinhos neste planeta e de que temos a possibilidade de interferir nas ações que não nos satisfazem. Pois, o que sentimos são sensações que podem e fazem parte de inúmeras pessoas, sociedades, governos, etnias e assim por diante.

É válido nos lembrarmos do que afirma a pesquisadora Abreu (2006, p.19) “a escola ensina a ler e a gostar de literatura. Alguns aprendem e tornam-se leitores literários. Entretanto, o que quase todos aprendem é o que devem dizer sobre determinados livros e autores, independentemente de seu verdadeiro gosto pessoal”. Podemos concluir que, para que o letramento literário realmente faça sentido na vida dos estudantes, ele deve ser significativo como nos demonstra Todorov (2009, p.125): “ajudando-o a viver”. E não se pode jamais usar o texto literário apenas com fragmentos, com a memorização de data, de livros, de estilos, de escritores entre tantas outras superficialidades. O contato com o texto integral é o que o professor deve ajudar a proporcionar, porque sem esse contato direto não se transformam vidas, não se adquire o gosto pela leitura e pelos livros literários, não se desperta o senso crítico, não se humanizam as pessoas, não se desenvolvem empatias, não se criam mentalidades ativas e conscientes acerca dos seus direitos e dos seus deveres, provavelmente, o que se consegue sem esse contato integral com os textos literários é totalmente o oposto do letramento literário que liberta e emancipa. Logo, a escola jamais pode pactuar com tal catástrofe educacional.

Em seguida, iremos compreender com mais profundidade como o texto literário está nas aulas de Língua Portuguesa voltadas à literatura, no seu cotidiano escolar. Os perigos que ela vem correndo devido ao inadequado uso ou subestimado valor que alguns protagonistas educacionais lhe impõem.

Capítulo II - Literatura e Ensino

Este capítulo diz respeito à importância da literatura no ambiente escolar e as suas funcionalidades, sobretudo, do ponto de vista das pretensões que almejamos alcançar, no âmbito educacional, com esta intervenção.

O nosso principal objetivo gira em torno de estratégias e meios que facilitem a formação, na escola, do leitor literário proficiente e consciente do papel que a literatura desempenha no desenvolvimento semiótico, intelectual, psicológico, linguístico, sociolinguístico e humano. Além de ajudá-los a compreenderem o valor das produções culturais advindas do universo literário, como nos afirma Samuel (1985):

A literatura faz parte do produto cultural do trabalho humano, isto é, da cultura. A cultura de um povo são suas realizações, em diversos sentidos, como as ciências e as artes. É um conjunto social herdado, que de certo modo determina a vida dos indivíduos (SAMUEL, 1987, p.7).

Este comentário do autor nos deixa evidente como a literatura é essencial no ensino cotidiano, porque faz parte da “cultura humana” e nos mostra suas realizações, ou seja, é o processo identitário em si. Em outros termos, é o mais rebuscado e o mais célebre esplendor de autoidentificação imagética, por intermédio da palavra escrita, que as pessoas podem ter para atingirem um elevado nível de conhecimento “imaterial, impalpável, imensurável, improvável, irreal” (PINTO, 2011, p.29).

Desse modo não podemos deixar de cogitar a arte literária na escola como protagonista. Ela “liberta” as mentes, ampliam-nas em diversos aspectos morais, políticos, humanos, sociais entre outros. Fazendo dos estudantes que têm esse acesso facilitado pelos professores, em sala de aula, pessoas mais habilidosas, esclarecidas e críticas. Além de desenvolverem melhores técnicas de leitura, compreensão, interpretação e, também, da escrita dos seus próprios textos.

Devemos, ainda, acrescentar que não só influenciam na interpretação dos textos e de como produzi-los bem, mas também dos contextos, porque tudo que advém desse leque comunicativo, proporcionado pelas leituras literárias nas escolas, reflete no ser humano pertencente ao convívio social, já que a literatura emerge no e pelo particular dos intemperes da mente humana, a fim de alcançar o universal. Brotando assim, de uma determinada sociedade atemporal, para se conquistar uma universalidade efetiva.

2.1. O texto literário no cotidiano escolar

Vamos tentar entender melhor como está se desenvolvendo o ensino da teoria literária nas aulas de Literatura e como se está trabalhando o livro didático com textos literários na escola, para auxiliar na melhoria das práticas de leitura literária no âmbito escolar. Tendo como base as pesquisas de Cosson (2016), Eagleton (2006), Lajolo (1982-2000), Silva (2012) Todorov (2009) e Zilberman (1988).

2.1.1. A teoria da literatura em sala de aula

A literatura como uma das artes presentes nos meios educacionais remete-se à Antiguidade Clássica, tendo como um dos primeiros interessados por ela o renomado filósofo ateniense Platão (427-347 a.C.), visto que o seu pupilo Aristóteles (384-322 a.C.) construiu as normas e os conceitos que a literatura traz relacionados à dramaticidade, além de uma atitude pedagógica. A obra que Aristóteles redigiu denomina-se Poética, que serviu como referencial normativo à época e que perdurou como tal, por inúmeros séculos, até que então, no século XIX, o estilo de época Romantismo rompe com esse caráter normativo e transfigura-se de modo descritivo como metodologia de análise.

Faz-se necessário um breve comentário sobre a ampla importância da Poética de Aristóteles, para a literatura ocidental. A fim de bem entendermos essa acuidade, vejamos o que Araújo (2011) explica-nos a respeito desse texto fundamental, para a literatura, do filósofo grego:

O texto aristotélico é a base da teoria da literatura do Ocidente e a Poética é uma sistematização sobre o discurso literário, na qual são discutidas a natureza da poesia e suas espécies, critérios distintos de imitação narrativa, gêneros e verossimilhança. A Poética é, antes, um conjunto de anotações didáticas resumidas e seus enunciados não chegaram a ser desenvolvidos. Pouco conhecida na Idade Média, a obra foi divulgada na Europa do século XVI, por humanistas italianos, e passou a exercer influência nas artes dos séculos posteriores. A mimesis, o mito e a catarse formam a base da arte poética, além do texto, circunscrito aos limites da tragédia e da epopeia, visto que a comédia é citada apenas como uma promessa de estudo. As versões das edições da Poética estão em manuscritos gregos (séculos X e XIV), um manuscrito árabe (século X) e dois manuscritos latinos (século XIII) (ARAÚJO, 2011, p.72).

Esses esclarecimentos da autora sobre a Poética de Aristóteles são importantes para notarmos o quanto se trata de um texto fulcral para a humanidade e para a literatura, ao longo dos anos, e o quanto a influenciou e ainda a influencia.

Faz-se necessário que pensemos um pouco mais sobre essa teorização da literatura. Podemos fazê-lo a partir do letramento literário no cotidiano escolar, isto é, de como esta teoria, que é oriunda de tempos remotos, pode facilitar o acesso ao texto literário em sala de aula de modo acessível e influente, positivamente. Em outras palavras, como esta teoria literária poderá ajudar a despertar nos estudantes vários efeitos sensoriais eficazes, a fim de que se tenha uma interação perspicaz com a literatura, pois como nos afirma Pinto (2011, p.15) que “a Teoria da Literatura procura mostrar como o fenômeno literário ocorre, porque ocorre e quais suas perspectivas. Ou seja, para a Teoria, a literatura é como um raio de luz refletido por um calidoscópio — suas possibilidades são infinitas”.

Esse comentário deixa evidente que, em oposição ao período clássico, hodiernamente a teoria da literatura não é um manual com normas fixas que devem ser seguidas à risca, mas, sim, um auxílio metodológico para se ensinar a ler melhor (com criticidade, com reflexão, com inferenciações etc.) e a se interpretar com mais apuro as nuances e as distinções existentes nos textos literários. Porém, sem nunca nos esquecermos de que ela jamais pode ser usada como justificativa para que se desenvolvam imposições ou fichamentos desnecessários, pois isso só distancia ainda mais os possíveis leitores literários.

Então, a partir de agora, pensemos nos textos conforme duas vertentes: o texto não literário e o texto literário.

Inicialmente, reflitamos sobre o que vem a ser, de fato, um texto não literário. Digamos, sem a pretensão de esgotarmos a definição da temática, que se trata de uma composição com vínculos apenas voltados para aspectos objetivos e afixados na vida real. Tendo como principal norte a informação direta, clara e denotativa em seus mais precisos aspectos possíveis da comunicabilidade, sem cogitarmos dupla significação ou quaisquer paradoxos. Esse tipo de texto se faz presente, especialmente, em artigos científicos, em notícias, em reportagens, em manchetes, ou seja, em textos jornalísticos de modo geral. Além, é claro, de estar presente em textos acadêmicos e em tudo que se possa considerar como comunicação oficial e entre vários outros gêneros similares com o caráter denotativo.

Por outro lado, o texto literário opõe-se a quase tudo que o texto não literário traz como essência. Para bem iniciarmos a análise sobre o texto literário, tomemos apenas como ilustração, um trecho do poema Nova Poética, de Manuel Bandeira (1993), que diz:

[...] O poema deve ser como a nódoa no brim:
Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero.
Sei que a poesia é também orvalho. [...]
(BANDEIRA, 1993, p.205)

O poeta pernambucano, por meio de uma linguagem metafórica e artística, apresenta-nos uma nova perspectiva da expressão Poética, intitulando o próprio texto de “Nova Poética”, pois mesmo que esses versos não se enquadrem no aporte teórico, podemos apenas tomá-lo como uma simples referência com o texto de Aristóteles, já que supomos uma intertextualidade por parte de Bandeira.

Além disso, podemos afirmar que o poeta nos versos “O poema deve ser como a nódoa no brim: /Fazer o leitor satisfeito de si dar o desespero”, vem nos evidenciar as intenções sensoriais que o texto genuinamente literário provoca em quem os lê, e é isso que pretendemos explicar teoricamente aqui.

Devemos, também, atentarmos para a forma como a composição é escrita, e nos apoiarmos na Semiologia, isto é, a ciência que analisa os signos verbais, a saber: significante e significado. Notamos que o universo textual literário não se justifica como verdade ou realidade, mas sim como possibilidades interpretativas. Usa elementos polissêmicos, ambíguos e paradoxais variados, segundo as pretensões comunicativas que o/a escritor(a) venha a desejar expressar no seu texto, em matéria de arte da palavra.

O “incômodo” interpretativo também é um dos desígnios do texto literário em oposição ao texto não literário, quer dizer, a “nódoa” à qual o poeta se refere, na linguagem literária, produz um sentido de não ser uma comunicação facilmente acessível ou mero simplismo, em razão de ser inferencial, conotativa e subjetiva.

Traz também a beleza das possibilidades comunicativas, algo que é bem explicado por Leite (1988, p.12) ao afirmar que “O texto literário [...] não só exprime a capacidade de criação e o espírito lúdico de todo ser humano, pois todos nós somos potencialmente contadores de histórias, mas também é a manifestação daquilo que é mais natural em nós: a comunicação”. Esse processo comunicativo que está presente no texto literário produz a fruição e o prazer desse tipo de leitura. O que realmente se sobressai no texto literário não é o conteúdo, pois como afirma Pinto (2011, p. 29) “o conteúdo pertence a uma outra dimensão: é material, impalpável, imensurável, irreal”.

O processo diferenciado de leitura e de interpretação de que o texto literário aponta, no nosso trato social, especialmente na escola, vê-se bem explicado por Eco (2003) ao afirmar que:

A leitura das obras literárias nos obriga a um exercício de fidelidade e de respeito na liberdade da interpretação. Há uma perigosa heresia crítica, típica de nossos dias, para a qual de uma obra literária pode-se fazer o que se queira, nelas lendo aquilo que nossos mais incontrolláveis impulsos nos sugerirem. Não é verdade. As obras literárias nos convidam à liberdade da interpretação, pois propõem um discurso com muitos planos de leitura e

nos colocam diante de ambiguidades e da linguagem e da vida. Mas para poder seguir neste jogo, no qual cada geração lê as obras literárias de modo diverso, é preciso ser movido por um profundo respeito para com aquela que eu, alhures, chamei de intenção do texto (ECO, 2003, p.12).

O autor nos mostra assim que o ensino de literatura é algo que vai muito além da simples superficialidade do texto e da liberdade de interpretação, trata-se de algo com profundidade e que envolve a leitura crítica da realidade dos acontecimentos. Algo que provoca mudanças de posicionamentos sociais, políticos e de uma infindável variação de temas, de forma, muitas vezes, inferencial.

O texto não literário muitas vezes é conteudista, formal e concreto, por causa de sua pretensão comunicativa que visa muitas vezes à exatidão, isto é, o leitor geralmente tem apenas uma interpretação, mas mesmo assim não é algo taxativo, pois existem vários níveis de linguagem também nessa modalidade textual.

É necessário observarmos, em vista disso, que a Teoria da Literatura, sem dúvida, contribui imensamente na labuta didática diante da literatura no ambiente escolar, principalmente, quando se anseia abordar o letramento literário para os estudantes, a partir do desenvolvimento de um leitor proficiente.

Portanto, é importante a compreensão dos aspectos que diferenciam um texto literário e de um texto não literário, para a implantação de um eficiente letramento nas aulas de Língua Portuguesa, voltadas à Literatura.

No próximo tópico, veremos o que os livros didáticos de literatura, adotados nas escolas, proporcionam aos estudantes em relação aos textos literários no cotidiano das escolas e de que forma eles são usados no ambiente escolar.

2.1.2. O livro didático e a literatura

Os livros didáticos (doravante LD⁴) são distribuídos gratuitamente nas redes públicas e, obviamente, na rede privada não ocorre o mesmo. Porém, o que realmente importa é saber: será que em ambas as redes o LD, especificamente, a parte que é direcionada aos estudos literários, cumprem com a função de auxiliar no ensino do leitor literário? A resposta mostra-se: raramente.

A forma como a literatura é abordada pelos LD, muitas vezes, não visa construir um leitor proficiente, crítico e que sinta prazer em buscar novas obras e autores, pelo contrário,

⁴ Esta sigla será usada tanto para o singular quanto para o plural.

se volta à anexação de fragmentos de textos literários que não proporcionam uma visão mínima do que venha a ser a obra original, além de ter a função conteudista, limitada e de fichamentos. Sobre esse assunto nos fala Lajolo (1982):

Algumas editoras, tentando ampliar a faixa de mercado de autores contemporâneos, acompanham seus livros de instruções de uso, ou seja, de fichas, roteiros e questões que sugerem ao professor os caminhos de penetração na obra. Desnecessário dizer-se que, nesta adaptação escolar, qualquer vanguarda perde seu vanguardismo, obrigada a moldar-se aos clichês literários já sancionados pela escola (LAJOLO, 1982, p.29).

Esses comentários da autora nos fazem refletir acerca de: Quais são as reais intenções de se implantar um livro didático de literatura na escola? Será que verdadeiramente é para se desenvolver um leitor ativo ou simplesmente está atrelado ao mercado editorial? Para respondermos ambas as indagações notamos que este estudo literário, presentes nos LD, tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio não condizem, quase sempre, a uma ampliação significativa e competente de um leitor ativo. Lajolo (2000) ainda nos alerta acerca desses aspectos negativos que estão atrelados aos LD:

Muitos livros didáticos contêm erros graves de conteúdo, que reforçam ideologias conservadoras, que subestimam a inteligência de seu leitor/usuário, que alienam o professor de sua tarefa docente, [...] que às vezes pirateiam textos, que direcionam a leitura, que barateiam a noção de compreensão e de interpretação, e tantos outros quês e etecetera que quem é freguês da matéria conhece bem (LAJOLO, 2000, p. 63).

Isso esclarece como se faz necessário se repensar, com mais apuro e seriedade, como devem ser conduzidos os estudos dos textos literários em aulas de Língua Portuguesa, tanto no Ensino Fundamental, quanto no Ensino Médio. São textos que exigem por parte de quem os estão trabalhando em sala de aula formações constantes e um senso crítico proficiente, para que não se apeguem a “muletas” pré-fabricadas por editoras que não visam, muitas vezes, uma real ampliação nos estudantes de conhecimentos, de gostos pela leitura e de procura por livros.

Jamais podemos nos esquecer de que para se incentivar a formação de leitores temos de ter professores que sejam adeptos da leitura, pois, retoricamente, podemos indagar: como alguém que não se encanta com os livros poderá proporcionar interesses reais a neoleitores?

Ainda sobre alguns desserviços que os LD podem proporcionar no ambiente escolar, que não ajudam no desenvolvimento do leitor eficaz do texto literário, a escritora Zilberman (1988) nos esclarece que:

O livro didático concebe o ensino de literatura apoiado no tripé conceito de leitura-texto-exercício [...] o conceito de leitura e de literatura que a escola adota é de natureza pragmática, aquele só se justifica quando explicita uma

finalidade - a de ser aplicado, investido, num efeito qualquer (ZILBERMAN, 1988, p. 111).

Coadunando-nos com esta visão acertada da autora nos vem à mente alguns questionamentos que, muitas vezes, passam despercebidos pelos profissionais que trabalham com esses materiais advindos dos LD, nas salas de aula: Devemos de fato trabalhar com essa visão pragmática que os LD proporcionam e querem impor aos meandros educacionais? Onde fica o estudo da qualidade artística dos textos, da sensibilidade e da empatia dos/para com os artistas e seus conteúdos e seus contextos que induzem a uma possível humanização de quem os leem? Será que verdadeiramente a obra literária tem este viés educativo-didático pré-fabricado pelo (a) escritor (a) que a gerou ou pode até tê-lo, mas não foi isso que o/a fez dedicar dias, meses, anos, décadas e até vidas inteiras na elaboração de um livro de valor literário? É muito complexo encontrar uma resposta apenas para esses questionamentos.

Rildo Cosson (2016) nos explica, com clareza de detalhes, como a literatura é ensinada de maneira superficial nas aulas de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental e no Ensino Médio e nos faz refletir o quanto o LD está envolvido nessa precária valorização da disciplina:

No ensino fundamental, predominam as interpretações de textos trazidos pelo livro didático, usualmente feito a partir de textos incompletos, e as atividades extraclasse, constituídas de resumos dos textos, fichas de leitura e debates em sala, cujo objetivo maior é recontar a história lida. [...] no ensino médio resume-se a seguir de maneira descuidada o livro didático, seja ele indicado ou não pelo professor ao aluno. São aulas essencialmente informativas nas quais abundam dados sobre autores, características de escolas e obras, em uma organização tão impecável quanto incompreensível aos alunos. Raramente são as oportunidades de leitura integral, e, quando isso acontece, segue-se o roteiro do Ensino Fundamental (COSSON, 2016, p.21-22).

Será que essa é a verdadeira vereda que guiará o estudante a se interessar pelas leituras literárias? Provavelmente, não. Isso que Cosson nos apresenta, em relação à forma como a literatura é trabalhada nos dois níveis de ensino supracitados, é um quase desserviço que o LD proporciona à escola, da forma como vem se implantando com: textos incompletos, resumos, fichas de leituras entre outros. Pois, a literatura é a arte da palavra e como tal não pode ter uma finalidade, pois em si já é uma finalidade. Uma atividade transformadora, ou seja, seu desígnio em si mesmo já seria satisfatório para explicar sua própria essência.

Propomos que o texto literário seja inserido no ensino de literatura, no cotidiano escolar, de forma mais significativa e menos dependentes de LD que são incompletos,

fragmentados e confusos. Tendo sim, os estudantes, o contato direto com as obras integrais e que estas, por sua vez, não fiquem confinadas em bibliotecas inacessíveis ou inexistentes, com pessoas despreparadas controlando esses ambientes ou desestimulando as visitas a eles, por intermédio de atitudes rudes, principalmente, no que se refere ao manuseio dos estudantes com os livros ou com coisas afins. Mas, sim, que seja possível, com o apoio de todos os agentes da comunidade escolar, prioritariamente, com os professores da área de Letras, desenvolver atividades que incentivem a formação eficiente do leitor de literatura, com o intuito do genuíno letramento literário.

Devemos repensar a forma como a escola lida com a leitura, pois as instituições escolares são as principais condutoras do letramento literário, porque são elas que, na maioria das vezes, proporcionam aos estudantes o primeiro acesso à cultura letrada, principalmente, devido a coexistir classes sociais mistas no ambiente educacional público. Como nos diz Silva (2012):

Sem a melhoria da infraestrutura escolar, sem a melhoria do ensino, sem a qualificação dos professores e sem serviços biblioteconômicos eficientes, o que nos remete às partes essenciais de uma mediação educativa rigorosa e consequente, será muito difícil ou mesmo impossível colocar o Brasil num outro patamar de fruição da leitura, da escrita, seja ela manuscrita, impressa ou virtual (SILVA, 2012, p. 109).

Como a autora afirma, a mudança de patamar no que se refere à quantidade e à qualidade de leitores conscientes do poder de transformação que a literatura pode proporcionar, além da implantação de um verdadeiro letramento literário nas escolas, irão depender bastante de como serão conduzidas as políticas públicas que garantem condições de infraestrutura, de investimento em qualificação dos professores e de profissionais nos espaços destinados à leitura.

Não basta apenas se criticar os LD, mas também têm de se fornecer ou ampliar os escassos acervos que há nas escolas públicas para a leitura, a fim de se ir além do que se é proposto pelos LD. Em suma, é mister o investimento nas capacitações dos professores, para que efetivem nos estudantes um ensino com anseios de uma completa formação integral na qualidade de leitores proficientes.

A seguir, iremos analisar como a literatura, caso não seja trabalhada com o viés diferenciado que, ora comentamos, sobretudo, a respeito dos LD, poderá está correndo perigo de perder a sua crucial serventia no auxílio à formação do leitor literário no ambiente escolar.

2.2. A literatura em perigo

Antes de definirmos o que vem a ser a literatura em perigo, expressão que é diretamente inspirada na obra homônima de Tzvetan Todorov (2009), por curiosidade, definiremos o que vem a ser o verbete “perigo”, etimologicamente. Segundo o etimólogo Cunha (1997, p.597) a palavra vem do latim *periculum* que, por sua vez, significa “circunstância que prenuncia um mal para alguém ou para alguma coisa”.

Em outras palavras, agora definindo o que vem a ser a literatura em perigo, diríamos que a “coisa” que fatalmente corre o risco de ser bombardeada ainda mais e de forma catastrófica, por um terrível “mal”, fazendo com que a sua relevância seja questionável, seria de fato a importância do ensino de literatura, caso não sejam alteradas as formas de como ela é trabalhada nas escolas. Principalmente diante do modo como os seus estudos são conduzidos no ambiente escolar e o papel que ela está desempenhando nas vidas dos estudantes, sobretudo, devido às formas e às metodologias, muitas vezes, desastrosas que são aplicadas nas aulas de Língua Portuguesa, voltadas aos estudos literários e aos incentivos para uma formação do leitor literário proficiente.

A literatura é uma área do conhecimento humano que, muitas vezes, carece de uma clara e de uma direta explicação de como vem a ser definida e, a partir daí, pensarmos em como ela deve ser ensinada. Tomemos a definição dada por Terry Eagleton (2006) sobre um dos conceitos de literatura:

Se a teoria literária existe, parece óbvio que haja alguma coisa chamada literatura, sobre a qual se teoriza. Podemos começar, então, por levantar a questão: o que é literatura? Muitas têm sido as tentativas de definir literatura. É possível, por exemplo, defini-la como a escrita “imaginativa”, no sentido de ficção - escrita esta que não é literalmente verídica. Mas se refletirmos, ainda que brevemente, sobre aquilo que comumente se considera literatura, veremos que tal definição não procede (EAGLETON, 2006, p.13).

O autor nos mostra que a definição do que vem a ser literatura é muito complexa. Mas, ao mesmo tempo, deixa-nos muito claro o que não vem a sê-la, ou seja, literatura não é acessível ou se torna interessante para as pessoas se aprofundarem nela ou gostarem dela, por intermédio, pura e simplesmente, de teorias extensas e enfadonhas ou de críticas literárias herméticas que possam existir a partir dela.

Ao afirmarmos isso, não pretendemos dizer que os aprofundamentos nos estudos das teorias literárias não devam existir, pelo contrário, devem sim e de forma enfática. Porém, devemos ter a consciência de que isso coaduna com a profissão de docente, da área de

Letras, que necessita ter essa formação para melhor explicar e entender os meandros técnicos que gravitam a disciplina. Mas, não autoriza ao professor impor esta teoria aos estudantes, pois em vez de incentivá-los com isso e fazê-los se interessarem pela disciplina e pelos livros literários esse procedimento, certamente, terá uma serventia antagônica à pretendida, pois como nos sugere Todorov (2009) em relação a como deveriam ser dadas as aulas de literatura:

Estaria eu sugerindo que o ensino da disciplina deve se apagar inteiramente em prol do ensino das obras? Não, mas que cada um deve encontrar o lugar que lhe convém. No ensino superior, é legítimo ensinar (também) as abordagens, os conceitos postos em prática e as técnicas. O ensino médio, que não se dirige aos especialistas em literatura, mas a todos, não pode ter o mesmo alvo; o que se destina a todos é a literatura, não os estudos literários; é preciso então ensinar aquela e não estes últimos. O professor do ensino médio fica encarregado de uma das mais árduas tarefas: interiorizar o que aprendeu na universidade, mas, em vez de ensiná-lo, fazer com que esses conceitos e técnicas se transformem numa ferramenta invisível (TODOROV, 2009, p. 41).

O autor nos esclarece o quanto é importante sabermos diferenciar o papel de cada participante no processo educacional que a escola e a universidade desenvolvem. Temos de ter a evidente noção de que estudar literatura na universidade tem um jeito e uma metodologia diferentes de estudá-la na Educação Básica.

Podemos dizer que está aí uma das principais falhas no ensino de literatura no ambiente escolar regular e um dos perigos que ela corre diante da sua relevância. A partir disso, se não reformularmos as metodologias de como ela é apresentada aos estudantes, cada vez mais será considerada chata e inútil para eles.

Nunca podemos nos esquecer de que uma boa parte das pessoas que se interessaram pela área de Letras o fizeram por terem um dia descoberto o prazer e o encanto que as leituras literárias proporcionam e devem tentar também despertar o mesmo prazer e encanto nos seus alunos, fazendo-os assim pessoas mais ativas e atentas as entrelinhas da vida e dos textos.

A literatura dialoga com a história da humanidade, em suas mais diversas épocas, temas e vicissitudes, além de mostrar o mais íntimo de cada ser humano, por intermédio de diálogos e de situação inerentes aos textos literários. Logo, uma parte disso poderá vir a ser absorvido pelos estudantes com base no contato que possam vir a ter com ela e que, muitas vezes, devido ao confuso modo ou modelo que é ensinada nas escolas lhe tira esse protagonismo, esse poder de mudança e de transformação humanística que ela possui e incute nas pessoas que lhe apreciam.

Outrossim, para bem entendermos isso que acabamos de abordar e nos aprofundarmos ainda mais, principalmente, no que diz respeito às possibilidades de plurissignificação das palavras, no âmbito literário, vejamos o que bem nos diz Samuel (1985, p.15) a esse respeito: “Na literatura, o que é real é definido a partir de uma desrealização que a obra de arte faz. [...] O artista reproduz uma imagem para que os receptores saiam do mundo da realidade e assim possam ver a ilusão da própria realidade em que se inserem”. Em outras palavras, a literatura trabalha com possibilidades e não com teorias de precisão. Por isso, trabalhar a literatura pelas vertentes de historicidade, regras, normas e padrões retiram dela o encanto e o espanto que ela pode proporcionar aos estudantes ou a qualquer pessoa que a ela tenha contato.

Devemos ainda acrescentar a esses comentários que a beleza do texto literário, arriscando-nos a defini-la, está na emoção natural que desperta nas pessoas diante das inquietações e das sugestões que proporcionam no ato de lê-la. Além da comum “remoção de máscaras” que ela pode e, normalmente, despertar em quem a ela recorre.

Constant (1807 apud TODOROV, 2009, p.60) diz que: “A literatura refere-se a tudo. Não pode ser separada da política, da religião, da moral. É a expressão das opiniões dos homens sobre cada uma das coisas. [...] Imaginá-la como fenômeno isolado é não imaginá-la”. Isto é, coadunando-nos com a visão de importância da literatura que o autor nos oferece, podemos perceber o quanto a não ressignificação imediata do modo precário que a literatura é trabalhada nas salas de aulas da educação básica, pode afastar o interesse dos alunos em se tornarem futuros leitores literários e os riscos que isso proporciona à importância da literatura nas vidas das pessoas e às influências dela para as futuras gerações.

É preciso ressaltar que a literatura nos faz sonhar, induz-nos e conduz-nos a despertarmos para a nossa condição de seres humanos, ainda mais humanos. Por nos fazer observarmos outros povos, outras etnias, outros tempos e outras crenças de modo mais sensato e sem preconceitos.

Além disso, nos inquieta e nos faz questionar as razões de ser das sociedades arcaicas e contemporâneas, além das prospecções para as futuras e, ainda, nos faz entendermos claramente o que significa em sua completude a palavra empatia. Porque, colocamo-nos de fato nos lugares e nas mais diversas situações que temos contato, através das leituras imagéticas que nos proporcionam o texto literário, com suas entrelinhas e suas intertextualidades.

A fim de bem sintetizarmos a verdadeira importância da literatura e o poder de humanização e transformação que ela pode proporcionar às pessoas que dessa fonte bebem, vejamos o que nos diz, novamente, Todorov (2009):

A literatura pode muito. Ela pode estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver. Não que ela seja, antes de tudo, uma técnica de cuidados para com a alma; porém, revelação do mundo, ela pode também, em seu percurso, nos transformar a cada um de nós a partir de dentro (TODOROV, 2009, p. 77).

O verdadeiro “perigo” que Todorov quer alertar não está na falta de bons ficcionistas ou poetas na contemporaneidade, porém se trata do modo como a literatura tem sido ofertada aos estudantes nos seus mais diversos níveis, indo da escola primária até a universidade e não conseguindo, como nos diz Todorov (2009): “transformar a cada um de nós a partir de dentro”.

O “perigo” também está no fato de o estudante não ter o trato direto com a literatura por meio dos textos integrais para se desenvolver uma leitura eficiente, mas sim com teorias, críticas e história da literatura. Ou seja, o contato disciplinar, histórico e institucional está afastando os estudantes do texto literário e devemos nos ater a isso e repensá-lo.

A literatura não pode ser vista pelos estudantes como uma matéria escolar que eles devem aprender a partir de suas periodizações, mas, sim, que ela deve ser uma forma ou modo de eles terem um contato com o conhecimento geral de mundo e dos homens, com suas dores, seus amores, paixões e suas dúvidas.

Assim, do mesmo modo como ouvimos pela primeira vez uma música tocada na rádio, por exemplo, se nos chama a atenção ficamos atentos e a ouvimos até o fim, prestando bastante atenção aos seus versos, à voz do artista, às suas nuances em geral, para depois disso buscarmos ou não saber quem é o artista? Qual é o gênero a que pertence? Se é um lançamento ou se já é antiga? Sua harmonia, caso queiramos tocá-la com algum instrumento. E incontáveis outros aspectos que queiramos nos aprofundar.

O texto literário na sala de aula, também, deve ser trabalhado próximo a esse viés. Já que o importante não será saber se Graciliano Ramos, por exemplo, se enquadra no Modernismo brasileiro da segunda fase, mas sim se ter o contato com o livro dele, a arte dele, digamos, *Vidas Secas*, de 1938, para construirmos no estudante o interesse pela leitura e o que ela pode modificar ou ampliar na visão de mundo que ele tem até o presente momento.

Caso essa ressignificação não aconteça, a literatura continuará correndo perigo de não ser minimamente compreendida nas escolas e seu papel transformador cada dia mais será negligenciado.

Na próxima parte desse nosso estudo, veremos como a literatura está presente no gênero letras de música e, como este tipo peculiar de texto poético, servirá como recurso para o letramento literário na EJA, que pretendemos com nossa intervenção em sala de aula.

Capítulo III - O gênero letra de música e a poesia

Há acaloradas discussões, nos meandros acadêmicos, sobre o valor literário que algumas letras de músicas trazem na sua estrutura textual.

Ribeiro Neto (2011, p.58) nos diz que “poesia é sempre algo a mais. Aquele algo que depura a palavra e lhe permite ser uma figura singular e autossuficiente. Letra é um pedaço de algo. De música, no caso”. Para o autor há um disparate enorme entre as duas manifestações artísticas: letra de música e poesia. É como se esta tivesse um algo a mais de valor artístico, autônomo e literário do que aquela, sobretudo, em questões conceituais e estruturais, além de reconhecimento acadêmico.

Por sua vez, Joaquim Aguiar (1996, p.10) nos afirma que “reza a tradição que a música e a poesia nasceram juntas. De fato, a palavra “lírica”, de onde vem a expressão “poema lírico”, significava originalmente certo tipo de composição literária feita para ser cantada”. Isto é, a letra da música para ele é poesia em si, desde tempos remotos e continua tendo essa ligação, já que, segundo o autor “se a separação de poetas e músicos dividiu a história de um gênero e outro, a poesia não abandonou de vez a música tanto quanto a música não abandonou a poesia”.

Em suma, Aguiar transparece, com essa opinião, que há uma ligação perpétua entre essas duas manifestações artísticas e isso deve ser levado em consideração quando falamos em análise literária de letra de música e poesia no ambiente acadêmico, que aquela não deve ser vista como paraliteratura⁵ ou, simplesmente, entretenimento.

Podemos nos indagar se ambos não estariam certos nas suas afirmações, mas, de fato, qual é o verdadeiro valor dessa discussão? Poderíamos responder: “quase nada”, porque ambas possuem criatividade, expressividade e muitos outros valores artísticos importantes para quem delas desfrutam dos seus textos.

Por outro lado, nos tempos atuais, surge um acontecimento que vem a abalar ainda mais os já conturbados meios de conceituação das artes literárias, ampliando a discussão sobre letras de músicas e seu valor poético e literário diante dos poemas. Esse ocorrido foi a comunicação oficial, no dia 13 de outubro de 2016, pela Academia Real das Ciências da Suécia, na cidade de Estocolmo, da escolha do cantor, compositor e poeta estadunidense

⁵ O termo paraliteratura foi criado para substituir as designações correntes de “má literatura” e de “subliteratura”. Do ponto de vista teórico, o termo paraliteratura implica o reconhecimento de um discurso paraliterário com características próprias e definidas, resultando de suas múltiplas manifestações o produto de massa, paraliterário. In Silva, Anizildo Vasconcelos da. Manual de Teoria Literária. ed. Vozes, 1985, p. 169.

Bob Dylan, de 75 anos de idade e com cinco décadas dedicadas aos trabalhos artísticos voltados às composições musicais, do Prêmio Nobel de Literatura.

Segundo os analistas da academia, o grande valor da obra de Dylan (discografia) seria o fato de ele “criar uma nova expressão poética na tradicional canção americana⁶”. Isso notado, principalmente pelo alcance global que o idioma inglês possui. Bob seria, assim, um grande influenciador mundial para o aumento da produção de letras de música com elevado potencial literário.

A escolha do compositor foi aclamada e hostilizada, ao mesmo tempo, por vários setores do universo acadêmico e da população em geral. Mostrando-se algo improdutivo e infrutífero, pois se o que se está se conseguindo com essa premiação é se demonstrar como letra de música e literatura estão interligadas e como letras podem levar pessoas a se interessarem pela leitura literária⁷, seria mais interessante se discutir como se chega à leitura de livros, que com certeza influenciaram Dylan a escrever suas letras com valor poético e, muitas vezes, poético-narrativo como também são várias as letras de Caetano Veloso, Chico Buarque, Belchior, Gilberto Gil e tantos outros compositores e letristas da música nacional e mundial

Podemos ainda comentar sobre a relação entre letra de música e literatura, utilizando-nos das palavras de Sant’Anna (2013, p.16) que nos diz “música e literatura são imagens e reflexos de si mesmas não se sabendo qual reflete qual”. O autor nos faz pensar na real necessidade de se querer traçar uma linha definidora do que realmente vem a ser a poesia como conceito e a letra de música como, quiçá, poesia, se ambas quando bem elaboradas já refletem a literatura. Pois, como nos define Neto (2011, p. 59) “poesia é música e música é poesia”.

Voltando-nos para a nossa intervenção aqui pretendida, por esse trabalho, devemos deixar bem claro que não pretendemos encontrar um ponto final para a polêmica que há entre a poesia e a letra de música nos meios acadêmicos. Mas, sim, pretendemos mostrar como a relação entre essas duas formas de composições artísticas podem conduzir a um interesse mais acentuado dos estudantes da EJA por leituras literárias e como poderão identificar o caráter plurissignificativo que algumas letras de músicas trazem em suas composições e o quanto elas estimulam a busca por informações implícitas, podendo desenvolver o letramento literário nos ouvintes/leitores, além do interesse pelos livros.

⁶ Citação obtida do texto de Júlio Maria, O Estado de S. Paulo, 13 Outubro 2016.

⁷ Também é o nosso objetivo com essa intervenção que aqui estamos desenvolvendo.

Silva (1980, p.5) nos diz que: “o hábito de ler vem sendo substituído pelo hábito de ver e ouvir. Desse modo, a poesia como escrita, fica confinada ao silêncio do livro”. Ou seja, queremos conduzir os estudantes, por intermédio do som das músicas e das letras, a invadirem o silêncio dos livros e ampliarem os seus conhecimentos de mundo e de literatura.

3.1. A jornada histórica das letras da música popular brasileira

Traçar uma jornada histórica das letras na nossa MPB é algo importante e complexo, pois nos apresenta o interesse dos nossos compositores pela escrita em junção com a melodia musical. Mas, antes de nos aprofundarmos sobre a jornada da nossa MPB, faz-se necessário lembrarmos-nos de que o conceito de música e de letra a que nos referimos, vem de uma visão europeia de musicalidade e não ameríndia local. Como nos diz Aguiar (1996):

Durante muito tempo a poesia foi destinada à voz e ao ouvido. Seria necessário esperar pela idade Moderna para que a invenção da imprensa, e com ela o triunfo da escrita, acentuasse a distinção entre música e poesia. A partir do século XVI a lírica foi abandonando o canto para se destinar, cada vez mais, à leitura silenciosa (AGUIAR, 1996, p.10).

É importante nos lembrarmos de que no Brasil não houve Idade Média, como na Europa, já que a “invasão” do país ocorreu apenas em 22 de abril de 1500 e até 1530 e o nosso país era chamado de Terra de Santa Cruz e servia, sob o ponto de vista do colonizador, apenas para a extração e o transporte do pau-brasil. Só em 1534 o rei de Portugal à época, D. João III, decidiu repartir o território em 15 capitanias hereditárias e a literatura que aqui existia, nesse período, era chamada de Literatura dos Jesuítas e Literatura de Informação, que se tratava de uma literatura no Brasil e não do Brasil.

Podemos agora comentar o surgimento de uma literatura genuinamente brasileira com o poeta baiano pejorativamente chamado de “Boca do Inferno”, o polêmico Gregório de Matos Guerra (1623-1696), tal personalidade de fundamental importância, não só para as artes literárias do Barroco nacional, como também para a MPB, que como nos afirma Perrone (1988):

Gregório de Matos (1623-1696), o maior poeta do período barroco, cultivou o conceptismo ibérico e a poesia religiosa, mas é também conhecido como ávido trovador de líricas sensuais e de cantigas satíricas. Um dos primeiros historiadores da literatura brasileira chamou Gregório de Matos de “O Homem do lundu”, percebendo sua filiação poética as formas nascentes da canção popular, não havia nenhuma impressora no Brasil colonial, e os trabalhos de Gregório de Matos não foram publicados durante sua vida. Suas letras circulavam em manuscritos (códices), alguns dos quais podem conter transcrições de canções que ele executava com o acompanhamento da viola. O satírico “Boca do Inferno” movimentou-se tanto no meio aristocrático quanto no meio popular, fato que seus versos

comprovam. O editor mais recente das obras completas de Matos comparou sua atitude poética e seu papel social com os de Caetano Veloso, compositor baiano moderno e um dos expoentes da música popular brasileira (PERRONE, 1988, p.16-17).

Percebe-se o quanto Gregório de Matos foi importante para a formação elementar da MPB. Seu estilo, seu jeito de agir e sua escrita influenciaram e influenciam, não só poetas de escrevem livros, mas também poetas-compositores da MPB, até hoje. Poderíamos nos referir ao caso acima citado do cantor e compositor Caetano Veloso, que, ao lado de Chico Buarque de Holanda, são os dois dos mais aclamados poetas citados pela crítica da MPB de sua geração, especialmente entre os anos de 1960 e de 1970.

No entanto, o registro escrito não publicado à época fez com que Gregório perdesse o título de primeiro cantor e compositor da história musical brasileira oficial, conforme nos afirma Jairo Severiano (2009):

O primeiro nome a entrar para a história de nossa música popular é o do poeta, compositor e cantor Domingo Caldas Barbosa, no final do século XVIII. Naturalmente, houve compositores anônimos que o precederam, além de conhecidos como Gregório de Matos Guerra, o Boca do Inferno (1623-1696), o padre Lourenço Ribeiro (1648-1724), rival de Gregório, e o malogrado Antônio José da Silva, o Judeu (1705-1739) queimado aos 34 anos numa fogueira da Inquisição, em Lisboa (SEVERIANO, 2009, p.13).

No período do Arcadismo, Domingos Caldas Barbosa (1740-1800) introduziu a Modinha e o Lundu na corte de Lisboa, por isso teve o seu reconhecimento registrado na historiografia da MPB. Ele, então, sido considerado o “marco zero da música popular brasileira”, segundo Severiano (2009, p.15). Ao cantar para a corte de D. Maria I e tendo a sua presença como pitoresca, ou seja, um mestiço da colônia a apresentar um tipo de canção diferente, causou forte impacto. Foi consagrado como cantor, sobretudo pelas damas, sempre cortejadas às vezes até atrevidamente, segundo seus críticos, também foi considerado prejudicial à boa educação, devido aos seus ares voluptuosos de trovador de Vênus e de Cupido.

No Romantismo do século XIX, no Brasil, é importante lembrarmos das contribuições dos poetas deste estilo de época, especialmente de Domingos Gonçalves de Magalhães, autor que aparece em mais de doze composições líricas do seu contemporâneo, o ativo compositor luso-brasileiro, Rafael Coelho (TINHORÃO apud PERRONE, 1988, p.17).

Para que possamos acentuar ainda mais precisamente o salto qualitativo que as letras da MPB vêm alcançando ao longo da sua jornada histórica, falaremos agora do “Poeta da Vila” o carismático Noel de Medeiros Rosa (1910-1937) ou simplesmente Noel Rosa. Ele era um compositor que produzia com intensidade, porém, infelizmente, teve uma morte

prematura aos 27 anos, em decorrência da tuberculose. Mesmo assim, tem uma obra imortal, como afirma Sant’Anna (2013, p.20) “Noel Rosa desafina em relação aos antigos e afinas com os modernistas (instintivamente)”. A genialidade e a poeticidade de Noel são reconhecidas e o colocam, sem dúvida, como o maior talento de sua geração. Rosa com suas letras contribuiu assaz para que crescesse o prestígio do compositor brasileiro de música popular e fez com que a crítica literária notasse a MPB.

Um fato importante ao qual devemos nos ater é que Noel Rosa não era considerado um “cantor de rádio”, algo muito importante à época, mas, sim, um formidável artista das rodas boêmias do velho Rio de Janeiro da Lapa e do Estácio. Era reconhecido pela potencialidade artística das suas letras e não como “ídolo do show business brasileiro”. E, para entendermos o panorama artístico dessa época, vejamos o que nos diz Sant’Anna (2013):

A música popular, caracterizada pelo samba e outras formas urbanas, seguia uma jornada independente, desenvolvendo curiosamente alguns efeitos que os poetas “literários” também queriam com seus versos. Como esses escritores estivessem mais interessados em despoetizar o poético dos versos e empenhados em descobrir o lado prosaico da vida inventaram o poema-piada, uma forma coloquial de poesia muito perto do samba (SANT’ANNA, 2013, p.18).

Inferimos que a poeticidade de Noel Rosa, como compositor de sambas, coadunava-se com a visão modernista dos escritores da geração de 1922, por pura instintividade. No entanto, esse mesmo Modernismo tendo largamente se interessado pelo folclore brasileiro e seguido um programa de recriação do cotidiano das várias realidades brasileiras, não chegou a se interessar pela música popular. Isso, quiçá, deve-se, provavelmente, ao fato de a própria MPB ser ainda algo mal configurado, não tendo à época uma conversão de um produto econômico e estético reconhecidos.

Por outro lado, um marco significativo para a ascensão qualificativa no Brasil do conceito e do nível literário das Letras da MPB, conforme Sant’Anna (2013) foi alcançado:

Somente com a criação da Revista de Música Popular Brasileira, de Lúcio Rangel, na década de 1950, com a passagem de Vinícius de Moraes para a série musical e o surgimento da Bossa Nova é que se observaria uma ligação mais sistemática entre a música popular e a poesia “literatura” do Brasil (no século XX) (SANT’ANNA, 2013, p.12).

O gênero musical Bossa Nova (termo que por sinal, bem antes dos anos cinquenta, já havia sido utilizado por Noel Rosa num samba intitulado de “São coisas nossas”) atropela o conceito de que o cantor era o responsável pela escolha do seu próprio repertório, cabendo apenas aos compositores os agradarem, é o momento em que surge o compositor como

cantor também, mesmo não tendo um vozeirão e daí amplia-se o nível literário das letras das músicas, pois a liberdade de produzir o que acharem apropriado fazem os compositores investirem nas técnicas literárias, naturalmente mais interessantes para a maioria deles.

Silva (1980) vem nos confirmar o quanto há uma elevação no nível linguístico e poético das letras da MPB, em relação ao conceito de poesia nacional, principalmente dos anos 1950 com a Bossa Nova até início dos anos de 1980, dizendo-nos que:

Podemos traçar, em linhas gerais, um paralelo entre a letra poética da MPB e a poesia brasileira, dos anos de 1950 aos anos de 1980, e mostrar, através do exame de diferenças e proximidades, como lentamente a letra poética vai ganhando em qualidade artística, até uma equiparação com a melhor poesia moderna. É principalmente pelo processo de elaboração artística e pela busca de novas estruturas de significação, que a letra poética da MPB passa a exigir do estudioso da literatura e do crítico literário brasileiro uma atenção maior, inclusive necessária em termos de conhecimento de poesia brasileira moderna (SILVA, 1980, p.1).

Conforme a perspectiva analítica do estudioso, o colossal e o estimado acervo existente nas letras da MPB desses anos, jamais pode ser marginalizado, ou tido por acadêmicos e por especialistas das áreas que estudam as letras literárias, de um modo geral, como “subproduto literário” ou “paraliteratura” e, por conseguinte, não ser merecedor de uma reflexão circunspecta dos críticos literários brasileiros sérios e atentos aos sinais de mudanças no panorama das artes literárias, mais especificamente poéticas.

O estudo e a utilização das letras da MPB em sala de aula não é coisa irrelevante e descreditada do ponto de vista de criação literária, pelo contrário, é algo muito importante e que, certamente, conduz com facilidade e com dinamismo ao interesse por leituras mais profundas e amplas do universo literário, não só nacional, mas também internacional. Uma vez que muitos textos presentes em várias letras, por exemplo, faz alusão a textos diretamente ligados à literatura, como o texto da música “até o fim”, de Chico Buarque que, por sua vez, parece ter sido escrito segundo o poema de Carlos Drummond de Andrade “Poema de sete faces” de 1930:

Quando nasci, um anjo torto
desses que vivem na sombra
disse: Vai, Carlos! Ser gauche na vida.
(DRUMMOND, 2003, p.5)

Quando nasci veio um anjo safado
O chato do querubim
E decretou que eu estava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim
(BUARQUE, 1978, faixa 06)

Nessa letra de Chico existe uma notória intertextualidade como referência ou alusão literária a um texto anterior de valor poético imensurável. Isto é, uma autorreflexão do próprio autor carioca em relação aos escritos do poeta mineiro, de forma humorística e mostrando o desajuste de Buarque, em relação ao de Drummond, diante dos aspectos sociais em que aquele se encontra em relação a seu tempo, a seu mundo e as pessoas que com ele vive e se relacionam direta ou indiretamente. Fato esse que confirma ser uma das características do estilo poético de Chico Buarque, que vai muito além dos parâmetros tradicionais comuns da MPB, tornando-o um “divisor de águas” perante as características dos textos literários presentes nas letras da MPB.

Voltando-nos novamente para a jornada histórica precisa da MPB, podemos ainda articular que entre as décadas de 1930 e de 1950 houve uma “superioridade” criativa do gênero poema, ainda maior, sobre as letras existentes na MPB. Não é à toa que nessa época surgem no Modernismo Nacional escritores como: Cecília Meireles, Carlos Drummond, Mário Quintana, Jorge de Lima, Vinícius de Moraes, João Cabral e muitos outros importantíssimos nomes. Raros os compositores que conseguem elaborar uma poesia de bom valor poético neste período histórico.

Isso só vem a se alterar quando os compositores passam a gravar suas músicas, libertando-se, desse modo, do julgamento do vendível da gravadora e do suspeito gosto musical dos cantores à época.

Nos primórdios da década de 1950, a defasagem qualitativa entre letra de música perante às dos livros de poesia era gritante. Se a poesia dos modernistas brasileiros, por sua vez, mostrava-se na busca de novas estruturas e a fixação de novas formas expressivas, por outro lado, as letras da MPB insistiam no romantismo arcaico e sem quase nenhum valor poético comprovado.

A recuperação do prestígio aos moldes, por exemplo, de Noel Rosa. Só foi, então, alcançada com a migração do poeta Vinícius de Moraes para a Bossa Nova, além de excelentes compositores como João Gilberto, Newton Mendonça, Ronaldo Bosco, Sérgio Ricardo e Tom Jobim entre outros talentosos artistas, isso apenas no término dos anos de 1950.

Sobre a migração de Vinícius para a Bossa Nova, Perrone (1988) nos explica o quanto esse acontecimento foi significativo para uma mais bem elaborada produção de letras e o estímulo que isso proporcionou para os demais compositores da época:

A importância de Vinícius de Moraes na relação da música popular com a literatura não deve ser avaliada em termos da qualidade de canções suas

que poderiam ser incorporadas na história literária, mas antes, pelo peso de sua influência sobre os jovens poetas e letrista e pelo impacto de seu desempenho como compositor sobre as noções de valor cultural. [...] Não há dúvida que a simples presença de um poeta largamente respeitado contribuiu para que a música popular passasse a ser mais levada em conta no cenário artístico tanto por parte dos produtores quanto por parte dos consumidores. Vinícius é uma figura de transição muito importante, uma ponte histórica, que proporcionou uma “dignidade” estética à arte de compor (PERRONE, 1988, p. 28).

Como podemos notar, com essa opinião de Perrone, o peso artístico de Vinícius faz com que surjam mudanças de posturas, por parte da crítica especializada em arte literária e no conceito de produção de letras de música com um viés literário.

Ao adaptar os versos altamente respeitados que fazem parte da obra de Moraes à música, o poeta modernista da segunda fase, agora também compositor bossanovista, traz uma excelente sofisticação à arte de compor letras significativamente relevantes no requisito poeticidade. Tendo, por sua vez, indireta ou diretamente, estimulado a reação do público à poesia que se canta e toca de forma inovadora. Além de mostrar aos outros letristas da época modelos genéricos de como agregar dicção perfeita e à expressividade poética aos textos músico-literários.

Moraes junta à música e à literatura dos anos de 1960 servindo de inspiração para muitos outros artistas talentosos do momento, que se baseiam e constroem suas obras de forma inovadora e, talvez, muito maior, poeticamente – ligada à música -, do que a do próprio mestre modernista, que é o caso de Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, Belchior entre outros.

Ainda na década de 1960, mais especificamente no ano de 1965, vem à tona no Brasil os Festivais de Música Popular⁸, transmitidos pelas redes de televisão à época. Esses festivais trazem em si uma grande importância para a formação mais técnica e apurada da nossa MPB. Pois, como bem nos explica Severiano (2009):

Num período que se estendeu de 1965 a 1972, a televisão brasileira viveu sua fase de maiores interações com a música popular, através de programas – como “O Fino da Bossa”, “Jovem Guarda” e “Bossaudade”, todos produzidos pela TV Record – e uma sequência de memoráveis festivais de canções, realizados na maioria pela TV Globo do Rio e a TV Record de São Paulo. Abriu o ciclo o I Festival Nacional de Música Popular Brasileira, promovido pelas TVs Excelsior do Rio e de São Paulo, em março e abril de 1965. Realmente, essa modalidade de espetáculo musical

⁸ Para um melhor aprofundamento nesse tema, há um documentário denominado *Uma noite em 69* que explica bem esse período.

competitivo, inspirado no famoso Festival de San Remo (Itália) (SEVERIANO, 2009, p.347).

É fácil notarmos, pelas palavras de Severiano, que as músicas e letras àquela época dos festivais de meados dos anos de 1960 e início dos anos de 1970 eram o principal veículo mercadológico de valor expressivo para os meios de comunicação de massa (a TV no caso). Porque, ainda, naquele tempo as novelas não dominavam o cenário cultural das emissoras, como fazem hoje.

Os compositores e letristas eram estimulados a produzirem ao máximo e a mostrarem as comissões de jurados dos festivais, trabalhos inéditos e de alto padrão linguístico, cultural e literário, sobretudo no que se refere a inovações, tanto de forma textual, quanto musical, já que iriam participar de competições assaz aguerridas e, por vezes, bastante agressivas, com jurados e público bastante atentos às manifestações artísticas expostas nos espetáculos.

Os festivais têm relação direta com o surgimento da MPB de alta qualidade poética, porque as letras começam a ser vistas como legítimas manifestações de cunho literário, reconhecidas pela crítica especializada. Não é à toa que um dos nossos melhores críticos literários de todos os tempos do Brasil, Antonio Candido, fala a esse respeito, de forma bastante positiva e contundente, alertando sobre a importância dos expressivos festivais da canção popular para a cultura nacional, principalmente, no que se refere aos poetas-letristas que deles participam e engrandecem os shows, dizendo que: “sem os festivais da canção e essa vasta musicalização de poesia, que é uma das faces que ela mostra ao nosso tempo, transformando os poetas em letristas e cantores”.

Os festivais eram uma espécie de local destinado a manifestos poéticos inovadores, criativos e pertinentes que podem ser considerados legítimos substitutos de tradicionais concursos literários das academias como, até então, se podia imaginar.

À época (1960-1970), muitos poetas tinham migrado para a MPB, devido ao “fechamento” das correntes literárias tradicionais, pois os grupos de vanguarda, especialmente os dos anos de 1960, que são representantes da herança tradicional da poesia escrita dos livros (Poesia Concreta, Neoconcretismo, Poesia Práxis e Poema Processo) como nos diz Silva (1980, p.3) “arrogavam a si o direito e a legitimidade de continuadores do Modernismo”, isto é, se digladiavam e restringiam o acesso a eles para poucos privilegiados, favorecendo assim a MPB.

Augusto de Campos (2003) nos diz que a migração de possíveis ou prováveis poetas de livros para a MPB, como poetas-compositores, seria devido ao fato que ela “foi o

único espaço de prazer dos poetas maltratados”, porém, é importante abriremos um hiato aqui para esclarecermos o que vem a ser “poetas maltratados”, pois a exata explicação para essa expressão seria “carentes de elogios e incentivos”, diante da crítica e dos próprios poetas da contemporaneidade, que só se preocupavam com suas “correntes” literárias e se isolavam entre si, desagradando não só a crítica literária como o público consumidor de cultura escrita em geral.

Para terminarmos essa jornada histórica das letras da MPB, que se limita ao nosso estudo aqui nesta intervenção, é fundamental que falemos um pouco sobre o “Tropicalismo” e a “Geração do Sufoco”.

Começamos dizendo que o Tropicalismo ou a Tropicália de forma sucinta e usando-nos das palavras do brasilianista Perrone (1988, p.73) “tem como marco inicial o lançamento do LP Tropicália ou Panis et Circensis (1968) que é a gênese do movimento Tropicália”. Também liderado pelo jovem, inquieto e talentoso Caetano Veloso. Uma vez que este sentiu que o fato de ele cantar e compor deveria se destinar a contrapor-se ao arcaico, porém de forma radical, principalmente, no que se refere a algumas tendências que desaprovava no, até então, revolucionário estilo musical Bossa Nova. Para que possamos entender com mais exatidão esse início e formação do movimento, vejamos o que o estudioso Perrone (1988) nos diz a esse respeito:

O movimento foi formado por Caetano Veloso, seu parceiro Gilberto Gil, os poetas letristas Torquato Neto e Capinam, com os quais já trabalhavam, o compositor baiano Tom Zé, as intérpretes Gal Costa e Nara Leão, Os Mutantes e o compositor e arranjador Rogério Duprat. [...] O trabalho coletivo desenvolvido pelo grupo baiano e aderente envolveu uma entusiasmada discussão a respeito dos novos horizontes músico-poéticos. Seus objetivos estéticos não foram definidos em termos de um movimento organizado até o lançamento dos LPs de Caetano e Gil, ambos em 1968. Os objetivos do grupo incluíam a adaptação do rock anglo-americano (Bob Dylan e The Beatles, principalmente), incorporar elementos da literatura brasileira na música, e efetivar uma revisão crítica da música popular moderna no Brasil que iria refletir na nação como um todo. É dada especial atenção à construção literária das letras, às técnicas linguísticas, ao fragmentário e ao alegórico (PERRONE, 1988, p.72).

Caetano Veloso conseguiu atingir algumas de suas metas juntamente com o grupo de artistas que liderou, sobretudo, diante do fato de chamar a atenção midiática para o movimento e também da crítica literária.

Tiveram vários problemas no que se referem a aspectos voltados à ditadura militar, pois em 1968 os Tropicalistas fazem um show no pequeno palco da boate Sucata, no Rio de Janeiro, e tinham como slogan “Um espetáculo violento, diferente de tudo o que já foi feito” de fato cumpriram o prometido, foi um espetáculo com muitas explosões de gritos, assovios,

sons distorcidos de guitarras, improvisos vocais, sobretudo de Gilberto Gil com gemidos e gritos. Algo que foi reprovado por boa parte da plateia e da crítica e que contribuiu para a geração de boatos falsos de que os tropicalistas estavam apresentando uma paródia do “Hino Nacional Brasileiro” o que era visto como muito desrespeitoso à nação e às sangrentas Forças Armadas Brasileiras que dominavam os âmbitos governamentais à época.

Os militares se aproveitaram da situação caótica para usarem o subterfúgio de colocarem na cadeia no dia 28 de dezembro de 1968 e forçar o exílio dos dois principais mentores do movimento: Caetano Veloso e Gilberto Gil. Assim, como nos diz Severiano (2003, p.385) “com a ida dos dois (Caetano e Gil) para a Europa, a Tropicália perdeu o embalo e saiu de cena”.

Outro aspecto também que a Tropicália desperta é a rejeição por parte de inúmeros artistas respeitados à época e, ainda hoje, como: Chico Buarque, Dori Caymmi e Edu Lobo. Esses não acharam nada interessante o exagero por parte dos organizadores e suas inovações. Entretanto, o Tropicalismo não repercute apenas na MPB, mas também no teatro, no cinema, nas artes plásticas e na literatura, ou seja, é um incipiente episódio nessa integração artística.

Sant’Anna (2013, p.13) diz que “o Tropicalismo traz o clima de carnavalização da vida, restaura a paródia e procura um elo com os modernistas de 1922, passando pelas vanguardas de 1956”. Por ter a paródia como um dos principais recursos do Tropicalismo se permite dizer que o movimento se relaciona com a literatura bastante ácida e paródica de Oswald de Andrade, ou seja, como o próprio Caetano Veloso disse em entrevista a Augusto de Campos “O tropicalismo é um neoantropofagismo” (CAMPOS apud PERRONE, 1988, p.72).

O término desse importantíssimo movimento, Tropicália, segundo Perrone (1988, p.77) dá-se quando “Caetano apareceu na televisão para mostrar um cartaz que dizia: aqui jaz o Tropicalismo”. Foi um movimento com começo, meio e término bem claros.

Podemos dizer que a herança deixada pelo movimento foi a construção de letras de músicas mais bem elaboradas e ligadas ao naipe literário, algo que expandiu, significativamente, o conceito de MPB no país. Mostrando-se muito expressivo ao apropriar-se, de forma criativa, de materiais estrangeiros e transformá-los em um discurso músico-político-literário bastante crítico, além de adaptar musicalmente ideias e ideais literários como o fez Oswald de Andrade no início do Modernismo da 1ª fase no Brasil e, ainda, usar-se de técnicas literárias muito significativas, tais como: a plurissignificação, as

alusões, as fragmentações textuais entre tantos outros recursos estéticos plausíveis e significativos para os estudos literários.

Por último, falaremos acerca da “geração do sufoco”, expressão esta que foi citada por Severiano (2009) ao se referir aos artistas emergentes que surgiram depois dos festivais, por ele explicado da seguinte maneira:

Boa parte da efervescência musical dos anos 60 passou à década seguinte, com a consolidação da carreira dos revelados no período e a chegada de novos valores. Assim, ao lado de craques – Chico Buarque, Milton Nascimento, Caetano, Gil, Ivan Lins -, tiveram influência marcante na música popular da nova década artistas como Alceu Valença, Djavan, João Bosco, Belchior, Fagner, Tim Maia e outros, que entraram para a história como a “geração do sufoco”, por terem surgido no momento de maior repressão da ditadura. Uma das características mais evidente dos anos de 1970 foi a expansão dos regionalismos musicais, em nível nunca antes registrado (SEVERIANO, 2009, p.347).

É importante notarmos que, assim como aconteceu no Modernismo da 2ª e da 3ª gerações, que se teve uma expressividade enorme perante o regionalismo nacional, tanto no poema quanto na prosa com nomes grandiosos como: João Cabral de Melo Neto, João Guimarães Rosa, Érico Veríssimo, Rachel de Queirós, Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Jorge Amado entre tantos outros.

A poeticidade que emanava das letras da MPB também seguiu o mesmo rumo evolutivo de qualificação literária dos anos de 1970 supracitados, fazendo com que a diversidade temática e a qualidade das letras fossem ampliadas no cancioneiro nacional e a questão de “subcultura” que pairava na mente de alguns críticos preconceituosos diante da MPB regional - que não pensavam positivamente a esse respeito, sobretudo no que se produzia além do eixo Rio–São Paulo -, tiveram que reconhecer o valor de compositores e letristas emergentes, por exemplo, que vinham da Bahia como os Novos Baianos; de Pernambuco como Alceu Valença, Geraldo Azevedo, Naná Vasconcelos e o Quinteto Violado; assim como na Paraíba com nomes como Zé Ramalho, Elba Ramalho e Vital Farias; Das Alagoas, Djavan; e uma leva enorme e fantástica do Ceará com Belchior, Cirino, Ednardo, Fagner, Fausto Nilo, Petrucio Maia, Rodger e Tetty,

É imprescindível admitir, à vista disso tudo comentado até aqui, que a jornada histórica que as letras da MPB fizeram ao longo do tempo é, por demais, preciosa no que se refere aos estudos ligados à literatura e que conduzem ao despertar do gosto por textos literários - não só nacional como também mundial -, pois as letras contêm um vínculo muito estreito com o universo literário e ajudará os estudantes que estão começando a ter contato com esse tipo de texto de maior valor expressivo, imaginativo, plurissignificativo, abstrato e

metafórico, que são algumas expressividades básicas existentes no estudo da literatura, aproximarem-se das leituras literárias. Além, é claro, de os fazerem perceber o papel humanizador que os textos que emanam da literatura, naturalmente, podem despertar nas pessoas que com ele se relacionam.

A seguir, veremos como de fato a literatura nas letras da MPB é usada pelos compositores para transmitirem as suas mensagens e visões de mundo, como também fazerem com que suas letras se eternizem devido ao alto poder expressivo-literários que possuem e como esses fatores podem auxiliar no interesse dos alunos pela leitura de textos oriundo da literatura.

3.2. A literatura nas letras da Música Popular Brasileira

Como desde o início desse trabalho estamos deixando bem evidente, esta intervenção ressalta as letras da MPB, de reconhecido valor poético, como veículo e como objeto central da nossa jornada de conduzir e de induzir os alunos a melhor compreenderem como alguns textos do cancionário popular, mais especificamente do gênero musical MPB, relacionam-se com os textos literários presentes nos livros tradicionais impressos ou digitais - tanto de poesia quanto de prosa -, e como este estudo pode fazê-los ter acesso a textos mais bem elaborados e com informações não só explícitas como também implícitas. Algo fundamental para um melhor desempenho nos meios sociais e para se evitar a manipulação proporcionada pelos detentores do poder, que dominam os principais meios de comunicação e distorcem valores e princípios na nossa sociedade que é tão diversificada.

Além disso, pretendemos despertar nos alunos o deleite pela tão importante e imprescindível leitura literária, indispensável na nossa sociedade atual, mas que nem sempre é bem trabalhado pela escola de modo prazeroso, o que é uma lástima, porque, por outro lado, quando se impõe algo – no caso a leitura obrigatória de alguns livros literários de séculos remotos, por exemplo, só por serem canônicos -, não se constroem leitores proficientes de literatura que sejam realmente interessados pelos textos. Pois, o que realmente se passa para os alunos com esse ato é a ideia de que são coagidos a lerem para se obter uma “nota”, e, a partir disso, cria-se com essa prática repulsões diante do contato com os textos literários.

Não custa lembrar que consideraremos as letras como algo prazeroso e cultural para os estudantes, já que ouvir músicas faz parte da rotina diária deles, mesmo que não sejam músicas com letras tão bem elaboradas poeticamente como as que pretendemos estudar com

essa intervenção. Também devemos lembrar que essas letras, por nós escolhidas, possuem autonomia em relação à música, mas não descartamos, em hipótese nenhuma, o valor da junção da letra e da música, porém sabemos que já se há um “consenso”, nos meios acadêmicos como nos afirma Aguiar (1996, p.11) que “a letra pode e tem um valor poético capaz de ser abordada com os instrumentos da análise literária”, pois isso é o que pretendemos fazer nas aulas.

Optamos por trabalhar com textos dos anos de 1960 e 1970, a fim de mostrarmos como a literatura está presente nas letras da MPB. Permitirá o acompanhamento do que de melhor já se foi feito em matéria de literatura-musical no cenário poético brasileiro da música nacional e de reconhecimento acadêmico. Na intervenção em sala de aula trabalharemos dois textos, como já dissemos: Construção, de Chico Buarque de 1971 e Fotografia 3x4, de Belchior, de 1976, ou seja, dois ótimos textos anos de 1970.

Para que possamos começar a estudarmos como a literatura está presente nas letras da MPB de forma conceitual e estrutural, iniciemos pelo cantor e compositor Chico Buarque de Holanda. Perrone (1988, p.39) afirma que “Chico Buarque nunca chegou a publicar um livro de poesia, mas foi o primeiro compositor brasileiro a incluir regularmente letras impressas na capa de seus discos”. Isso tem um peso enorme no que se refere às intenções comunicativas e literárias de Chico, pois ele vê seu trabalho escrito como algo que não só deve ser cantado, mas também como algo visual e conceitual de valor artístico e literário, o que, com certeza, é confirmado pela crítica especializada. Além disso, Perrone ainda acrescenta que “os textos das canções de Chico têm sido objeto de muita discussão literária”, isto é, são textos reconhecidamente bem trabalhados diante das técnicas de elaboração nos padrões literários e com imagens poéticas presentes em todo o seu entorno.

Para que possamos entender com mais propriedade essa relação músico-literária, analisemos a letra da música “Com açúcar Com afeto” de 1967, cuja letra diz o seguinte:

Com açúcar, com afeto/ Fiz seu doce predileto/ Pra você parar em casa/
Qual o quê!/ Com seu terno mais bonito/ Você sai, não acredito/ Quando
diz que não se atrasa/ Você diz que é um operário/ Sai em busca do salário/
Pra poder me sustentar/ Qual o quê!/ No caminho da oficina/ Há um bar em
cada esquina/ Pra você comemorar/ Sei lá o quê!/ Sei que alguém vai sentar
junto/ Você vai puxar assunto/ Discutindo futebol/ E ficar olhando as saias/
De quem vive pelas praias/ Coloridas pelo sol/ Vem à noite e mais um
copo/ Sei que alegre *ma non troppo*/ Você vai querer cantar/ Na caixinha
um novo amigo/ Vai bater um samba antigo/ Pra você lembrar/ Quando
a noite enfim lhe cansa/ Você vem feito criança/ Pra chorar o meu perdão/
Qual o quê!/ Diz pra eu não ficar sentida/ Diz que vai mudar de vida/ Pra
agradar meu coração/ E ao lhe ver assim cansado/ Maltrapilho e
maltratado/ Ainda quis me aborrecer?/ Qual o quê!/ Logo vou esquentar

seu prato/ Dou um beijo em seu retrato/ E abro os meus braços pra você.
(Chico Buarque, 1967)

Na letra de Chico Buarque, percebemos o eu lírico, frequentemente, encenando um diálogo com o parceiro amoroso ausente (depois presente), como faziam os trovadores nas cantigas de amigo do Trovadorismo na Idade Média. O diálogo encenado vem para expressar queixas, críticas e sofrimentos, por parte da amada. No caso, o trovador Chico, que assume um eu lírico feminino bem convincente, algo que vem a se destacar e o caracterizar como um grande artista a desvendar a “alma feminina” e o transformando em um dos compositores mais bem performáticos da sua geração e da história da MPB.

Podemos perceber que as cantigas de amigo serviram de modelo para Buarque, pois no texto dele há elementos muito característicos daquilo que os trovadores pensavam ser a visão feminina do amor e Chico o refaz aqui. Ou seja, as mulheres se queixavam da ausência de seus amantes; reclamavam das fúteis promessas que lhes faziam, amarguravam-se pela falta de notícias a respeito deles.

O Trovadorismo diante das cantigas de amigo tem uma estrutura dialogada, na qual uma donzela compartilha seus pensamentos como outras moças ou discute com sua mãe por causa do amado ou se queixa para a natureza a seu redor da impossibilidade de realização amorosa que está vivendo.

Essa conversa, no caso, compõe do ponto de vista formal, uma especialidade da cantiga de amigo. Se nas cantigas de amor temos uma vassalagem amorosa, imitando as relações sociais da corte, nas de amigo estão presentes conceitos e circunstâncias da vida simples, muitas vezes campestres.

É importante notarmos outras características literárias empregadas por Buarque que remetem aos trovadores, como: a concentração em uma única cena, a voz lírica que expressa os problemas amorosos é feminina. Porém, Chico não possui as mesmas características no que se refere às estrofes (paralelismo) da cantiga de amigo, mas há um único refrão bem no padrão do estilo corrente que era utilizado na lírica galego-português.

Não podemos nos esquecer de que a comparação é mais sensata ao se levar em consideração o fato de que a letra da música se inter-relaciona ao Trovadorismo, nessa canção ou no estilo de época citado, que ambas são produções destinadas à reprodução oral e com o uso de instrumentos musicais, tornando-se literatura impressa em cancionários populares em seu espaço e seu tempo.

Agora vejamos outra letra da MPB que, como a de Chico Buarque, também tem inúmeros aspectos que se enquadram em padrões literários. A música se chama “Clara” de

autoria de Caetano Veloso e foi gravada em 1967 e lançada, em LP pela Philips Records, em 1968, que na letra o compositor nos diz:

*Quando a manhã madrugava
calma
alta
clara
Clara morria de amor
faca de ponta
flor e flor
cambraia branca sob o sol
cravina branca, amor
cravina, amor
cravina e sonha
a moça chamava Clara
água
alma
lava...
alva cambraia no sol
galo cantando cor e cor
pássaro preto dor e dor
o marinheiro amor
distante amor
que a moça sonha só
o marinheiro sob o sol...*

Podemos perceber claramente, sem sermos redundantes, que nessa letra há elementos de uma construção cubista e, ao mesmo tempo, concretistas. Além de uma agradável sequência de imagens que se remetem a aspectos ligados ao brilho, à luminosidade e as cores, lembrando um pouco os ideais simbolistas tão bem trabalhados por poetas do período, especialmente Cruz e Sousa.

O que mais engrandece o valor poético desse texto, sem dúvida alguma, é a bem burilada construção estrutural dos versos, digno das obras mais canônicas do gênero. Uma vez que o dinamismo das vogais abertas, marcado pela vogal /a/ pauta-se de forma relacional com os vocábulos: alva e lava que se constituem de um anagrama, ou seja, algo bem raro de se encontrar em letras da MPB ou qualquer outro gênero musical, mostrando-se, assim, como o compositor tem um apurado senso de literariedade e de precisão linguístico-poética.

As palavras calma e alma são denominadas pela teoria literária como rimas aditivas e, também, a sequência vocabular alma, alta e alva são elementos paronímicos, somente diferenciado pela troca de uma consoante em cada palavra.

Outro recurso literário que também chama atenção é o uso das aliterações, principalmente na sequência “cantando cor e cor”, “pássaro preto dor e dor” e “a moça

sonha só”, além da óbvia sequência de repetição de consoantes, o que constitui a já mencionada aliteração, o compositor força, de forma criativa, a aliteração no terceiro verso transcrito com a sequência de “ç” e “esses” o que nos evidencia a atenção fonológica que ele se predispõem a transferir para o texto e o enquadra ainda mais na vertente literária.

Podemos, ainda, afirmar que o efeito mais geral da letra da música seria a dispersão, pois a estrutura textual corresponde a formas modulares não triviais, demonstrando assim escassear de um núcleo fonal bem claro, transparecendo que os ecos dos vocábulos surgem de harmonias antagônicas.

Portanto, podemos dizer que tanto a letra quanto a música são bem experimentais, típico das obras dos anos de 1960 de Caetano, porém, traz em si uma poeticidade bem evidente e agradável.

Outro artista, agora dos anos de 1970, que também chama muito a atenção no requisito poeticidade de suas letras, é o sobralense Antonio Carlos Belchior Fontenelle Fernandes (1946-2017) ou, simplesmente, Belchior. Artista de reconhecida qualidade estética pela crítica especializada em literatura e por nós também, que nos servirá, juntamente com Chico Buarque, de apoio para usarmos uma de suas letras como auxiliadora do processo interventivo na sala de aula, com o intuito de conseguirmos desenvolver, de forma eficaz, o letramento literário com os estudantes de uma turma da EJA, como anteriormente já fora explicado.

Voltando-nos a análise do artista, o compositor se preocupava muito com a elaboração dos seus textos e empregava técnicas de vanguardas, especialmente, no início da sua carreira artística. Perrone (1988) diz a respeito de Belchior, que ele é:

Um exemplo claro de um compositor que escolheu o veículo musical para tornar sua poesia conhecida. Ele próprio se considera um “cancioneiro”, um fabricante de canções no sentido medieval. Belchior considera a letra o mais importante componente de suas canções; fala da música como uma intensificação dos textos que os torna mais acessíveis e mais poderosos do que a poesia exclusivamente escrita (PERRONE, 1988, p.129).

A partir desse comentário de Perrone podemos notar o quanto Belchior estava ligado às artes literárias tanto por primazia, quanto por prioridade. O compositor, como se sabe, era um grande admirador das vanguardas e ávido leitor dos clássicos universais, além de um intelectual de reconhecido valor cultural nos meios artísticos e acadêmicos.

Nessa mesma perspectiva, a fim de que possamos confirmar aspectos ligados à criatividade, à poeticidade e à consciência artística de Belchior, vejamos uma letra de música em que o compositor se remete nitidamente à estética concretista, tão em voga no

período em que lança o LP denominado Mote e Glosa, no ano de 1974, pela gravadora Chantecler. Obra essa que tem um diálogo direto com a literatura. O nome da música, escolhida para análise, chama-se “Bebelo”, um texto nitidamente ligado ao concretismo e com um formato estético assaz elaborado em uma figura geométrica conceitual e emblemática:

b
 be
 bel
 b belo
 be belo belo
 bel belo
 bel belo belo belo belo
 belo belo belo belo
 É B O B A G E M
 b bla bla bla
 ba bla bla bla
 bal B L A
 b bala
 ba bala bala
 bal bala
 bal bala bala bala bala
 bala bala bala bala
 E M B A L A G E M
 tra tra tra
 tra tra tra
 T R A

Ao analisarmos a letra Bebelo, podemos notar o quanto Belchior foca na estrutura de sua letra, algo comum ao longo de sua trajetória como compositor. Nessa, especificamente, está procedendo como um escritor tradicional de livros impressos. Na hora de transcrevê-la o artista faz do texto um poema concreto e revela uma sequência de ironia em relação à justaposição da beleza na sociedade, demonstrando com isso um discurso excessivamente vazio e desnecessário, muito mais visual do que conteudista o que podemos considerar como supérfluo.

Para melhor explicar e justificar a importância, não só do texto supracitado, mas dos textos em geral da obra de Belchior, usaremos as palavras, novamente, do especialista em letras de música, o norte americano Perrone (1988, p.131) que nos diz, a respeito do artista, que “a capa/encarte, para Belchior, é um produto paralelo à realização musical, que mostra especial cuidado artístico”. Assim como o faz Chico Buarque, Belchior vê o texto, a ser escrito nos encartes dos discos, como um novo e interessante veículo de divulgação da sua escrita poética.

Outro aspecto também pertinente para comentarmos é o uso, nas letras do cearense, de muitas alusões a textos da literatura canônica, como recurso retórico, principalmente

diante de títulos (como vemos na música A Palo Seco, que é integralmente retirado do título do poema homônimo de João Cabral de Melo Neto e Divina Comédia Humana que vem da junção dos títulos de Dante Alighieri do século XIII e do ciclo romanesco de Honoré de Balzac ou da novela de William Saroyan) e versos consagrados (como “**Ora direis, ouvir estrelas, certo perdeste o senso/ Eu vos direi, no entanto**, enquanto houver espaço, corpo e tempo e/ algum modo de dizer não /Eu canto”. Ou seja, a parte anteriormente em negrito é oriunda da obra de Olavo Bilac, do livro Poesias, publicado em 1888. Essa é uma das citações mais importantes da poesia nacional presentes na MPB.

Além dessa música, a letra Velha Roupa Colorida traz a junção dos textos “Assum preto” de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, Edgar Allan Poe e Blackbird dos ingleses The Beatles, a que o poeta nos diz:

“Como Poe, poeta louco americano/ Eu pergunto ao passarinho:/ blackbird, assum-preto, o que se faz?/ Haven never haven never haven never haven never haven/ Assum-preto, pássaro preto, blackbird, me responde, tudo já ficou atrás/ Haven never haven never haven never haven never haven/ Blackbird, pássaro preto, pássaro preto, me responde/ O passado nunca mais”. (Música essa gravada em 1976 no LP Alucinação).

Por último, podemos justificar a escrita de Belchior como enquadrada nos padrões poéticos mais rígidos e mais criativos que possamos ter no âmbito literário nacional ou internacional, no que se associa ao gênero textual letra de música, por exemplo, como foi recentemente reconhecido o de Bob Dylan. Usando-nos das palavras de Perrone (1988), podemos abonar que:

A associação de Belchior desde cedo com a poesia concreta, sua preocupação com a representação gráfica dos textos das canções, e o destaque que ele dá ao texto acima da música são razões suficientes para tratar este artista como membro literário da comunidade da música popular (PERRONE, 1988, p.132).

A fim de que entendamos o quanto a literatura está presente nas letras da MPB, devemos nos ater ao fato de que muitos artistas – e, infelizmente, há um espaço assaz limitado nesta dissertação para citarmos todos os que se qualificam como tendo letras de alto padrão literário, a saber: Gilberto Gil, Tom Zé, Gonzaguinha, Djavan, Paulinho da Viola, Luiz Melodia, Aldir Blanc, Geraldo Azevedo, Jackson do Pandeiro, Walter Franco, Marcus Vinícius, entre dezenas de outros -, fariam parte de uma lista bastante extensa e esplêndida, principalmente nos anos de 1960 e 1970, que se preocupavam com a publicação de suas letras por se dedicarem a escrever textos bem elaborados poeticamente.

Além, é claro, da forte presença de figuras literárias ilustres, que transitavam na arte de composição de letras e engrandeciam com as suas presenças, ainda mais, o cenário

nacional da MPB (a saber, Paulo Leminski, Vinícius de Moraes, Jorge Mautner, entre outros). Portanto, esses fatores, provas incontestes de que há um cruzamento dessas duas ordens culturais, isto é, das letras da MPB e da literatura.

Na próxima parte deste trabalho, veremos como a fixação de padrões literários às letras da MPB fez com que especialistas, das áreas referentes à crítica literária, considerassem os anos de 1967 a 1973 como um período provável da “superação” das letras da MPB, no que se refere a termos estruturais e criativos em relação aos textos dos livros de poemas à época.

3.3. Quando a letra de música “superou” os poemas no cenário brasileiro

Para que possamos começar essa análise contextual e panorâmica de “como?” ou de “quando?” ou de “se...” as letras da MPB tiveram uma importância mais expressiva na cultura literária brasileira e “superaram”, em quesito de relevância, a poesia impressa, vejamos o que Sant’Anna (2013) nos diz a respeito dessa produção, entre as décadas de 1960 e 1970:

A música capitaliza a perplexidade do povo brasileiro ante o momento político (pós-64) e passa a cumprir um papel que a poesia literária jamais poderia realizar. Os poetas passam a investir na música popular através de ensaios, poemas, participação em júris de festivais e por meio de catequeses teóricas. As escolas e universidades descobrem o texto da música popular como um produto a ser esteticamente analisado (SANT’ANNA, 2013, p.73).

Esse comentário do autor nos mostra como tem importância bastante significativa os aspectos literários, estéticos e temáticos os textos das letras da MPB no período referido, podemos começar a discorrer a respeito de uma análise significativa das letras de música para a poesia brasileira do século XX. Todavia, faz-se necessário que digamos a priori que não adotaremos um posicionamento estético-didático partidário a respeito da soberania de uma corrente (letra de música ou o poema) em relação à outra, mas, sim, o que faremos será uma seleção de argumentos baseados nas percepções de especialistas universitários e de poetas acerca da poesia brasileira entre os anos de 1967 e 1973, a fim de que tenhamos um panorama eficaz da poesia desse ínterim.

Antes de tudo, é válido ressaltar que explanaremos em detalhes, acerca da evidente evolução dos níveis poéticos que as letras da MPB desempenharam, no Brasil, segundo alguns estudiosos dos meios acadêmicos do período e contemporâneos. Faz-se, então, necessário que entendamos como nossos poemas estavam se desenvolvendo ao longo dos

anos, principalmente, na fase inicial do século XX. Algo que influenciará diretamente na postura criativa dos compositores e como as rivalidades e os “egos inflamados” beneficiarão os movimentos musicais da época e, por consequência, irão beneficiar o gênero musical MPB em meados do século passado, sobretudo, com a migração de poetas (ou possíveis poetas) de livros para a composição musical, como Sant’Anna nos diz anteriormente.

É imprescindível que saibamos que o Brasil, desde muitos séculos, é um ótimo seleiro de grandes poetas e poetisas, no decorrer da nossa história literária. Do Barroco, no século XVI, à literatura contemporânea, do século XXI, sempre tivemos e temos aqui o desenvolvimento de uma poesia de alto padrão estético, metalinguístico, técnico e criativo, reconhecida em muitos países do mundo, que não nos faz ficar para trás, no requisito qualidade, genialidade e criatividade para nenhuma literatura mundo a fora.

Além disso, do princípio ao término do século XX, iniciando-se com o período de transição denominado Pré-Modernismo e o próprio Modernismo, nas três distintas fases ou gerações deste movimento, o Concretismo, o Tropicalismo e outras tendências. Nós, como nação, demos um salto quantitativo e, especialmente, qualitativo impressionante, transformando-nos em uma nação que não só consome produções literárias estrangeiras, mas também que exporta a mais fina arte literária para o mundo todo, principalmente a partir do Concretismo. Isso é abonado por Sant’Anna (2013) ao nos dizer que:

Hoje os livros de história da literatura, dentro e fora do país, se referem ao episódio atualizador que foi o Concretismo e aos movimentos daí decorrentes, assinalando que nas últimas décadas a poesia brasileira converteu-se num objeto altamente sofisticado, exportável e influenciador de poesias em outros países (SANT’ANNA, 2013, p.198).

Para que fique mais evidente, comecemos por entender, brevemente e tão-somente pelo viés cronológico, a importância do Pré-modernismo para a poesia com o poeta paraibano Augusto Carvalho Rodrigues dos Anjos (1884-1914) ou, simplesmente, Augusto dos Anjos. Ele, em 1912, publica seu único volume de versos em vida, intitulado: Eu. Que juntamente como Outras Poesias, constitui-se de uma impressionante obra poética com uma originalidade inalcançado no país até então, principalmente, diante do “espólio literário” como nos diz Massaud Moisés (2008, p.336) “este poeta é uma grande fonte de inspiração, para variados compositores ao longo dos anos”.

Depois de falarmos um pouco sobre o poeta Augusto dos Anjos, este pré-modernista impressionante, prosseguimos comentando acerca das ilustres personalidades poéticas do Modernismo, propriamente dito, tendo a sua primeira fase iniciada com a Semana de Arte Moderna de 1922 nos dias 13, 15 e 17 de fevereiro, no Teatro Municipal de São Paulo. Onde

poetas como Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Menotti del Picchia, entre outros, mostraram ao país uma arte inovadora e provocativa.

Tempos depois da referida Semana, simultaneamente, surgem publicações de obras e a fundação de revistas literárias. São lançados vários manifestos e movimentos que, além de terem a finalidade de divulgar as propostas modernistas, permitem a troca de experiências e fomenta o debate de ideias, também de grande influência no movimento musical Tropicália, que fora liderado por Caetano Veloso, como já mencionamos em um tópico anterior desta dissertação.

Desses movimentos, no Modernismo, destacam-se quatro como os principais: Pau-Brasil (lançado em 1924 por Oswald de Andrade, configurando-se como um movimento anarquista); Verde-Amarelo (por Menotti del Picchia e outros, como reação ao Pau-Brasil); Escola da Anta, em 1927, que toma a anta e o índio Tupi como símbolo da nacionalidade primitiva e, por fim, o mais polêmico (influenciador direto da Tropicália) Antropofagia (que se denomina como “deglutição cultural” e revida com sarcasmo ao primitivismo xenófobo da Escola da Anta, tendo como líder Oswald de Andrade).

Em seguida, cronologicamente, aparecem na segunda fase do Modernismo poetas como: Carlos Drummond de Andrade, Mário Quintana, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Murilo Mendes, Jorge de Lima, entre outros, que dispensam apresentação pelas suas técnicas e prestígios literários incontestáveis e amplamente divulgados nos meios acadêmicos e midiáticos.

Por fim, na chamada terceira fase do Modernismo, temos o surgimento do “poeta engenheiro”, João Cabral de Melo Neto (1920-1999), de Pernambuco. Lançando, em 1942, o seu primeiro livro denominado de “Pedra do sono”, que com sua arte extremamente técnica e árida, como o sertão e o agreste que tanto evidenciou em sua escrita literária, vem a causar uma calamidade estilística e poética na literatura nacional. Fazendo, assim, com que historiadores das áreas dos estudos literários o qualificassem como o “último” modernista da poesia nacional, cuja argumentação teórica a esse respeito podemos encontrar nas palavras de Silva (1980) nos afirmando que:

O Modernismo se coloca inicialmente como um corte no processo literário brasileiro e, por sua vez, sofre um corte a partir de João Cabral de Melo Neto que é apontado como o último dos modernistas. Depois de João Cabral há um verdadeiro caos do ponto de vista de história literária. Vários movimentos disputam o direito de sucessão, entre eles estão: neomodernismo – cuja denominação é discutível, representado por poetas da chamada geração de 1945. (poesia concreta, poesia neoconcreta, poesia práxis e poema processo) E todos, igualmente, arrogam a si o direito a legitimidade de continuadores do Modernismo. [...] estuda-se apenas o

Modernismo na faixa Oswald de Andrade – João Cabral de Melo Neto (SILVA, 1980, p.3).

A partir desse momento, consoante o comentário feito pelo crítico acima, principalmente porque aqui ele também aborda o Concretismo e outras tendências que se conflitavam, podemos nos focar no que de fato houve, historicamente, para que possamos considerar os anos de 1967 a 1973, como um período de profundo amadurecimento das nossas letras da MPB, tendo elas um alto valor literário, temático e estético, que nunca mais, depois desse ínterim, veio a ser alcançado em nossa historiografia poético-musical. Fazendo com que, alguns dos nossos melhores teóricos da literatura, possam considerar o período supradito como uma época em que as letras da MPB “superaram” em quesito de influência estética e criativa os textos publicados em livros impressos.

Vários compositores fizeram das letras à época, mais especificamente no gênero musical MPB, uma das mais formidáveis manifestações literário-musical do Brasil de todos os tempos.

A fim de que possamos situar historicamente o período que constitui os anos entre 1967 e 1973, como “áureos” para a nossa MPB, temos de nos lembrar de que havia no Brasil, à época, um período de forte repressão intelectual, artística e política. Modificando, assim, radicalmente, o modo como os poetas, os letristas e os compositores viam as formas de como eles iriam produzir os seus textos. A denominada “Revolução” ou Ditadura Militar brasileira ou mais popularmente chamado “Anos de Chumbo”, estendeu-se de 1º de abril de 1964 até 15 de março de 1985. Essa fase histórica para a MPB é muito importante e, para melhor entendermos a visão musical do período, vejamos os comentários do renomado especialista em música Tinhorão (2010) que nos diz o seguinte:

A sociedade brasileira vivia desde 1964 o peso de uma ditadura militar imposta para consolidar a integração forçada do país na divisão internacional de economia, sob a égide dos Estados Unidos e o controle do FMI, e essa gratuidade da insistência em cutucar o Poder com a vara curta das canções de protesto acabou determinando em 1968 a reação das autoridades sob a forma de maior repressão e reforçamento da censura (levando compositores como Chico Buarque e Geraldo Vandré a sair do país, e outros a serem presos e expulsos como Gil e Caetano Veloso). Do ponto de vista musical – e levando em conta a chegada de novas gerações de jovens da classe média, massificadas pela música de consumo internacional produzida pelas multinacionais do disco -, a interrupção do processo de criação que por aqueles fins da década de 1960 entrava em nova fase sob o nome de Tropicalismo serviu para desorganizar de vez o quadro cultural ao nível universitário, e a alienação voltou sob o império do rock (TINHORÃO, 2010, p.336).

Podemos perceber, com as palavras de Tinhorão, que estamos nos referindo a um momento histórico no Brasil de extrema tensão nos meios culturais e artísticos que, por sua vez, vem a encontrar um espaço de resistência bastante eficaz na MPB, o que acarreta em uma nova expectativa para a sociedade reagir à repressão. Logo, os escritores tradicionais também percebem esse canal de comunicação como um “escape” necessário para que as mensagens artísticas, por eles arquitetadas, alcancem um maior número de pessoas e que sirvam de alerta e cultura para a sociedade. As mensagens codificadas serão uma das principais formas de expressão nas obras, por exemplo, de Caetano Veloso, Chico Buarque, Belchior, Geraldo Vandré, entre outros.

Por sua vez, entenderemos com mais singeleza e exatidão o supracitado, ao observarmos o que nos afirma Sant’Anna (2013, p.174), ao dizer que: “alguns escritores, fossem os estetizantes e esteticistas, fossem os socializantes e vitalistas deram-se conta de que seus instrumentos de comunicação eram ineptos para o contato com o grande público”, ou seja, a MPB, à época, era o canal mais qualificado ou identificável com o público, a fim de uma apropriada e direta comunicação perante a grande massa. Os compositores mais atentos perceberam esse nicho e seguiram essa vereda de forma magistral.

Ao mesmo tempo, o supradito, fica evidente quando Sant’Anna (2013) veementemente vem a afirmar que caso:

Um psicólogo social ou mesmo um sociólogo que queira analisar as modificações impostas ao povo brasileiro a partir de 1964 encontrará seu melhor documento não nos editoriais, livros e discursos de políticos, mas nos fenômenos que se manifestam na música popular brasileira (SANT’ANNA, 2013, p.174).

Analisando o que o autor nos diz a respeito do momento histórico do país e da importância da MPB, como propagadora de ideias e de ideais, começamos a entender, de modo geral, o quanto foi levado a sério pelos compositores o peso que os seus textos tinham no âmbito social e comunicativo, diante das suas letras, e o porquê de elas se sobressaírem no cenário artístico-literário nacional. Chegando ao ponto de que um dos mais respeitados críticos literários e poeta concretista, Augusto de Campos, afirmasse que “se quiserem compreender esse período, extremamente complexo de nossa vida artística, os compêndios literários terão de se entender com o mundo discográfico” (CAMPOS apud PERRONE, 1988, p.19),

Campos ao afirmar tal opinião, não tenciona dizer que todos os padrões estéticos literários são aplicados à poesia existentes nas letras de músicas, sobretudo, em meados do século XX, na MPB. Podemos também dizer que as considerações literárias existentes nas

discografias são, ao mesmo tempo, uma possível reflexão para os fatores sonoros e vocais da poesia existente nas letras⁹ que devem ser consideradas de forma diferente da poesia escrita, ou seja, para ser lida (como o Concretismo, por exemplo, dos irmãos Campos, de José Lino e de Décio Pignatari) da poesia para ser ouvida. Como sabemos, algumas letras resistem, como texto poético nato, aquém da harmonia musical.

Por outro lado, Perrone (1988) no livro *Letras e letra da MPB*, diz que Augusto de Campos afirmou que:

Em fins da década de 1960, a poesia brasileira começa a cantar, e uma das razões para a apreciação literária dos compositores é que “a poesia da música popular foi melhor do que a poesia escrita”. Os melhores compositores do período instituíram uma tradição de poeta-compositor que permanece nos anos de 1980, embora em menor intensidade (PERRONE, 1988, p.20).

Ao ser proferido tal comentário, por uma autoridade renomada dos estudos das Letras do universo acadêmico, ligada às teorias literárias, nota-se, de forma muito séria, o quão grandioso foi esse período de efervescência poética para a historiografia literária brasileira.

Augusto de Campos, que foi um dos líderes do movimento literário Concretismo, afirma que a poesia presente em algumas letras da MPB, produzida entre os anos finais de 1960 até 1980, é para o concretista “a melhor poesia do período” histórico brasileiro do momento, especialmente, entre 1968 e 1973, e ao dizer isso ele deixa para trás o próprio Concretismo em que ele se enquadrava.

Essa evidência da importância das letras da MPB é corroborada ainda por Sant’Anna (2013) ao comentar o quanto nos meios acadêmicos os textos oriundos da MPB eram estudados e valorizados:

Os textos de música popular brasileira passaram a ser estudados rotineiramente nos cursos de literatura de nossa Faculdade de Letras. Isto se deve a uma expansão da área de interesse dos professores e alunos, e a uma confluência entre música e poesia que cada vez mais se acentua desde que poetas como Vinícius de Moraes voltam-se com força total para a música popular e que autores como Caetano e Chico se impregnaram de literatura (SANT’ANNA, 2013, p.184).

A partir do comentário do autor, notamos o quanto se eleva em relação a conceitos e à qualidade a visão acadêmica especializada sobre as letras da MPB, no período referenciado. Elas “invadem” os meandros universitários de forma expressa. Porém, isso não

⁹ Apesar de que para o nosso trabalho nos limitaremos ao estudo das letras, mas entendendo como é fundamental a análise em conjunto.

ocorre à toa, mas, sim, pelo reconhecimento cômico do elevado teor comunicacional, estético, criativo e poético que muitas dessas letras trazem arraigadas em si.

Perrone (1988) sintetiza a visão otimista geral de Sant'Anna, a respeito da importância da MPB para o panorama poético nacional, ao dizer que:

Sant'Anna parece achar que a diminuição temporária por parte da música popular sobre a poesia se atribui a um interesse reduzido, por algum tempo, na poesia escrita a uma relativa diminuição das publicações qualificadas, ao interesse renovado na transição oral tradicional da expressão lírica e à qualidade intrínseca das próprias letras, que resistiam ao exame crítico mesmo quando consideradas separadamente de seu ambiente melódico. Acredita que a soberania da música popular termina por volta de 1973, quando uma nova confluência de interesse na palavra poética impressa e uma série de conferências sobre a prática poética em vigor (PERRONE, 1988, p.22).

Percebemos o quanto Sant'Anna acredita no potencial estético, poético e criativo que algumas letras da MPB atingiram e o quanto isso foi fundamental para uma nova perspectiva ao nosso crescimento músico-literário.

Por outro lado, o próprio Sant'Anna (2013, p.196) vem a decretar o término dessa euforia músico-literária ao dizer que “a partir de 1973 configurou-se um novo estágio da atual poesia moderna brasileira. [...] Os poetas usam de todas as técnicas sem nenhuma ortodoxia. [...] a poesia sai da sombra da música popular”. Ao dizer que o poema volta a ressurgir com maior intensidade, não implica dizer que a poesia da MPB mergulhou na obscuridade, porque o lirismo musical continua no decorrer da década de 1970 até com o surgimento de grandes nomes na nossa MPB.

Apesar de essas duas autoridades supratranscritas reconhecerem o valor literário que as letras da MPB possuíam, à época mencionada, não quer dizer que existisse um reconhecimento unânime por parte dos intelectuais. Não era antes e muito menos é hoje. Conferimos isso com próprio Perrone (1988) que reconhece o valor literário de inúmeras letras de músicas, mas vem a afirmar que:

As letras de música popular dos anos de 1960 não devem ser equiparadas à produção poética nacional, mas certamente a ampliação dos horizontes da MPB abre novas dimensões literárias. A adaptação de formas do verso popular continua a ser um método importante para a poesia da canção, mesmo quando em uso ocasional de uma atitude lírica se desenrola até virar uma construção literária e quando a dicção culta torna-se mais evidente no trabalho dos letrados eminentes no final da década (PERRONE, 1988, p.22).

A difícil batalha de se considerar ou não uma letra à parte da sua melodia a faz parecer, muitas vezes, como um produto paraliterário. É um impasse enorme essa valorização ou não do texto que provém do cancioneiro popular, principalmente para alguns

especialistas que insistem em resistir a novas maneiras de se pensar as manifestações literárias.

Em confluência com os pensamentos de Perrone, vemos que segundo SILVA (1980) também há uma grande resistência do reconhecimento das letras da MPB, referentes ao período de 1968 a 1973, como uma época de maior prestígio para os textos que imanavam das vozes dos cantores, uma vez que Silva afirma que:

O valor literário da letra poética da MPB, optando pela necessidade de incorporar à Literatura Brasileira a obra de muitos letristas. Para isso estabelecemos um paralelo entre letra poética da MPB e poesia, da década de 1950 em diante, procurando traçar, embora sumariamente, a linha de ascensão da letra poética que, partindo de uma defasagem qualitativa, chega à equiparação e até a uma possível ultrapassagem da poesia em termos estruturais e criativos (SILVA, 1980, p.3).

Segundo Silva, é incontestável o fato de que algumas letras da MPB são produtos culturais, estruturais e criativos inegáveis, no entanto, ao usar a palavra “possível” no seu discurso, a respeito da “ultrapassagem” das letras sobre os poemas, ele não tem a mesma convicção que observamos antes, por exemplo, em Augusto de Campos e Sant’Anna.

É necessário que entendamos que essa discussão sobre se houve ou não uma “superação” por parte das letras de música em relação ao poema, à época, não é algo simples de se definir e, ao mesmo tempo, também não é o nosso propósito ao discorrermos sobre esse trabalho, faz-se, então, muito mais produtivo, nos lembrarmos do que nos diz COSTA (2014) sobre essa temática ao afirmar que:

Parece-nos mais sensato, porém, se considerar a poesia e a canção dois gêneros específicos, que se interseccionam por aspectos de sua materialidade e por alguns momentos comuns de produção. Na canção, texto e melodia são duas materialidades imbricadas (não sendo a melodia um mero meio de transmissão da letra e vice-versa). [...] Portanto, o mero fato de ambas, canção e poesia, se utilizarem da materialidade gráfica em determinados momentos de sua produção e circulação não as tornam variedades do mesmo (COSTA, 2014, p.124).

Essa análise feita pelo autor comunga com o que pretendemos demonstrar com essa nossa intervenção, pois o que aspiramos aqui não é demonstrar que os poemas e as letras de música são coisas idênticas ou que uma deve ser mais respeitada e prestigiada do que a outra. Não entraremos nesse mérito. Pelo contrário, queremos sim, conduzir os nossos alunos a uma análise do que de literário podemos ter ao utilizarmos algumas letras da MPB, para nós e para muitos outros estudiosos das letras, esse gênero musical, por nós escolhido, passível de requinte textual que se compara em “nobreza” com gêneros literários que, por sua vez, servir-nos-ão como recursos condutores para a leitura dos textos de literários

presentes nos livros cânones ou não. E que estes, por sua vez, ainda não fazem parte do hábito intelectual da maioria dos alunos que participarão dos nossos encontros.

Ao escolhermos esse gênero textual (letra de música) como nosso recurso de intervenção e acesso à leitura literária, nós tínhamos a convicção de que o estranhamento por parte dos alunos seria apenas diante do estilo e da expressividade comunicativa, perante a musicalidade e a expressividade dos artistas escolhidos para nossa intervenção (Belchior e Chico Buarque) já que não fazia parte do repertório comum de todos os participantes, fator que fora comprovado.

Acreditávamos que não haveria o estranhamento, por parte dos alunos, do canal ou veículo em que conduziríamos os nossos encontros: a música. Impressão que fora confirmada. Visto que, por eles, são (as músicas) hodiernamente ouvidas, no entanto, em geral, não são escutadas.

Para entendermos bem esta diferença é importante nos remetermos às palavras de Jeandot (2008) que distingue “ouvir” de “escutar” da seguinte forma:

Para ouvir, basta estarmos expostos ao mundo sonoro e possuímos o aparelho auditivo em funcionamento. Nunca cessamos de ouvir, de receber as impressões dos ruídos, dos sons. “Não podemos fechar a porta aos sons: não temos pálpebras auditivas.” Já a escuta envolve interesse, motivação, atenção. É uma atitude mais ativa que o ouvir, pois selecionamos, no mundo sonoro, aquilo que nos interessa. Dessa maneira podemos perceber na música seus elementos constituintes, como a tonalidade, os timbres, o andamento, o ritmo, a letra etc. A escuta envolve também a ação de entender e compreender, ou seja, de tomar consciência daquilo que se captou através dos ouvidos (JEANDOT, 2008, p.21).

A partir do comentário de Jeandot reafirmamos a nossa pretensão de desenvolver a escuta atenta das letras, por nós escolhidas, na sala de aula que ocorreria a intervenção, para que os nossos estudantes pudessem desenvolver uma leitura plurissignificativa dos textos oriundos das letras de música e que, com isso, desenvolver-se-iam como pessoas críticas e mais atentas aos textos e seus subentendidos.

Além disso, podemos concluir que a discussão de “como?”, “quando?” ou “se...” as letras de música “superaram” as poesias dos livros é algo contestável e infrutífero que só gera mais e mais indagações e discussões. Esses vieses são algo que não pretendemos traçar aqui neste trabalho. Logo, podemos tão-somente dizer que: ambas têm relevâncias incríveis na construção de intentos humanizadores e plurissignificativos eficazes para as pessoas que a elas se relacionam e faz-se disso o nosso central princípio interventivo.

No tópico subsequente, trataremos de como as letras podem conduzir os alunos ao letramento literário de forma progressiva e pontual.

3.4. A construção do letramento por intermédio das letras da MPB

Neste tópico chegamos a um ponto importante do nosso trabalho, pois aqui se configura como o momento central de explicação e justificativa¹⁰ do porquê de termos escolhido as letras de música como veículos condutores, para que o processo de letramento literário seja efetivado pelo professor-pesquisador, nas aulas de Língua Portuguesa voltadas à Literatura.

É importante lembrarmos que ao terem o primeiro contato com letras bem elaboradas, textualmente, e com padrões literários notórios, poderão compreender com mais leveza o criativo e fantástico universo da linguagem literária. As duas letras de música que selecionamos para a nossa intervenção, não foram escolhidas segundo o bel-prazer do gosto íntimo do professor-autor, mas, sim, por que estão impregnadas de plurissignificações e, com isso, mostramos-lhes como se imbricam os elementos textuais que se configuram como do discurso literário.

A interação discursiva e a compatibilidade que há entre literatura e algumas letras da MPB são justificativas para que tenhamos recorrido a essa união, como já explicamos em partes anteriores desta dissertação, a fim de que usássemos duas letras como recurso de condução à leitura de textos literários e ao entendimento deles. Há, ainda, o fato de elas terem conteúdos sociais, humanísticos, críticos, sensoriais, sócio-históricos, entre outros, que ajudam a disseminar valores que sustentam a prática eficaz de letramento literário capaz de ajudar a desenvolver demandas e interesses pessoais dos alunos e das comunidades em que habitam.

É essencial dizermos também, neste momento, que “o que é?” e “como se desenvolve?” ou coisas afins sobre o processo de letramento literário, já dedicamos um tópico no capítulo 1 desta dissertação para isso e, por este fato, não voltaremos a explicá-lo, mas, sim, que o pretendíamos com esse letramento a partir das letras de música que foram estudadas em sala de aula com os nossos alunos.

Prosseguindo com o nosso foco, no processo de construção do letramento literário por intermédio das letras, diríamos que elas podem proporcionar uma perspectiva instigante de se iniciar a prática de apropriação de conhecimento de literatura, por parte dos nossos alunos, sobre questões referentes a desigualdades sociais de classe e, especialmente, a do uso social da linguagem, em diversas situações, além do estímulo à leitura literária, que é o

¹⁰ Caso não tenha ainda ficado claro, até o presente instante.

nosso primordial foco, já que esta é pouco usual ou inexistente nas rotinas diárias da grande maioria dos nossos estudantes.

Esse progressivo processo de letramento literário e de condução do interesse pela leitura de texto de literatura, que pretendíamos obter, ocorreram de forma contínua, gradual e cumulativa, com atividades variadas, tais como: debates, reuniões (que privilegiaram a negociação de procedimentos, construção de pautas, registros escritos etc.), exposição de conteúdos em sala de aula e para a comunidade escolar entre outras coisas. Tudo isso conduzirá a novos usos da linguagem escrita e oral, tendo como veículo a literatura. Porque, como nos diz Rildo Cosson (2016) acerca do texto literário na vida das pessoas que a ele tem acesso:

Na leitura e na escrita do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência e, ainda assim, sermos nós mesmos. É por isso que interiorizamos com mais intensidade as verdades dadas pela poesia e pela ficção (COSSON, 2016, p.17).

As palavras de Cosson chegam a ser quase que poéticas ao discorrer sobre o que a leitura e a escrita literária podem e proporcionam às pessoas que a elas têm acesso. Quer dizer, quem tem o privilégio de “mergulharem” nesse tipo de texto com linguagem tão plurissignificativa, tão facilmente distinguível de outros tipos de linguagens existentes. Porém, é importante que esclareçamos que é quase sempre “facilmente distinguível” para pessoas que têm o prévio conhecimento de suas características.

De outro ponto de vista, para que pudéssemos ser eficazes agentes desse letramento literário que pretendíamos, era necessário que, como nos diz Kleiman (2006), fossemos:

Conhecedores dos meios, fraquezas e forças dos membros do grupo e de suas práticas locais, mobilizadores de seus saberes e experiências, seus ‘modos de fazer’ (inclusive o uso das lideranças dentro do grupo), para realizar as atividades visadas: ir e vir, localizar, arrecadar, brincar, jogar, pesquisar (KLEIMAN, 2006, p.11).

Coadunamo-nos com esse ponto de vista da autora, para que a nossa intervenção pudesse funcionar, como previsto, desenvolveu-se entre o professor-pesquisador e a turma um convívio o mais próximo e cúmplice possível, a fim de que se pudesse desenvolver uma boa inter-relação entre conteúdo e aprendizagem.

O que pretendíamos com a intervenção não era uma prática vazia, pelo contrário, almejávamos conduzir os nossos estudantes a uma mais eficaz independência intelectual, diante dos mais variados aspectos que envolvessem a interação humana. Pois, este estudo literário pôde ajudar a despertá-los para a leitura crítica e um autoquestionamento da sociedade em que vivem e, por sua vez, envolta de uma maior profundidade significativa das palavras que conduzem à ampliação conceitual de valores e princípios por parte deles e, ainda, os ajudaram a perceber com mais transparência a alteridade e os aspectos humanísticos presentes em textos de linguagem artística, como é o caso dos literários e, provavelmente, foram, na maioria das vezes, adquiridos ao terem, por intermédio de nossa intervenção, o entendimento mais íntimo do que vinha a ser linguagens metafóricas, entre outras linguagens aos textos interligadas.

Souza (2011, p.83) nos diz que o processo que nos ajudará a atingirmos, nos eventos de letramento literário nossas metas, será a percepção de que: “a palavra se investe e se reveste de contornos específicos, conjugando aspectos tais como: o contexto sócio-histórico de produção, os objetivos dos falantes envolvidos, as relações de poder imbricadas, a dinâmica e as múltiplas maneiras de uso da linguagem”. Isto é, o conhecimento enciclopédico dos alunos também deve fazer parte de nossa situação didática, além, é claro, da linguagem que emana das letras escolhidas para a intervenção. Já que podem nos auxiliar no ensino dessas características inerentes ao letramento literário e podem nos ajudar a proporcionar a eles o entendimento do mecanismo de compreensão mais profundo de conteúdos dos textos com informações implícitas e maior grau de complexidade, como é o caso da textualidade literária.

Não podemos nos esquecer de que ao se trabalhar com textos que envolvem musicalidade, não devemos pensá-los como “mero entretenimento”, mas, sim, como uma valiosa fonte de sabedoria e cultura. A fim de que isso ficasse evidente em nossa intervenção, atinamos para uma tripla atenção: a primeira liga-se ao fato de que as letras da MPB e os poemas são interligados, mas com definições distintas¹¹; segunda, que letra de música é um gênero autônomo e, sem dúvida alguma, ainda muito subutilizada nas salas de aula de Língua Portuguesa e de Literatura, pelo Brasil afora. E, por último, que não se poderá, em hipótese nenhuma, perder-se o foco da aula que se destinou a desenvolver os aspectos ligados ao letramento literário, por meio das letras das músicas, ou seja, não se

¹¹ Não pretendíamos igualá-las com esse trabalho.

deixará que o fato de as aulas utilizarem músicas viessem a se transformar em espaço de lazer, muito mais do que de aprendizado.

Com o supracitado, não queremos dizer que as aulas não tinham a ludicidade como elemento condutor, mas que não ficaram, simplesmente, presas a esse ponto. Pois, como nos diz Souza (2011):

O objetivo do trabalho com a canção em sala de aula, a nosso ver, deve ser o de proporcionar ao aluno uma educação dos sentidos e da percepção crítica, que proporcione, ao lado do prazer sensorial e estético, um exercício de leitura multissemiótica, voltada não apenas para a discriminação de cada materialidade semiótica do gênero, mas também para a interação pluridirecional que relaciona todos os elementos que uma canção pressupõe (autor – cantor – personagens – melodia – ouvinte genérico – ouvinte individual – letra etc.) esteja bem claro, por fim, que o que se deseja não é formar cancionista, mas ouvintes críticos de canções, capazes de perceberem os efeitos de sentido do texto, da melodia e da conjunção verbo-melódica; conhecedores do cancionário e dos cancionistas de seu país, seus posicionamentos, estilos e discurso; tal como pretende o estudo da literatura (SOUZA, 2011, p. 131).

A autora sintetiza o que de mais precioso acreditávamos que poderia ocorrer em aulas de literatura, bem conduzidas e bem planejadas, como as que ambicionamos desenvolver, pois tendo as letras de música como recurso que poderiam conduzir ao letramento literário pretendeu (na turma em que já foi trabalhado) mudar a concepção estereotipada dos estudantes de que letra de música é algo vazio (algumas certamente o são), mas as que escolhemos podem conduzir a uma real aquisição de conhecimento, de empatia, de humanização e de cultura, por parte dos envolvidos na nossa intervenção.

As letras da MPB, geralmente por serem mais bem trabalhadas linguisticamente, são ótimos recursos para se desenvolver o letramento literário na escola.

Não pleiteamos, de forma alguma, desmerecer o trabalho que já vem se fazendo nas escolas ao longo dos anos, com poemas, gênero esse que é predominante nos livros didáticos. Entretanto, pretendemos fazer do gênero letra de música mais um componente para servir de alternativa ao aprendizado da leitura literária.

Sem dúvida alguma, acreditamos que assiste aos professores de Letras, atentos a outras possibilidades, conduzirem os alunos ao desenvolvimento das habilidades e dos interesses pela leitura, especificamente, a literária.

No próximo capítulo, trataremos da intervenção, por nós pretendida, de forma gradual, mostrando como as letras da MPB podem nos modalizar no processo interventivo em sala de aula, para que os nossos discentes entendam os fundamentos do letramento literário de forma pragmática e desenvolvam, concomitantemente, o hábito da leitura

literária. Também descreveremos a metodologia que foi utilizada, o ambiente e o público alvo, como, ainda, se desenvolveu a coleta de informações e de inúmeros outros aspectos, por nos classificados como essenciais, a fim de que pudéssemos atingir os nossos propósitos educacionais.

Capítulo IV - Letras da MPB: uma intervenção para o Letramento Literário no âmbito escolar

A época atual mostra-se como um período que se caracteriza, muitas vezes, como um momento histórico de desvalorização das artes pela mídia, em geral. Mas, em particular, das artes ligadas à produção de textos literários, entre eles, que se coadunam com os nossos estudos: os poemas e as letras de músicas, sobretudo da MPB. Ambos, mesmo tendo reconhecido valor artístico e literário, estão muitas vezes padecendo, culturalmente, devido a uma desvalorização social notória. Isso, sem dúvida nenhuma, é estimulado pela grande mídia nacional, cuja função de incentivadora da cultura agregadora de valores intelectuais se faz quase, totalmente, inexistente.

Por outro lado, quando o professor-pesquisador se intenta à proposta de uma intervenção séria no âmbito escolar, como nós pretendíamos, certamente encontrará dificuldades na implantação da proposta, diante do trato educacional. Principalmente, porque as letras que escolhemos para as nossas atividades são bem diferentes do que é normalmente apreciado pelos nossos estudantes, pois eles são, muitas vezes, bastante influenciados pela alienante mídia brasileira.

Por outro lado, acreditamos que na escola pública¹² é assaz viável para uma séria intervenção. E para que isso ocorresse de fato apresentamos letras com valor literário e crítico, a fim de que os nossos estudantes entendessem que há múltiplas interpretações possíveis para textos com valor literário e tal constatação poderia proporcionar-lhes mais profundidade nas suas leituras de mundo e um maior interesse por leituras oriundas da literatura.

Não podemos nos esquecer de que a escola tem essa função de, por intermédio das artes, despertar a humanização, a alteridade e tantos outros fatores que induzem à construção de uma cidadania plena. Além, é claro, de um despertar para a leitura de maior profundidade significativa, como se configura relativa aos textos literários.

Outro aspecto importante que pleiteávamos com a intervenção, diz respeito à cultura da interpretação dos textos oriundos das letras de músicas e esse hábito vem se negligenciando bastante no âmbito educacional. Ao não se dar sempre, historicamente, a devida atenção aos textos oriundos das músicas esses, por sua vez, passam, em geral, despercebidos do grande público, como no caso, conforme veremos, as letras da MPB que analisaremos com os nossos discentes.

¹² A escolhida para a nossa intervenção.

Os aportes teóricos, que aqui citamos, conduziram-nos a uma melhor análise dos aspectos literários e sociais existentes nas letras, devido ao fato de os poemas e as letras de músicas coadunarem-se em vários aspectos, principalmente, estruturais.

Na parte subsequente, destrincharemos como será desenvolvido o processo de intervenção na sala de aula de uma turma da EJA do Ensino Fundamental, dos anos finais, do período da noite. Isso se processará em consonância com a nossa meta central, que é o desenvolvimento das habilidades de leitura e interpretação de textos literários oriundos de letras da MPB.

4.1. Metodologia interventiva do projeto: pesquisa-ação

Esta pesquisa-ação se propôs a instigar nos discentes o entendimento interpretativo de letras da MPB, que apresentam uma linguagem fecunda e poeticamente comprovada. A fim de proporcionar-lhes uma leitura proficiente e uma interpretação crítica da realidade em que eles estão inseridos.

O intuito pretendido por nossa proposta interventiva embasava-se nos pensamentos do renomado especialista na área de pesquisa-ação Thiollent (1996), principalmente no que se referia às mudanças atitudinais que podem e devem ser desenvolvidas no âmbito educacional pelos participantes e pelo pesquisador. Objetivando-se a atingir ações transformadoras, que começariam por:

Dar ao pesquisador e grupos de participantes os meios de se tornarem capazes de responder com maior eficiência aos problemas da situação em que vivem, em particular sob forma de diretrizes de ação transformadora. Trata-se de facilitar a busca de soluções aos problemas reais para os quais os procedimentos convencionais têm pouco contribuído (THIOLLENT, 1996, p. 07).

Subentendíamos que haveria dificuldades para os estudantes a priori em compreenderem os recursos linguísticos, poéticos e estéticos utilizados nas letras e, como efeito, talvez não se interessassem alguns tanto pelas mesmas. Sem dúvida nenhuma, isso já era previsto e fora confirmado, porém não acarretou grandes dificuldades no trabalho e interpretação dos textos que apresentavam linguagem plural.

A seleção das músicas executada pelo professor-pesquisador levou em consideração o valor poético e os conteúdos literário-político-sociais expressos nelas. Acreditávamos que a letra da música Fotografia 3x4, de Belchior, poderia desenvolver a sensibilidade dos estudantes, especialmente, naqueles que tinham uma história de vida mais longa ou aos que

já tiveram a oportunidade de passar uma temporada das suas vidas em regiões afastadas das suas terras-natais¹³, pois, a letra remete a um convívio com dificuldades vastas e contínuas nas esferas profissionais, pessoais e humanísticas.

Por outro lado, na canção Construção, de Chico Buarque, acreditávamos que deveria sensibilizar uma grande parcela de educandos que trabalhavam na construção civil ou que tinham parentes na área. Pois, a cidade de Vitória de Santo Antão, no estado de Pernambuco, onde foi desenvolvida a pesquisa-ação, é rodeada de prédios em construção e muitos dos nossos alunos trabalhavam nessas obras.

Ansiávamos que essas duas composições viessem a despertar nos estudantes a sensibilidade e reflexões diante da realidade em que eles estavam inseridos, algo que na maioria das vezes foi confirmado.

Por outro lado, este trabalho de pesquisa-ação foi baseado em aspectos qualitativos e com o caráter descritivo e intervencionista, pois conduz à reflexão perante o papel da letra da MPB na formação do estudante consciente e proficiente no trato com o texto literário. Além da leitura e da interpretação segundo aplicações de atividades sequenciadas e orientadas pelo professor-pesquisador, a partir da Sequência Básica de Rildo Cosson (2016).

Os estudantes abarcados pela intervenção precisavam exercer com bastante perspicácia “um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas” (THIOLLENT, 1996, p.18). Ou seja, não podíamos nos esquecer de que a pesquisa-ação demandava uma salutar relação entre os educandos e o professor-pesquisador, porque a aceitação mútua colaboraria para um desempenho satisfatório na resolução de problemas investigados.

A cerca da avaliação do projeto, deveria acontecer diariamente consoante ocorra o processo do desenvolvimento das atividades, observando-se a participação da turma nas atividades propostas. O professor-pesquisador exerceu sempre escuta atenta dos participantes e observou os empenhos e a desenvoltura nas atividades propostas. O processo interventivo foi desenvolvido em um mês, compreendendo um total de no mínimo 20 horas/aulas. **Tendo como produtos finais:** um miniconcurso de composições autorais, a ampliação do interesse pela leitura literária e a exposição do projeto à comunidade escolar como um meio de influenciar outros atores sociais.

¹³ Aspectos que de fato foram confirmados ao longo do percurso.

4.2. O local da intervenção e o público alvo do projeto

O Colégio Municipal, cuja intervenção foi desenvolvida, fica localizado na cidade interiorana da Vitória de Santo Antão, a 48 minutos de viagem da capital do estado de Pernambuco, localizada na região sul da Zona da Mata. Tendo como níveis de educação o Ensino Fundamental (dos anos iniciais aos finais) e, no período da noite, a modalidade de ensino EJA, Ensino Fundamental, Anos Finais (3ª e 4ª fases).

A instituição escolar denomina-se de Colégio Municipal 3 de Agosto, que é assim chamado em homenagem à Batalha do Monte das Tabocas, que ocorreu na cidade em 1645, iniciando-se, então, o processo de expulsão dos holandeses do estado de Pernambuco.

Além disso, no colégio estudou o ilustre escritor Osman da Costa Lins (1924-1978) autor de livros como *Lisbela e o Prisioneiro* (1961) e *Avalovara* (1973), tendo esse autor o merecido reconhecimento literário e a aclamação da crítica acadêmica no Brasil e em vários países do mundo.

O colégio ainda possui uma estrutura interna muito ampla, uma vez que antes de se tornar colégio, no início do século XX, ele era um hotel. Além disso, possui uma localização privilegiada, por ficar instalado no centro comercial da cidade.

A instituição escolar contém na sua composição estrutural: 25 salas de aulas; 1.432 estudantes matriculados nos três turnos neste ano de 2018; uma quadra poliesportiva coberta e que sempre serve de local para eventos culturais da comunidade escolar e da extraescolar; uma biblioteca pequena, mas com um acervo considerável de títulos, onde os estudantes têm fácil acesso a ela e podem levar os livros para casa, mediante empréstimo, além de trabalhar com três auxiliares de biblioteca, revezando-se em cada turno; um palco para eventos de 22m²; um laboratório de informática parco e sem acesso à internet e, por fim, o que é bem interessante para a nossa intervenção, uma banda marcial ativa que tem vários prêmios estaduais e com uma respeitabilidade enorme perante a comunidade vitoriense. Além de ser uma das bandas marciais mais bem organizadas e técnicas de Pernambuco e, quiçá, do Brasil, no gênero.

Ressaltemos ainda que a turma da EJA do Ensino Fundamental dos Anos Finais do 4º Ciclo, que foi escolhida para a nossa intervenção, era constituída de: 25 estudantes, com 18 são do sexo feminino e 07 do sexo masculino; pessoas com faixas-etárias muito diversas que variam entre 16 e 68 anos; condições socioeconômicas distintas; interesses variados nos estudos; dois artistas da noite que tocam e cantam em bares e em festas na cidade e em regiões circunvizinhas; pessoas oriundas de comunidades distintas, variando entre: rural e

urbana / periférica e central; além do triste fato de que alguns são usuários e, talvez até fornecedores de drogas na cidade.

Mesmo tendo um público tão heterogêneo como esse supracitado, ele se mostra, na sua maioria, interessado na temática que iremos abordar, por intermédio das músicas selecionadas, já que foi percebido por eles a leveza e a importância que essa temática traz em si. Percebemos como esse veículo de intervenção, as letras das músicas, poderia, quiçá, mudar perspectivas de vidas e de atitudes tanto na parte leitora quanto humanística e cultural deles.

4.3. O letramento literário e a sequência básica de Rildo Cosson.

Ao nos decidirmos por trabalhar o letramento literário de forma pontual e com a mais séria responsabilidade, direcionamo-nos para os procedimentos indicados por Cosson (2016).

O autor nos proporciona uma estratégia eficaz de trabalho com o letramento literário, por intermédio de uma sequência básica, no seu livro *Letramento literário: teoria e prática* (2016), cuja obra sugere que se trabalhe conforme os seguintes critérios sintetizados abaixo, em quatro momentos:

1º Motivação:

Definiríamos, de início, como o “motivo para a ação”, isto é, consiste em o professor despertar nos estudantes a consciência de que a leitura envolve saber e prazer. É uma real necessidade de se imaginar uma solução para um problema ou de prever determinada ação diretamente ligada ao mundo da ficção.

Em outros termos, também seria o fato de a leitura demandar uma preparação, uma antecipação, ou seja, requer que o professor conduza a leitura de maneira a favorecer o processo como um todo.

A motivação, no seu núcleo, consiste exatamente em preparar o estudante para entrar no texto. Determinando, então, que o sucesso inicial do encontro do leitor com a obra depende de uma boa motivação. Nesse caso, é preciso lembrar que a motivação prepara o leitor para receber o texto, mas não silencia nem o texto nem o leitor. É preciso confiar mais em ambos, sobretudo, quando tratamos de leitura literária.

Naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura, aliás, influências sempre existem em qualquer processo de leitura. Em fim, a motivação envolve conjuntamente atividade de leitura, de escrita e de oralidade.

2º Introdução:

Chamamos de introdução a apresentação do autor (comentários biográficos de forma breve e sem excesso de detalhes, pois não são tão importantes para quem vai ler um dos textos do autor) e a obra (também de forma concisa, no entanto empolgante e lembrando-se sempre de que se deve evitar a elaboração de uma síntese completa da história pela razão evidente de se correr o risco de extinguir o prazer da descoberta), o professor não pode deixar de apresentar a obra de forma física aos estudantes.

Por fim, não se pode esquecer que a introdução deve ser célere, já que a sua função é tão-somente permitir que o aluno receba a obra de uma maneira positiva e instigante.

3º Leitura:

A leitura escolar precisa de acompanhamento porque tem uma direção, um objetivo a cumprir, porém, “acompanhamento não é policiamento”, como nos diz Cosson (2016, p.62). O acompanhamento será desenvolvido através de conversas com os estudantes acerca do andamento da história ou, ainda, com atividades mais específicas. A leitura do texto literário é uma experiência singular, pois o que interessa de fato não é o que se conta, contudo como se conta.

As atividades específicas da leitura, consoante Cosson (2016, p.62), seriam os chamados “intervalos”, que consistem em breves conversas com os estudantes sobre o andamento da leitura da história (contudo se deve ter cuidado com as “falácias fabulísticas”) e outros dois mecanismos podem ser: a leitura conjunta de um capítulo com a turma ou a leitura, então, de outros textos menores que tenham alguma ligação com o texto maior que venha a ser lido pelos alunos.

O professor tem sempre de negociar com os estudantes, para que eles tenham em mente que há um prazo fixo para que todos realizem a leitura total de um romance, por exemplo. (No nosso caso, já que estamos trabalhando com letras de música pode ser a necessidade de se ouvir um CD completo ou até toda a discografia de um artista).

Em suma, como Cosson (2016, p.64) nos diz: “a observação de dificuldades específicas enfrentadas por um aluno no intervalo é o início de uma intervenção eficiente na formação de leitor daquele aluno”.

4º Interpretação:

Parte do entretencimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. A interpretação eficiente para um hábil processo de letramento literário parte, segundo Cosson (2016, p.65) de dois momentos: **Primeiro** “interior” (encontro do leitor com a obra), ou seja, é “quando o texto literário mostra a sua força, levando o leitor a se encontrar ou (ou se perder) em seu labirinto de palavras”. E o **segundo** momento é “exterior” que é “quando interpretamos uma obra, ou seja, quando terminamos a leitura de um livro e nos sentimos tocados pela verdade do mundo que ele nos revela” e queremos conversar com um amigo ou aconselhar a leitura ou, ainda, guardar o mundo feito de palavras em nossa memória, pois “O verdadeiro motivo disso é que por meio do compartilhamento de interpretações o leitor ganha consciência de que é membro de uma coletividade e amplia suas visões de leitura” (Cosson, p.66).

As interpretações devem ter como meta a externalização da leitura com o seu registro que varia de acordo com o tipo de texto, faixa etária e série. Podendo ser desde um júri simulado, a uma resenha ou, então, a construção de um capítulo a mais para a obra.

Por fim, para que finalizemos essa etapa do nosso trabalho, é importante que observemos, novamente, as palavras do teórico Rildo Cosson (2016, p.69) acerca do que de fato vem a ser a grande vantagem e o real mérito de se trabalhar com essa sequência básica, por ele desenvolvida, cuja síntese dela ele o faz da seguinte forma: “ao seguir as etapas, o professor sistematiza seu trabalho e oferece ao aluno um processo coerente de letramento literário”, diríamos que essa é a nossa meta central, como nos diz o autor, o desenvolvimento de um processo coerente de construção do letramento literário, no nosso caso, por intermédio das letras da MPB, que esperávamos com a utilização desses procedimentos conseguirmos alcançar o letramento literário de forma eficaz e eficiente.

Na sequência faremos a descrição do projeto de letramento literário na instituição escolar em que trabalharemos e como serão desenvolvidas, passo a passo, todas as etapas acima pormenorizadas.

4.4. Descrição do projeto de letramento literário na instituição escolar

A nossa intervenção seguirá a *sequência básica* desenvolvida por Cosson (2016), consoante anteriormente já comentamos e teremos como período interventivo a quantidade de dez encontros. O cronograma¹⁴, anexado abaixo, norteia todas as etapas de aplicação do projeto de intervenção e, depois dele, destrincharemos como cada encontro se processou. Vejamos o quadro a seguir:

MAIO	S1	A. Motivação (3)	<u>Letra:</u> Fotografia 3x4
		B. Introdução (3)	
	S2	C. Leitura (2) e Intervalo (1)	
		D. Interpretação (3)	
S3 S3	E. Análise do processo de aquisição do letramento literário com leitura e registro escrito. (3)		
	MAIO	A1. Motivação (3)	
JUNHO	S4	B2. Introdução (1) e Leitura (1) Intervalo (1)	<u>Letra:</u> Construção
		C3. Interpretação (3)	
	S5	INTERVALO	Ínterim para que os estudantes façam pesquisas externas para o desenvolvimento de uma exposição (escrita e oral) à comunidade escolar, elaborada pelos estudantes.
	S6		
JULHO	S7	D4. Exposição (3)	
		E5. Considerações finais e o registro escrito das opiniões e das análises do projeto sob a perspectiva dos estudantes. (3)	

Toda a proposta foi aplicada em dez encontros, como o quadro acima descreve, visto que cada um deles se deu ao equivalente de três aulas com 120 minutos. A separação foi

¹⁴ A palavra *semana* está abreviada com a letra **S** e o número de aulas encontra-se entre parênteses.

feita em quatro etapas: 1ª *Fotografia 3x4* (seis momentos); 2ª *Construção* (2); 3ª *Exposição* (1) e 4ª *Considerações finais* (1). Seguem todas as descrições dos encontros:

1º Encontro: **Motivação**

Prospecção das preferências musicais dos estudantes

Sugeri que nesse primeiro encontro, por intermédio de uma roda de conversas e a fim de sondar as preferências musicais dos estudantes, sobretudo diante de suas histórias de vida e gostos entrelaçados com o universo musical que, voluntariamente, comentassem por meio da oralidade as suas preferências musicais. Este encontro constituiu-se de perguntas variadas, entre elas:

- Qual a importância das músicas no seu dia a dia?
- Você se identifica com músicas com letras difíceis ou fáceis de compreender?
- Ao longo da sua trajetória de vida, já ouviu falar de Belchior e de Chico Buarque de Holanda?

Após essa introdução à temática, receberam uma folha impressa (apêndice A, p.130) com perguntas, às quais foram respondidas livremente com a possibilidade de comentários mais extenso, para se sondarem as preferências musicais deles e, concomitantemente, fazer-se um vínculo com a turma diante do projeto, além de percebessem que seria um trabalho sério e que se relacionava com o cotidiano, porque o gênero letra de música é trivial no dia a dia.

Deixamos bem claro, desde aqui, que pretendíamos mostrar-lhes um novo ponto de vista em relação às letras de músicas e a ligação que algumas podem ter com a literatura, especialmente diante do gênero MPB. Mas, nunca deixando de levar em consideração o gosto musical que possuíam, uma vez que faz parte fundamental da personalidade deles e da comunidade em que se inserem. Para a conceituação de tal feito, encontramos ecos convergentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Fundamental, que nos afirma:

A música sempre esteve associada às tradições e às culturas de cada época. Atualmente, o desenvolvimento tecnológico aplicado às comunicações vem modificando consideravelmente as referências musicais das sociedades pela possibilidade de uma escuta simultânea de toda produção mundial por meio de discos, fitas, rádio, televisão, computador, jogos eletrônicos, cinema, publicidade etc. Qualquer proposta de ensino que consiste nessa diversidade precisa abrir espaço para o aluno trazer música para a sala de

aula, acolhendo-a, contextualizando-a e oferecendo acesso a obras que possam ser significativas para o desenvolvimento pessoal em atividades de apreciação. A diversidade permite ao aluno a construção de hipóteses sobre o lugar de cada obra no patrimônio musical da humanidade, aprimorando sua condição de avaliar a qualidade das composições (BRASIL, 1997, p. 75).

Em consonância com os PCN, podemos dizer que a diversidade de estilos e preferências musicais existentes na sala de aula, através dos comentários e registros feitos, foram apreciados, porque esse conhecimento de mundo, oriundo de experiências reais dos alunos, ampliam as possibilidades culturais deles e esses debates e análises foram vitais para a introdução da intervenção.

Neste primeiro encontro, fez-se bastante necessário se conhecer o nível de letra de música que influenciava os estudantes, para que entendêssemos as perspectivas texto-musicais da realidade deles. Todo esse processo inicial foi desenvolvido na perspectiva da troca de experiências e foi útil para que os estudantes conhecessem a ampla variedade de gêneros musicais dos seus colegas de sala, nas mais diversas plataformas multimídia que há na atualidade.

Nesta motivação inicial, fez-se notar o quanto foi viável a sondagem prévia, fazendo com que a curiosidade fosse despertada e que isso favorecesse a quebra de paradigmas e preconceitos que havia em alguns, em relação a músicas, diante do habitual: tanto imposto pelas mídias, quanto pelo o que é diverso ao convívio diário deles.

Em seguida, a fim de detalharmos o passo a passo, descreveremos o processo brevemente abaixo:

Relevância significativa das letras de música

Metodologias:

1º Momento: apresentei à turma de forma oral o quanto as letras de algumas músicas, principalmente da MPB, são significativas para os estudos da Literatura, principalmente diante dos sentidos e das comunicações das suas letras, além de o quanto influenciam o ser humano atento às suas entrelinhas.

2º Momento: discussão acerca das preferências musicais dos estudantes: todos receberam questões impressas para escreverem suas impressões, tendo a possibilidade de deixar as que desejassem sem resposta, aguardei-os responder os questionários.

3º Momento: pedi que comentassem suas respostas, podendo se utilizar dos textos escritos por eles ou adaptando à oralidade as suas respostas escritas, tudo isso voluntariamente.

Avaliação: análise dos comentários feitos pelos estudantes durante os momentos de debate e das suas respostas escritas.

2º Encontro: **Introdução**

Apresentação de como seria o projeto para os estudantes e outros aspectos afins:

Este foi um momento muito decisivo na implantação do projeto, pois serviu de referencial para que os estudantes aderissem às ideias, junto com o professor-pesquisador. Foi uma etapa que exigiu desenvoltura comunicativa, porque tive que, oralmente, detalhar os procedimentos que seriam adotados na execução dos exercícios, tais como:

- A longevidade da intervenção;
- As duas músicas que seriam trabalhadas em sala de aula e de quais artistas elas eram;
- As metas que ansiávamos atingir com o projeto e, por fim;
- O motivo central de se selecionar letras de músicas tão aquém do que é usualmente consumido pelos estudantes e apresentado pelas diversas mídias que os influenciam.

Em sequência, foi apresentada uma breve biografia do cantor e compositor Belchior (Anexo C, p.139). Seguindo os princípios apresentados por Cosson (2016, p.60) que afirma: “que a apresentação do autor não se transforma em longa e expositiva aula sobre a vida do escritor, com detalhes biográficos que interessam a pesquisadores, mas não são importantes para quem vai ler um de seus textos”, pois o central intuito desse momento interventivo se tratou de apresentar o projeto em si e a música Fotografia 3x4 (Anexo A, p.137) com toda a sua poeticidade e rigor artístico.

Para detalharmos ainda mais como foi esse encontro, vejamos o passo a passo dessas aulas:

Apresentação de um dos compositores

Metodologias:

1º Momento: explicamos como seria o projeto, sua duração e a biografia do compositor Belchior;

2º Momento: assistimos a um curto vídeo exibido no programa da Rede Globo de nome Fantástico no quadro denominado “Vai fazer o quê?”, cujo título é Preconceito: pipoqueira nordestina da Paraíba, exibido no dia 18 de agosto de 2013 com duração de 11 minutos e 12 segundos (Anexo D, p.140) e fizemos um debate em seguida;

3º Momento: entreguei uma cópia da letra *Fotografia 3x4* a todos os estudantes, para que fizessem uma leitura silenciosa e depois coloquei a música para tocar, na voz do próprio cantor e compositor, em um aparelho de som. Após a execução, solicitei que comentassem oralmente a impressão que tiveram da interpretação vocal da música em relação à leitura da letra e, posteriormente, foram dados alguns minutos para que pudessem responder aos questionários (Anexo D, p.140) escritos, tendo mais uma vez a opção de deixar qualquer pergunta sem comentários. Logo após o tempo pré-estabelecido, foi dado início a um novo debate sobre as impressões que os estudantes obtiveram diante da temática da letra. No processo de escuta das impressões dos alunos, registrei-os no quadro algumas repostas, fazendo alguns esclarecimentos.

Avaliação: Análise dos comentários proferidos pelos estudantes tanto após assistirem ao vídeo, quanto ao responderem os questionários.

3º Encontro: **Leitura**

A estruturação da letra da música *Fotografia 3x4*

As letras que selecionei para esta intervenção se coadunam com a leitura literária, principalmente por que são textos não só esteticamente poéticos, mas que em razão do conteúdo, também, dialogam com as experiências de vida dos sujeitos envolvidos na pesquisa, tanto no caso da letra de Belchior quanto na de Chico Buarque, caracterizando-se como textos marcadamente dotados de plurissignificâncias. Porque, esse esforço de se

desenvolver nos alunos o hábito da leitura literária fez com que a trabalhássemos em sala de aula como um ato social de compreensão das relações humanas, pois como Cosson (2016) nos diz:

O ato de ler, mesmo realizado individualmente, torna-se uma atividade social. O significado deixa de ser uma questão que diz respeito apenas ao leitor e ao texto para ser controlado pela sociedade. A leitura é o resultado de uma série de convenções que uma comunidade estabelece para a comunicação entre seus membros e fora dela. Aprender a ler é mais do que adquirir uma habilidade, e ser leitor vai além de possuir um hábito ou atividade regular. Aprender a ler e ser leitor são práticas sociais que medeiam e transformam as relações humanas. (COSSON, 2016, p.40)

Diante dessa afirmação de Cosson, intencionamos trabalhar a leitura de forma coletiva até fazer com que o particular dos estudantes fosse influenciado. Além disso, foi trabalhada a estrutura da música *Fotografia 3x4* (Anexo E, p.141) diante dos aspectos referentes ao texto literário com todos os seus nuances técnicos:

- Rimas;
- Métrica;
- Estrofação;
- Linguagem literária e não literária entre outros elementos.

Para detalharmos ainda mais como foi esse encontro, destrinchamos da seguinte forma:

O texto poético de Belchior

Metodologia:

1º Momento: compartilhei a leitura da letra da música com a turma e depois ouvimos novamente a canção, enfatizando a maneira como foi narrada pelo compositor, através das lembranças dele, destaquei ainda as expressões que marcaram o tempo como “Eu me lembro muito bem do dia que eu cheguei/ Jovem que desce do Norte pra cidade grande” e as passagens em diversas localidades provisórias “São Paulo violento, corre o Rio que me engana/ Copacabana, Zona Norte e os cabarés da Lapa onde eu morei” e as lembranças sofríveis de Belchior ao dizer “Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do Norte e vai viver na rua”. Neste instante, os alunos foram convidados também a compartilhar as suas memórias justamente como fez Belchior, porém de forma oral.

2º Momento: Nesta ocasião, expus os conceitos de literatura que estão arraigados aos textos poéticos em geral, além de explicar-lhes as diferenças conceituais entre os sentidos conotativos e denotativos e a estrutura ampla do texto literário, consoante é evidenciado na ficha (Anexo E p.141) que a eles foi entregue.

Avaliação: Análise da comunicação oral dos estudantes durante as aulas e a escansão de versos no quadro branco com a ajuda de alguns deles.

4º Encontro: **Interpretação**

Possibilidades interpretativas a partir da música “Fotografia 3x4” de Belchior

Foi elaborada para esta parte da intervenção uma ficha interpretativa (Apêndice B, p.131). Essa ficha continha dez perguntas abertas. Objetivando-se a indicação de um rumo para que se possibilitasse, aos estudantes, uma íntima apreensão do conteúdo existente na letra da música de Belchior. Pretendíamos com essa atividade fazer com que os alunos entendessem que por traz de algumas letras da MPB existem informações importantes e muito esclarecedoras sobre a vida das pessoas. Podendo despertar, assim, sentimentos variados e um mais apurado senso crítico para a realidade dos indivíduos.

Vejamos como foram decorridas as aulas:

A relevância da letra Fotografia 3x4

Metodologia:

1º Momento: relembrei com os estudantes aspectos já anteriormente debatidos nas rodas de conversa anteriores, especialmente, diante de reflexões que a letra proporciona aos leitores/ouvintes, perante aspectos políticos, literários, críticos e de denúncias sociais expressas pelo compositor e entreguei a ficha para servir de norte diante das possíveis interpretações, depois foi dado um tempo para se responder ao questionário. Em seguida,

iniciou-se um debate o que proporcionou o surgimento de comentários¹⁵ muito pertinentes como transcrevemos a abaixo e demonstrando desse modo o quanto o projeto estava influenciando o entendimento de questões sociais por parte dos alunos:

Quadro 01

“A canção retrata os momentos de sofrimento sem amenizar o peso da dor e passa a importância da dor para a valorização dos momentos de alegria me lançando uma reflexão sobre os preconceitos que podemos passar nas mudanças pessoais e, sobretudo, o poder da luta em busca de nossos objetivos”. (Estudante A)

“Desde a antiguidade existiu este tipo de preconceito e não é diferente nos dias de hoje, muitas pessoas por serem do Sudeste e do Sul acham que a população nordestina e nortista não serve para nada; ou apenas para coisas inúteis. Mas, nós que moramos no Nordeste temos que nos autovalorizar, não deixarmos que outras pessoas falem o que quiserem com o povo nordestino”. (Estudante B)

“Eu sei que todos os dias a dura realidade é colocada em prática por pessoas ignorantes que acham que são melhores que o cidadão nordestino. A música reflete bem a realidade do nordestino no Sul e Sudeste do país”. (Estudante C)

Avaliação: com análise das impressões que os estudantes desenvolveram tanto oral como graficamente a partir das leituras realizadas e do debate desenvolvido em sala. Constatando assim que a lucidez das respostas demonstra uma mudança de postura por parte da maioria deles, pois conseguem desenvolver uma incipiente análise crítica, ou seja, vão além da decodificação.

5º Encontro: Letramento literário

Letramento literário a partir da música “Fotografia 3x4” de Belchior

Este encontro se iniciou com perguntas que constavam em uma ficha (Apêndice C, p.132) e conduziam a um novo possível modo de os discentes entenderem o universo literário e crítico que há por traz de algumas letras da MPB. Vale salientar que as perguntas que foram entregues aos estudantes tinham o intuito de lhes proporcionar uma melhor desenvoltura do processo de aprendizagem. Vejamos a descrição das aulas:

¹⁵ Os comentários que serão a partir daqui transcritos, das falas ou escritas dos alunos, têm a pretensão de mostrar os seus pontos de vista. Portanto, não corrigiremos as transcrições segundo a norma culta padrão da Língua Portuguesa, pois o que pleiteamos é mostrar as transformações intelectuais proporcionadas pelas aulas e o consequente letramento literário a que se propõe a dissertação e não um mero processo de normatização ortográfico, apesar de reconhecermos o seu valor, mas neste momento não é o nosso foco.

Os nuances poéticos existentes na letra Fotografia 3x4

Metodologia:

1º Momento: Iniciei este novo momento com outro formulário pré-elaborado por mim (Apêndice C, p.132), esta ficha constava de quatro perguntas, que intentavam analisar aspectos conceituais estudados até o presente momento, a fim de se averiguar quais eram os conhecimentos já adquiridos pelos estudantes, perante o processo de letramento literário até aqui desenvolvido. Apesar de já termos constado na atividade anterior, como foi transcrito, que houve um novo posicionamento por parte de alguns alunos em relação à linguagem figurada e às questões sociais embutidas no texto de Belchior. Novamente eles estavam livres para responder a todas as questões ou apenas àquelas que se sentissem mais à vontade.

2º Momento: Abri um debate mostrando-lhes, por meio de comentários orais, o quanto o texto traz uma visão de mundo facilmente comparável à de inúmeras pessoas que deixam as regiões onde nasceram e vão viver em terras alheias. A partir daí surgiram vários comentários interessantes relacionados à temática geral da letra e demonstraram o quanto emergiam novos modos de se observar o texto para além do óbvio, além de processo de humanização mais notório.

Quadro 02

“O personagem ao migrar para a cidade grande teve que enfrentar a desvalorização por ter sua origem em uma pequena cidade”. (Estudante A)

“É bem verdade que a letra da música narra a vivência do cantor, porém como ele mesmo fala: talvez minha história seja igual a tua (...) muitas pessoas passam pela mesma situação, portanto a visão estabelecida pelo cantor é aceitável e compreensível”. (Estudante B)

“A música mostra uma realidade social onde o preconceito e a desumanidade por parte dos seres humanos em geral. E nos mostra também a superação que não só ele, mas qualquer pessoa pode ter mesmo diante de situações preconceituosas e maléficas”. (Estudante C)

Sem dúvida os alunos estão demonstrando consonância com a visão crítica que Belchior se propôs ao escrever a letra, ou seja, está se demonstrando que houve um despertar para o senso crítico dos estudantes. Pois os fez perceberem que há pessoas, muitas vezes, alheias a situações tão sofríveis dos outros, porém essas mazelas são mais do que reais na

sociedade brasileira, isto é, são gritantes. Principalmente no que se refere às populações de classes menos abastadas.

Podemos afirmar que os estudantes estão atingindo um parâmetro satisfatório de interpretação e de compreensão textual dos textos trabalhados em sala e, por sua vez, o senso crítico deles estava se ampliando diante das indiferenças, dos níveis de pobreza e de desigualdade, da manipulação midiática, dos preconceitos e tantos outros fatores presentes na leitura atenta desses textos.

Avaliação: Observação, discussão e análise dos comentários orais e escritos dos estudantes.

6º Encontro: **Motivação**

Exposição audiovisual de um episódio do *Canal da Indústria*

Em paralelo com o que foi feito para a motivação no primeiro encontro, houve uma roda de conversa sobre os variados gêneros de música apreciados por eles e foi solicitado que comentassem as impressões e as reconfigurações que estavam tendo desde o início do nosso processo interventivo. Observemos:

O contexto e o texto de Chico Buarque

Metodologia:

1º Momento: Para motivá-los, ainda mais, usamos o recurso audiovisual, como uma forma de estímulo ao trabalho posterior com a letra da música de Chico Buarque, *Construção* (Anexo B, p.131), ou seja, exibimos um programa desenvolvido pelo Canal da Indústria e exibido no site de compartilhamento de dados digitais, www.youtube.com, em 12 de março de 2015, com duração de 14 minutos e 7 segundos (Anexo G, p.135) cujo programa é “Construindo o meu Futuro” com o episódio 12 e seu título “Riscos inerentes à função de pedreiro”, que serviu de mote para um despertar de conscientização da turma sobre as dificuldades que abarcam essa área profissional.

Após a exibição do vídeo houve nova roda de conversa e se ampliou a discussão iniciada com o episódio supracitado. Por fim, anotei no quadro inúmeros comentários feitos

pelos estudantes e tive como parâmetro para a escolha das transcrições das falas deles aquelas que se apresentaram mais relacionadas com o letramento literário.

Vejamos alguns:

Quadro 03

“Professor, eu concordo com o apresentador quando ele disse que “é melhor prevenir do que remediar”, pois minha mãe diz isso para tudo e o pior é que faz muito sentido, porque quando a gente não tem cuidado, coisas absurdas podem ocorrer e em um canteiro de obras pode levar à morte ou coisa ainda pior”. **(Estudante A)**

“Foi falado no vídeo que há leis para se prevenir acidentes, mas eu acho que lei é coisa apenas de advogado e de papelada que não leva alugar nenhum, pois se as pessoas forem apenas atentas nas suas funções e estiverem atentas aos seus colegas de profissão não vai acontecer tantos traumas ou acidentes no trabalho”. **(Estudante B)**

“Há tanta gente que arrisca a vida para enriquecer os outros construindo prédios lindos que nunca poderão visitar eles ou morar neles e não veem ou sentem o reconhecimento por parte de ninguém. A construção civil é muito perigosa e injusta, pois como um dia ouvi na letra da música de Zé Ramalho que dizia: “Tá vendo aquele edifício moço? / Ajudei a levantar / Foi um tempo de aflição / Eram quatro condução / Duas pra ir, duas pra voltar / Hoje depois dele pronto / Olho pra cima e fico tonto / Mas me chega um cidadão / E me diz desconfiado, tu tá aí admirado / Ou tá querendo roubar?” Essa letra me dói muito ouvir ela e constatar o quanto ele diz a verdade, pois eu moro com minha família em uma casa muito simples, mas já ajudei a construir muitos prédios lindos e de gente rica, que até o fato de você para em frente e ficar admirando algo que ajudou a construir pode ser visto como suspeito. Será que se eles soubessem dos riscos que eu e os meus colegas sofreremos ao tentar construí-lo teriam mais respeito por minha pessoa? A resposta provavelmente seria “tô nem aí!” já te paguei, então, me esquece”. **(Estudante C)**

2º Momento: Comentei com a turma o quanto as opiniões deles estavam a cada dia ficando mais bem organizadas e embasadas num raciocínio social, porque esses comentários me fizeram ter a certeza de que a intervenção estava fazendo sentido para mim e para os participantes, pois era notório o quanto o senso crítico e a percepção de direitos e deveres estavam aflorando no aprendizado dos meus alunos, por exemplo, com a transcrição do comentário do *Estudante C*, que me fez perceber o quanto ele já havia começado a contextualizar situações reais com o universo musical e o quanto associou a letra da música de Zé Ramalho com uma atitude social ácida e com uma crítica à crueldade vigente no

capitalismo, ou seja, a leitura que ele conseguiu fazer estava bem além do superficial do texto escrito ou audiovisual.

Avaliação: análise dos comentários feitos pelos estudantes durante os momentos de debate e das suas respostas orais e escritas.

7º Encontro: **Introdução e Leitura**

A eficácia da atenção

Este encontro foi muito marcante para a intervenção, porque os alunos já haviam compreendido a linha condutora da nossa proposta e conseguiam antecipar procedimentos metodológicos, como: a apresentação da obra e do autor; as contextualizações que faríamos e o mais curioso é que alguns, bem antes desse encontro, solicitaram o nome do artista e da letra para pesquisarem antes das aulas.

Biografia de Chico Buarque e a alma da letra Construção

Metodologia:

1º Momento: Este encontro foi marcado pela junção da introdução e da leitura da música *Construção* (Anexo B, p.131). Voltando-nos às discussões realizadas nas aulas anteriores, após a exibição do vídeo do Canal da Indústria, sobre os problemas que atingem os operários da construção civil e ao nos propormos a fazer analogias acerca dos preconceitos e dos desrespeitos que os atingem, sobretudo, os imigrantes nordestinos nesse setor. Todavia, assim como fizemos com a biografia de Belchior, também apresentamos brevemente, por escrito, a biografia de Chico Buarque (Anexo H, p.144) e apresentamos a letra da música.

2º Momento: A letra da música *Construção* foi lida, silenciosamente, pelos estudantes antes de a passarmos em áudio para que a ouvissem na voz do próprio cantor e compositor. Fiz perguntas de sondagem, como:

- Vocês já a tinham escutado antes esta canção?
- Perceberam a estrutura do texto e o seu conjunto de rimas?

- Que sentimentos e mensagens a letra transmite por intermédio dos seus versos?

Constatei que alguns estudantes já a tinham escutado, uma vez que temos vários alunos de idades avançadas, além dos que tinham solicitado o nome da música para se familiarizarem com ela.

Avaliação: análise dos comentários feitos pelos estudantes durante os momentos de debate e produção de texto sobre a leitura da letra.

8º Encontro: **Interpretação**

Possibilidades interpretativas e os principais elementos estruturais da música “Construção” de Chico Buarque de Holanda

Metodologia:

1º Momento: Este encontro se caracterizou por uma interpretação mais profunda da letra da música Construção, pois após a sua execução audiovisual em sala de aula, dei oportunidade para que ocorresse um debate sobre os aspectos sociais que ela aborda e os seus nuances líricos. A realização desse intento, especialmente, diante de aspectos conteudista e estruturais, foi auxiliado por duas fichas (Apêndices F, p.134 e G, p.135) para que assim pudéssemos esclarecer a identificação dos elementos constituintes dos textos literários com estrutura de poema, tais como: as rimas, a metrificação, as estrofes, os versos, entre outros; o processo de identidade; a crítica aos representantes políticos diante do descaso com os menos favorecidos e as visíveis diferenças diante das classes sociais, porque a letra é de caráter sócio-político-literário.

2º Momento: Iniciei este momento com a coleta oral das opiniões dos estudantes acerca do conteúdo da letra, cujos comentários orais que despertaram minha atenção foram:

Quadro 04

“O texto fala de uma história tristemente real, que não é mais do que o retrato do que acontece todos os dias com tantos operários e operárias neste Brasil. E, como se isso já não fosse sofrimento suficiente, vem um sujeito que não tem nem 5% de aprovação de um país e quer modificar para pior as leis trabalhistas que já é péssimas, esse cretino que foi colocado pela Globo no poder, Michel Temer, deveria carregar pedras, tijolos, britas e cimentos para o segundo, décimo ou centésimo andar até os 70 anos que era ele ver se aguentaria, logo ele que se aposentou com um salário grandão aos 55 anos quer que o pobre volte a ser escravo ou sofra um acidente e morra como essas personagens da letra da música, se morrer ainda é bom, mas imagina se ele precisar ficar internado em um hospital público com esses aqui de Vitória de Santo Antão?!” (Estudante A)

“A vida de um operário em uma construção é desse jeitinho mesmo que diz na música, muito risco e pouco dinheiro, muita humilhação e pouco reconhecimento e quando morre por acidente é ainda considerado um incômodo para o patrão ou para a sociedade idiota”. (Estudante B)

Esses comentários e tantos outros que ocorreram na sala de aula mostraram-nos o quanto a intervenção pôde aflorar nos alunos a consciência cidadã, a noção de pertencimento no mundo e, principalmente, como estão conseguindo observar com mais apuro as entrelinhas e subentendidos que textos da MPB podem trazer em si.

Avaliação: examinamos os comentários feitos pelos estudantes durante os momentos de debate e produção de texto escrito e oral.

9º Encontro: **Exposição**

O particular que vai ao público

Esta etapa foi constituída de muitas pesquisas, negociações, debates e orientações atitudinais, a fim de que houvesse uma viável e substancial exposição à comunidade escolar, para que o conhecimento que vinha sendo trabalhado com um grupo limitado de 25 alunos se expandisse aos demais integrantes da instituição escolar.

Os estudantes tiveram um período de intervalo de duas semanas para que pudessem desenvolver pesquisas, confeccionar cartazes, formatar vídeos e estudar os conteúdos que iriam ser expostos no evento destinado à socialização dos conhecimentos.

A divulgação do projeto e a busca de novos leitores literários

Metodologia:

Este foi um momento de grande importância para a nossa intervenção, porque os estudantes apresentaram, durante o tempo de três aulas, a síntese dos conteúdos que vinham adquirindo ao longo do percurso de trabalho que desenvolvi com eles. Foram expostos cartazes e vídeos que se intercalavam com explicações orais, por parte dos estudantes, que pretendiam incentivar o olhar mais atento dos visitantes aos aspectos presentes nas entrelinhas dos textos: *Fotografia 3x4* e *Construção*. Além disso, nos 20 minutos finais da exposição os alunos apresentaram duas composições autorais, em um miniconcurso¹⁶, para que uma fosse eleita pelo público como a melhor letra, fazendo desse momento um grande destaque da noite.

Avaliação: Desenvoltura oral dos estudantes durante a exposição à comunidade escolar e análise da confecção dos cartazes e dos vídeos.

10º Encontro: Considerações Finais

Opinião e entendimento geral, dos estudantes, do que foi o projeto: *Letras da MPB como recurso para o letramento literário na EJA*.

Organizamos este último momento para uma análise geral dos possíveis ensinamentos adquirirem durante a intervenção. Elaboramos para este encontro uma nova ficha (Apêndice G. p.135) na qual havia quatro perguntas, que os levavam refletir sobre as suas habilidades referentes à leitura literária e ao senso crítico de cada um deles. Após a leitura e as respostas escritas e orais que os alunos expressaram, em sala de aula, encontramos elementos condizentes com nossas expectativas que analisar com mais acuidade no próximo capítulo desta dissertação.

¹⁶ A letra vencedora do concurso está no anexo I na página 137.

4.5. Orçamento para a execução do processo interventivo

Os recursos necessários para a execução do projeto foram custeados pelo próprio professor-pesquisador e os materiais que foram utilizados são:

- Aquisição de 14 livros específicos da área de Letras, voltados à temática das músicas e letras (R\$ 500,00);
- Duas resmas no tamanho A4 (R\$ 40,00);
- Tintas para a impressora nas cores preta, amarela, vermelha e azul (R\$260,00);
- Três tesouras e uma cola de tamanho médio (R\$30);
- Lápis para a escrita no quadro branco (R\$30,00);
- Gasolina para a utilização do veículo de transporte do professor-pesquisador, entre outras eventuais necessidades (R\$140,00).

Totalizando um custo de R\$1.000,00.

Capítulo V - Análise dos registros coletados com os estudantes

Esta parte do trabalho corresponde à análise prática de como foi percebido pelos discentes todo o processo interventivo, que pleiteamos fazê-lo vivenciar em sala de aula. Por isso, faz-se necessário pormenorizá-lo, a fim de que se possa, de fato, entender como se desenvolveu ao longo das aulas.

5.1. Prospecção das preferências musicais dos estudantes

Evidenciamos, no capítulo anterior, que o projeto interventivo seria iniciado com uma sondagem, junto aos estudantes, sobre as preferências musicais que faziam parte do cotidiano deles. Aplicamos, então, uma ficha contendo dez perguntas que intentavam para uma melhor desenvoltura da atividade de obtenção de informações supraditas, diante de aspectos referentes aos gêneros musicais, letras prediletas que marcaram suas vidas e sucintas análises dos versos por eles mencionados e, além disso, aproveitamos a ocasião para sondarmos os conhecimentos prévios que possuíam em relação a Belchior e a Chico Buarque.

Visando melhor apresentarmos os resultados, desenvolvemos uma tabela que especifica, com detalhes, os resultados obtidos durante as aulas. Leiamos abaixo:

Tabela¹⁷

Estudante	Gênero Musical	Título da letra mais apreciada	Tipo de linguagem	O artista mais em evidência na atualidade	Comentários acerca de Belchior e Chico Buarque
1.	<i>Funk</i>	Sem ar	Fácil	Mc Loma	Já ouvi falar que eles faziam músicas com belas letras.
2.	<i>Funk</i>	Largado às traças	Fácil	Mc Loma	Já ouvi falar deles, são uns dos maiores cantores e compositores da música brasileira, mas não ouço.

¹⁷ Esta tabela servirá de base analítica para a argumentação geral e serão comentados os três gêneros mais apreciados pelos estudantes.

3.	<i>Funk</i>	Só se vive uma vez	Fácil	Mc Loma	Já ouvi falar muito deles e são considerados gênios pelas pessoas.
4.	Sertanejo	Criminalidade	Fácil	Jorge e Mateus	Já ouvi falar sobre Chico Buarque, mas não conheço nenhuma música dele, nem nada sobre a sua história.
5.	<i>Pop Music</i>	Dona Maria	Difícil	Nando Reis	Sempre soube que ambos são músicos e compositores bastante conhecidos.
6.	<i>Funk</i>	Apelido Carinhoso	Fácil	Mc Loma	Só ouvi falar.
7.	Gospel	O bom samaritano	Fácil	Harpa Cristã	Não conheço.
8.	Gospel		Fácil	Anderson Freire	Não conheço.
9.	Sertanejo	Dona Maria	Difícil	Gabriel o Pensador	Já ouvi falar, mas não sei nada sobre eles.
10.	<i>Funk</i>	Anti-amor (sic)	Fácil	MC Rita	Não conheço.
11.	<i>Funk</i>	Boate Azul	Fácil	MC Rita	Já ouvi falar de Chico Buarque. Ele é um músico, dramaturgo, escritor e autor brasileiro. Conhecido por ser um dos maiores nomes da música popular brasileira.
12.	<i>Funk</i>	De quem é a culpa?	Fácil	Gaab	Já ouvi falar de Chico Buarque de Holanda, mas não conheço nada sobre ele.
13.	Funk	Amigo taxista	Fácil	MC MM	Não conheço.

14.	Funk	Capital das notas	Fácil	MC Don Juan	Já ouvi falar de Chico Buarque, mas não sei descrever algo sobre ele.
15.	Sertanejo	Envolvimento	Fácil	Marília Mendonça	Já ouvi falar de Belchior, no desaparecimento dele e logo após sua a morte.
16.	Sertanejo	Muleque (sic) de vila	Fácil	Jorge e Mateus	Só ouvi falar de Chico Buarque um grande cantor e compositor brasileiro.
17.	Brega	Meu ex-amor	Fácil	Banda Torpedo	Não conheço.
18.	Brega	Evidências	Fácil	Amado Batista	Conheço pouco.
19.	Forró	Não deixo não	Fácil	Wesley Safadão	Não conheço.
20.	<i>Funk</i>	Falso Amor	Fácil	Mc Loma	Ouvi sobre esses artistas, mas nunca ouvi suas músicas.
21.	<i>Funk</i>	Novinha pode pá	Fácil	Ludmila	Não conheço.
22.	Sertanejo	Tô com moral no céu	Fácil	Henrique e Juliano	Apenas conheço Chico Buarque.
23.	Pop Rock	Só os loucos sabem	Difícil	Titãs	Conheço os artistas, o legal em Belchior é o fato de ser reconhecido nacionalmente e ser de origem nordestina (Sobral, Ceará) e Chico Buarque: é um poeta, compositor e cantor muito importante na MPB.
24.	Gospel	Lugar secreto	Difícil	Harpa Cristã	Os artistas que têm em comum as críticas

					constantes a sociedade de forma indireta ou direta dentre outras áreas ditas em suas canções.
25.	<i>Brack</i>	Todo mundo odeia acústico	Difícil	Linkin Park	Infelizmente eu só tive acesso a eles anos atrás.

A tabela acima traz informações relevantes para que possamos analisar como se desenvolveu o primeiro contato com a turma, no que diz respeito à motivação inicial da Sequência Básica de Cosson (2016), perante a execução preliminar do projeto interventivo. A partir dela temos dados concretos de o quanto são diversos os interesses rítmicos dos estudantes e que envolvem variados gêneros musicais, como: Brega, Brack, Funk, Gospel, Pop Music, Pop Rock e Sertanejo. Notamos, também, que o gênero MPB não apareceu entre as preferências musicais apreciadas por eles, fazendo-nos perceber o quanto essa nossa intervenção soou incipiente na cultura musical deles e, ao mesmo tempo, estimulou-nos a prosseguir com mais afinco no projeto.

Outra revelação, que não nos era difícil de supor, e que fora constatada de imediato, refere-se aos principais artistas e gêneros musicais por eles escolhidos como os mais influentes e, conseqüentemente, os mais importantes da atualidade nacional, que são: MC Loma ficando em primeiro lugar, como artista mais prócer do gênero Funk; em seguida veio à dupla sertaneja Henrique e Juliano do gênero Sertanejo e, em terceiro lugar, a banda Harpa Cristã do gênero Gospel como encabeçando o ranking dos três estilos musicais mais apreciados no cenário musical brasileiro.

Ao refletirmos acerca dos principais gêneros e artistas que instigam nossos estudantes, percebemos que se são persuadidos pelos ambientes em que vivem e pelos meios de comunicação massificados, pois seja pelas rádios e televisão, seja pela *internet* tudo que desperta a atenção deles tem um papel decisivo nas suas preferências culturais diante do universo musical. Os veículos de comunicação massificados sabem disso e investem maciço nesse nicho para que possam instigá-los a comprarem produtos comerciais e seguirem estilos de vida e hábitos sociais que sejam do interesse deles.

Iniciemos, ainda, este momento de análise com um à parte, pois é válido salientar, conforme Cosson (2016, p.112) nos afirma que “se demanda a eliminação das chamadas situações artificiais de interlocução, devendo-se buscar interlocutores efetivos na escrita e na

reescrita de textos”. Também é rejeitada a excessiva preocupação com a ortografia e a forma do texto em detrimento do registro daquilo que o aluno deseja dizer e, para que isso aconteça com pertinência, não devemos nos ater à grafia gramatical normativa padrão como foco principal dessa análise conteudística, pois não nos interessa saber se os nossos alunos dominam com proficiência regras gramaticais, mas, sim, se conseguem interagir com o texto e desenvolver interpretações da realidade, dos aspectos sociais, políticos e humanos que a letra os quer fazer refletir. Ou seja, poderá haver momentos de “desvios” do uso prescritivo da gramática tradicional por parte dos alunos, como já alertamos anteriormente, porém isso em nada influenciará negativamente a essência dos discursos proferidos por eles nos seus depoimentos.

Quando nos atentamos ao aspecto letra de música percebemos que há comentários muito pertinentes, feitos pelos alunos, em relação aos três principais gêneros musicais citados. Vejamos:

Quadro 05

Funk

“Muitos gostam porque não observam as letras, mas apenas o ritmo”. **(Estudante 1)**

“No Funk há uma “onda” de liberdade que está expressa nas letras. Outro fator é a batida que agrada ao público”. **(Estudante 2)**

“Infelizmente o Funk é o estilo mais apreciado em nosso país, atualmente, e atinge em sua maioria os jovens. Porque, sua letra traz certa coragem para desbravar coisas que são impostas como negativas pela sociedade, como: drogas, crimes, prostituição...” **(Estudante 3)**

Ao comentarem o gênero *Funk* os estudantes acima não demonstram um posicionamento de passividade, pelo contrário, observamos aspectos muito significativos, tais como: a análise paralela entre a letra e o ritmo, demonstrando que os dois elementos devem ser levados em consideração quando se ouve uma música; e, além disso, questionam a imposição que a sociedade tem diante de alguns temas polêmicos, como as drogas e a prostituição, isto é, o *Funk* desperta uma “coragem” no público jovem e isso os atraiem.

Quadro 06

O gênero sertanejo, no quadro acima, é visto como oriundo de uma cultura “*interiorana*” e que se encontra em processo de expansão, principalmente por se tratar de um estilo “*alegre*”, segundo o estudante. Por outro lado, algo que nos chamou a atenção foi o comentário referente à demasiada presença que o gênero encontra-se nos meios de comunicação que os alunos têm acesso, ou seja, podemos concluir que eles têm esses meios como primordiais no ingresso da cultura musical nas suas rotinas.

Diante disso, há uma indagação: como poderão se interessar por outros gêneros se majoritariamente há a predominância de um gênero apenas nos veículos de comunicação de massa a que têm acesso? Em outras palavras, diríamos que: ninguém pode gostar do que não conhece e por isso a MPB ausenta-se das preferências musicais da **tabela 1**.

Quadro 07

Gospel

“Porque é um estilo musical que acolhe todos que desejam adorar a Deus sem seguir normas bíblicas”. (Estudante 7)

“Gospel me ajuda nas horas que preciso e me traz paz”. (Estudante 8)

Este último quadro aborda o gênero musical Gospel que, por sua vez, é assaz relevante diante do cenário musical nacional, pois o alto índice de pessoas religiosas cristãs

Sertanejo

“Esse estilo tem ganhado força nos últimos anos principalmente no interior e também em outras regiões o que mostra que, de certo modo, está havendo uma valorização da cultura sertaneja”. (Estudante 4)

“Gosto porque ele tem um ritmo alegre”. (Estudante 5)

“Por ser mais tocada no momento”. (Estudante 6)

no ambiente escolar demonstra isso e, assim, influencia diretamente nas preferências musicais desse público, não por fatores literários ou poéticos dos textos, mas, sim, por questão de fé que, necessariamente, não quer dizer que seja um aspecto textual menor ou

maior, apenas não se coaduna com as vertentes do letramento literário a que se propõe esta intervenção.

Vemos, então, o quanto o estudo que direccionamos aqui iniciou o processo de ampliação da percepção cultural e crítica dos nossos alunos, porque lhes proporcionaram outros vieses artísticos para despertar-lhes a criticidade e a poeticidade, indo além das letras religiosas cristãs tão-somente que tinham acesso.

Outro aspecto que se faz relevante de se analisar, que obtivemos com essa motivação inicial, refere-se à *linguagem* presente nas letras que interessam aos estudantes, porque notamos que é algo relevante na escolha de um gênero musical ou música em si, para a maioria deles, pois grande parte dos alunos acredita que o fácil entendimento das letras é um forte determinante no momento de se optar por se ouvir ou não uma música, porque para muitos deles a letra da música não é vista como um produto cultural e sim um mero entretenimento que se agrega ao ritmo e a melodia.

Ao tomarmos como base as letras que os estudantes citam na **tabela 1** perceberemos o quanto são textos, em sua maioria, superficiais e que não exigem um forte esforço intelectual para se memorizar e entender os versos, porque são letras compostas em uma linguagem direta e sem o uso de metáforas ou subentendidos, fazendo com que não se exija tanto raciocínio lógico dos ouvintes/leitores diante delas, configurando-se como totalmente adverso ao que normalmente encontramos em grande parte dos textos de letras da MPB e, sobretudo, nas duas letras que seleccionamos para essa intervenção.

Vejamos mais alguns comentários de estudantes a respeito das letras:

Quadro 08

“Gosto de letras que usam uma linguagem que exija mais atenção, pois elas podem nos ensinar várias lições que podemos usá-las na vida”. (Estudante 9)

“Gosto de letras de linguagem fácil, porque acabam grudando na cabeça e são mais fáceis de se cantarolar e refletir”. (Estudante 10)

“Gosto de linguagem fácil, pois com uma linguagem mais clara a letra gruda na nossa cabeça”. (Estudante 11)

Podemos perceber, no quadro acima, que não há uma unanimidade no que se refere à linguagem presente nas letras, como obviamente já se poderia esperar.

Algo que nos chama a atenção se refere ao verbo “*grudar*”, em relação às músicas (letras e melodias), pois para alguns deles o fato de “*grudar na cabeça*” é decisivo na escolha da música, não por ser desafiante o processo de entendimento do texto, mas pelo contrário, pela sua clareza e facilidade excessivas, ou seja, o mínimo esforço de raciocínio para a compreensão geral da mensagem da letra.

Notamos, ainda, o quanto danosa e eficiente estão sendo a indústria musical e os influenciadores da cultura de massa, porque retiram da maioria dos ouvintes/leitores a capacidade de reflexão que eles poderiam vir a adquirir a partir de letras mais bem elaboradas e, nesse momento, faz-se necessário lembrarmos que a escola tem um papel crucial na tentativa de se reverter esse quadro, porque com procedimentos interventivos como esse, que estamos nos propondo a fazer, tentamos mostrar aos alunos outras formas de se pensar a realidade musical brasileira que é imposta pela grande mídia.

Encontramos respaldo para essa nossa preocupação nas palavras de Cosson (2016) ao nos afirmar que:

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e, sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem. (COSSON, 2016, p. 30)

Como o autor nos diz, devemos “*ir além da simples leitura*”, isto é, quando notamos que uma indústria tão poderosa quanto à fonográfica impõe uma cultura massificada de baixo nível intelectual cujos raciocínios, valores humanos, culturais e sociais não são caros na hora de se compor uma letra, mas, sim, quase que totalmente ignorados e, até certo ponto desprestigiados, emergem preocupações educacionais cuja escola tem a função de ajudar a suprir, como no caso da divulgação nas aulas de linguagens de letras potencialmente críticas, metafóricas e literárias, além do esclarecimento para os alunos de que existem outros acessos à cultura musical bem mais do que é oferecido pela grande mídia.

Sobre os compositores Belchior e Chico Buarque, que escolhemos para o trabalho interventivo, os estudantes demonstraram variados níveis de conhecimentos prévios em relação a eles. Para que possamos ser mais claros a esse respeito, citamo-los na **tabela 1**, que podemos assim comentar que:

- 11 estudantes afirmaram que conheciam algo sobre os artistas, mas nada tão relevante;

- 06 disseram conhecer apenas um deles (05 conheciam apenas Chico Buarque e 01, só Belchior) e, por fim,
- 07 disseram nunca terem ouvido falar de ambos os artistas até o dia em que iniciamos a intervenção.

Tinhorão (2010) nos diz a respeito das origens do processo de massificação musical da cultura que:

No plano da música popular, esse moderno processo de integração do gosto médio dos países periféricos a padrões preestabelecidos, promovido de início apenas pelas grandes fábricas de discos, o rádio, o cinema, e logo pela televisão e pela moderna indústria dirigida ao lazer urbano (aparelhos sonoros, *juke-boxes*, fitas de gravação de som, de vídeo, instrumentos musicais eletrodomésticos, espetáculos de massa, etc.), começou a funcionar no Brasil desde o fim da Segunda Grande Guerra Mundial. (TINHORÃO, 2010, p.349)

O autor nos esclarece que esse processo de controle cultural é algo antigo e que hoje ainda influencia bastante a sociedade, talvez até um pouco mais do que o era antes (no século XX), por sua vez, podemos apontar dois vieses fundamentais para se entender essa relação de poder da mídia: o primeiro, é que a manipulação cultural hoje é maciça e sutil, quiçá até de forma mais intensa do que à época citada por Tinhorão; o segundo é que com o advento da *internet* se dispõe de meios para que a população possa ser tão manipulada quanto nos veículos de comunicação tradicionais, mas, também, pode optar por escolher caminhos adversos aos da massificação, isto é, ir além do óbvio que lhes impõem a indústria da música.

A nossa intervenção, gradativamente, constatou o quanto é possível essa ajuda na mudança de perspectiva cultural diante dos alunos, porém para que de fato isso acontecesse, faz-se necessário um planejamento sério e uma rigorosa atenção à *Sequencia Básica* de Rildo Cosson.

A fim de que possamos finalizar esse tópico é importante esclarecermos que a indústria cultural da música tem um papel decisivo na evidenciação ou ocultamento de um artista para o grande público, necessariamente não é a qualidade acurada que prevalece nessa escolha, mas, sim, os lucros mercadológicos que ele pode oferecer à indústria que o fará ser evidenciado.

Se analisarmos com atenção as respostas dadas na **tabela 1** percebemos que tanto Belchior quanto Chico Buarque não são artistas influentes na cultura midiática atual e por

isso se encontram, para a maioria dos estudantes, como meros nomes culturalmente mencionados no universo enciclopédico deles ou simplesmente desconhecidos.

Este momento do trabalho se objetivou em sondar as preferências musicais dos estudantes e obter deles informações referentes aos cantores e compositores Belchior e Chico Buarque de Hollanda. Em seguida, descreveremos as impressões dos discentes a respeito das duas letras trabalhadas no ambiente escolar.

5.2. As perspectivas e constatações dos estudantes diante da letra *Fotografia 3x4*

Iniciamos os trabalhos ouvindo a canção em um aparelho de som interpretada na voz de Belchior, para que eles pudessem notar o estilo do artista cearense e, após ouvi-la, solicitei que dessem as suas impressões a respeito da letra da música de forma oral, cujas algumas respostas as transcrevi no quadro abaixo:

Quadro 09

“Belchior tem uma voz tão nasal e antiga, mas ao mesmo tempo é bem agradável de ouvir”.
(Estudante 01)

“Não sabia que aquela voz da canção era de Belchior, pois eu já tinha ouvido músicas cantadas por ele na casa dos meus avós e eu achava que era música de velho e não sabia que tinha valor cultural como o professor explicou na sala de aula”. (Estudante 02)

“Belchior cantando interpreta muito bem o que ele sentiu ao passar pela situação que narra na letra, pois em alguns momentos parece que ele vai chorar de dor ao reviver momentos de dificuldades que ele passou. Isso me fez perceber como as músicas que ouço hoje em dia não têm isso, pois os artistas não viveram aquilo que cantam, principalmente porque sei que eles contratam compositores para fazerem os textos para eles. Ou seja, na época de Belchior as pessoas eram artistas por uma questão de talento e não de mercado musical e dinheiro”. (Estudante 03)

Podemos notar que as falas apresentadas pelos estudantes demonstram que há um vislumbre cultural acentuado, pois oscila em se qualificar a voz do artista de “nasal”, de “antiga” e, ao mesmo tempo, de “agradável”, a uma voz que já se foi ouvida, mas que não é associada de imediato ao cantor, passando, também, por uma “música de velho” que seria algo vexatório e inadmissível de se ouvir hoje, pelos mais jovens, mas que com esse

processo interventivo passaram a descobrir que se tratava de uma manobra de manipulação das massas e, ainda por cima, estereotipada, que lhes é imposta pela mídia atual, para que a população valorize apenas os artistas atuais, pois esses gerem lucros imediatos, independente do valor cultural que eles pleiteiam divulgar com seus trabalhos.

Cria-se na mente dos alunos e do público em geral a impressão de que “sucesso” é um regulador da qualidade o que de fato não condiz com o real, pois vivemos em uma sociedade pós-moderna em que os valores humanistas, que consolidaram carreiras como as de Belchior e Chico Buarque, por exemplo: o “amor ao conhecimento”, o “amor ao próximo”, o “amor à natureza”, o “amor à razão”, o “amor à cultura” passaram a ser considerados “anacrônicos” e “ineficientes”, ou seja, é como se a ideologia neoliberal tivesse usurpado não só o poder, mas ainda as almas, isto é, tivéssemos que ter almas “eficientes”, “competitivas” e “pouco solidárias”, mas a arte não é uma empresa que tem de dar lucros, mas é algo essencial às nossas almas e os alunos estavam demonstrando começar a entender esse processo já nos debates orais que tivemos nesse primeiro momento.

Posteriormente aos debates, pedi-lhes que respondessem por escrito algumas perguntas que se encontravam no lado inverso da folha que constava a letra, pois me interessava averiguar a opinião dos discentes logo após terem tido contato com a obra em seu formato integral.

Observemos as sensações suscitadas pela letra junto aos alunos.

1. A letra da música narra com muita sensibilidade a história de um “nortista” desejoso de crescer na vida. **Em que momento da música o letrista Belchior demonstra que se trata de um processo migratório?** Transcreva versos que mostrem isso abaixo e justifique sua escolha.

*Jovem que desce do norte para a cidade grande.
Porque fala sobre um jovem que sai de sua casa no interior para ir tentar ganhar a vida na cidade grande conquistando seu próprio dinheiro.*

(Estudante 04)

1. A letra da música narra com muita sensibilidade a história de um “nortista” desejoso de crescer na vida. **Em que momento da música o letrista Belchior demonstra que se trata de um processo migratório?** Transcreva versos que mostrem isso abaixo e justifique sua escolha.

*Jovem que desce do Norte pra cidade grande
Os pés cansados e feridos de andar léguas tiradas
Porque refrata a parte em que ele atravessa
ardentemente o país para São Paulo.*

(Estudante 05)

Constatamos na escrita dos estudantes que não tiveram dificuldades em identificar na letra o trecho que a questão solicitava e, além disso, comentaram de forma breve, mas coerente, o que achavam sobre o fato narrado, demonstrando assim que, mesmo sendo um texto, diferente do que eles normalmente têm contato, conseguem identificar informações explícitas e implícitas na letra.

Chamou-me a atenção o comentário feito pelo **estudante 04** ao indagar o fator financeiro que ele percebe no texto que, segundo nos diz, seria o motivo central de o personagem da letra ter deixado à terra natal e isso me fez perceber que o discente foi além do que está explícito na superfície textual e conseguiu contextualizar a situação em termos práticos, ou seja, demonstra a eficácia do letramento literário desenvolvido em sala de aula, confirmando assim a função do texto literário no aperfeiçoamento do leitor.

Já o **estudante 05** sente as “árduas” dificuldades que o personagem sofre ao se descolar de uma região para outra no país, isto é, nesse momento nos deparamos com a empatia que é despertada do texto para o leitor/ouvinte em relação a sensações e fatores sociais que despertaram a criticidade do estudante e o seu lado emocional. Candido (2011) oferece um ponto de vista esclarecedor a esse respeito, ao afirmar que: “a literatura tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade” (CANDIDO, 2011, p.178), em outros termos diríamos que o texto de Belchior proporcionou ao estudante uma ampliação da sua percepção crítica da realidade e isso é fundamental no desenvolvimento perceptivo da realidade social, muitas vezes, injusta para a maioria da população brasileira, além de demonstrar para a nossa pesquisa que o letramento literário aqui proposto está mostrando sinal de eficiência.

Para melhor podermos compreender o valor dessas respostas, vejamos o que nos diz Cosson (2016) em relação à interpretação do texto literário:

A interpretação parte do entretecimento dos enunciados, que constituem as inferências, para chegar à construção do sentido do texto, dentro de um diálogo que envolve autor, leitor e comunidade. No campo da literatura ou mesmo das ciências humanas, as questões sobre a interpretação e seus limites envolvem práticas e postulados tão numerosos quanto aparentemente impossíveis de serem conciliados, até porque toda reflexão sobre a literatura traz implícita ou explicitamente uma concepção do que seja uma interpretação ou de como se deve proceder para interpretar os textos literários. (COSSON, 2016, p.64)

Analisando outros vieses interpretativos da letra, que foram comentados pelos estudantes, vejamos as reflexões que tiveram diante do universo poético narrado por Belchior. Cujas perguntas foram as seguintes:

Ao ler os versos dessa música você se identificou com a visão de mundo do compositor? Comente a sua resposta.

10. Me identifiquei de forma realista. Pois é uma música que retrata os momentos de sofrimento, sem amenizar o peso da dor. É por isso a importância da dor para a valorização dos momentos de alegria. Me lançando uma alta reflexão sobre os preconceitos que podemos passar mais mudanças pessoais. É sobre tudo, a poder da perseverança em busca de nossos objetivos.

Estudante 06

Desde a Antiguidade existiu este tipo de preconceito, e não é diferente nos dias de hoje, muitas pessoas pensam do Sudeste e do Sul acham que a população Nordestina e nordestina não servimos para nada, só apenas para coisas inferiores, nós que moramos no Nordeste temos que autovalorizar e não deixarmos outras pessoas falar o que quiserem com o povo Nordestino.

Estudante 07

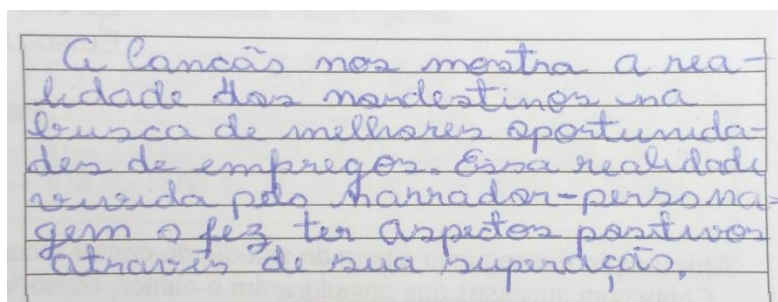
Porque até mesmo ao se deslocar de uma cidade para a outra, sendo as duas cidades pertencentes ao mesmo Estado, as vezes nos deparamos com a discriminação.

Estudante 08

Ao longo dos relatos fica evidente que os estudantes identificaram na letra aspectos cruéis da realidade, sobretudo para os nordestinos, que seriam: o sofrimento, as dores e os preconceitos. É importante observarmos isso, pois a letra retrata uma triste verdade, ainda existente em nossos dias, e essa verdade que ela traz os fizeram refletir sobre o quanto pode ser enganosa a falsa harmonia que a mídia quer nos repassar ao divulgarem em novelas, por

exemplo, que essa hostilidade contra os nordestinos e nortistas era coisa de um passado muito anacrônico. Porém, quando o **Estudante 08** afirma que “ao se deslocar de uma cidade para a outra, sendo do mesmo estado, às vezes nos deparamos com a discriminação”, esse comentário é muito pertinente, porque demonstra o quanto ele está atento à realidade, que pode ter sido à dele própria, de familiares dele o de conhecidos próximos a ele.

Acredita-se que para os alunos a letra da música despertou reflexões veladas, fazendo-os notar mais claramente a realidade que os cercam e ampliando a visão de justiça social deles, pois como nos afirma o **Estudante 09**:



Percebe-se que nesse trecho em que o aluno se posiciona com bastante senso crítico e uma perspicaz concepção de valores sociais, especialmente no que se refere à melhoria da qualidade de vida, encontra consonância nas palavras de Antonio Candido (2011) ao nos afirmar que:

Com o incrível progresso industrial, aumentamos o conforto até alcançar níveis nunca sonhados, mas excluímos dele as grandes massas que condenamos à miséria; em certos países, como o Brasil, quanto mais cresce a riqueza, mais aumenta a péssima distribuição dos bens. Portanto, podemos dizer que os mesmos meios que permitem o progresso podem provocar a degradação da maioria (CANDIDO, 2011. p.171).

Assim como Candido comenta, a letra de Belchior nos mostra, poeticamente, uma realidade nefasta. Podemos constatar, ainda, que de forma mais profunda ou menos velada os estudantes da turma conseguiram, na sua maioria, captar os pressupostos intentados pelo compositor e esses, por sua vez, coadunam-se com as opiniões de Candido, pois os estudantes conseguiram, como demonstrado nos fragmentos transcritos dos textos supracitado, irem além das discursões desenvolvidas em sala e, principalmente, adentrarem nas subcamadas textuais, concretizando o que bem nos diz Clarice Lispector (1973) ao afirmar uma das grandiosidades da leitura do texto literário: “Tudo acaba, mas o que te escrevo continua. O que é bom, muito bom. O melhor ainda não foi escrito. O melhor está nas entrelinhas” (LISPECTOR, 1973, p. 42). E assim como Clarice nos afirma as

“entrelinhas” foram descobertas pelos estudantes, gradativamente, devido à eficiência do letramento literário proposto por Cosson (2016) e que foi trabalhado em sala de aula.

É importante lembrarmos, também, que a letra Fotografia 3x4 traz arraigadas em si inúmeras interpretações e múltiplos questionamentos sociais, fazendo com que, a maioria dos estudantes, perceba a composição como um texto de valor literário, sobretudo por possuir uma linguagem plurissignificativa.

Por último, podemos comprovar que os educandos conseguiram assimilar, pelo menos grande parte deles, o sentido figurado de algumas passagens do texto de Belchior, como nos mostra os fragmentos abaixo:

3. Nos versos nove e dez da letra da canção, o narrador diz: “Pois o que pesa no norte, pela lei da gravidade,/ disse Newton já sabia! Cai no sul grande cidade!”. O que você acredita que o poeta quis afirmar com as passagens em destaque?

(Estudante 10)

Que o peso do Norte é a falta de oportunidade e por isso, as pessoas “caem” no Sul.

3. Nos versos nove e dez da letra da canção, o narrador diz: “Pois o que pesa no norte, pela lei da gravidade,/ disse Newton já sabia! Cai no sul grande cidade!”. O que você acredita que o poeta quis afirmar com as passagens em destaque?

(Estudante 11)

Nordeste	Sudeste
Mais Violência	Menor índice de violência
Pela	Melhor infraestrutura de chuvas
Cultura diversificada	Industriação
Falta de investimentos	Tempo tecnológico
Diversidade culinária	Cultura popular
Turismo	Grande número de pessoas

3. Nos versos nove e dez da letra da canção, o narrador diz: "Pois o que pesa no norte, pela lei da gravidade,/ disso Newton já sabia! Cai no sul grande cidade!". O que você acredita que o poeta quis afirmar com as passagens em destaque?

habitantes de pequenas cidades ao se dispor a mudar o ciclo de sua vida e decide ir para a cidade grande, no entanto, ao chegar no seu destino depara-se com o preconceito. Sendo assim, a regionalidade para muitos define o indivíduo.

(Estudante 12)

7. O que você interpreta do verso "A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia"?

interpreto de forma figurada. A noite fria significa os momentos difíceis e a dificuldade é por necessária para haver um valor real e reconhecimento dos momentos de alegria do dia a dia.

(Estudante 13)

Em suma, diríamos que há uma constatação do avanço, no que se refere à compreensão do sentido figurado da linguagem, crítica e social de que o texto estudado se compõe, porque às vezes os estudantes não tentam se aprofundar no entendimento textual, sobretudo em letras, que não pertençam ao cotidiano deles e no caso da letra de Belchior foi o oposto. Porque, mesmo o compositor empregando elementos linguísticos mais bem apurados do que é, normalmente, utilizado pelos artistas que despertam o interesse dos alunos, o modo como foram conduzidas as aulas fez com que eles notassem a importância, pelo menos de uma boa parte deles, de se esforçarem um pouco mais para se perceber o conteúdo que essa letra da MPB poderia lhes oferecer e esse êxito foi percebido tanto nos registros orais nas aulas quanto pelos exercícios escritos.

5.3. Impressões dos estudantes acerca da letra *Construção*

Este momento da dissertação foi exaustivamente planejado para que obtivéssemos êxito durante a intervenção, pois é notório o fato de que se tratava de um texto, até certo ponto, muito hermético e, sem dúvida, exigiria assaz destreza dos estudantes a fim de que pudessem perceber sutilezas poéticas, sociais e políticas que estão embutidas nas entrelinhas da letra de *Construção*. Porque, como nos fala Wagner Homem (2009) “com *Construção* ele [Chico Buarque] chegou perto da tão falada unanimidade, recebendo elogios de críticos de todas as tendências” (HOMEM, 2009, p.98), ou seja, a beleza da melodia, o apuro existente da letra que é composta em dodecassílabos e variando com rimas existentes pela simples presença de vocábulos proparoxítonos.

Podemos, ainda, acrescentar o fato de que o próprio título da letra “*Construção*” não apenas remete a uma temática social como também evidencia o arranjo engenhoso da letra. Pois, como nos define Perrone (1988) acerca da letra:

São quarenta e um versos de doze sílabas, os quais terminam sempre com uma proparoxítona. Um padrão de verbos no pretérito organiza todo o texto em duas séries de quatro quadras e um sexteto composto de versos de cada uma das quatro quadras, sendo que tanto as duas séries quanto o sexteto são seguidos de um refrão composto de uma só linha isolada. As estrofes das duas séries se diferenciam apenas pela mudança de última palavra de cada verso. São introduzidas quatro novas palavras na segunda série, e as palavras usadas na primeira série aparecem, na segunda, em versos diferentes. No sexteto ocorre nova substituição ao final de cada verso. (PERRONE, 1988, p.85)

O autor acima nos mostra os aspectos técnicos de como é meticulosamente desenhada a estrutura e as dimensões referentes ao arranjo arquitetônico da letra. Podemos, ainda, acrescentar sobre a letra as palavras de Meneses (1980, p.152) ao afirmar que “*Há em Construção algo do poeta engenheiro de João Cabral, do poeta construtor de fala Valéry*”, isto é, há na engenharia verbal do compositor carioca uma planejada autorreferência e alguns versos funcionam como alusões ao texto que os engloba como, por exemplo, os versos 07 e 24 são uma imagem do próprio texto – “*tijolo com tijolo num desenho mágico/lógico*”, demonstrando que cada verbete ou frase poética é parte de um ordenado amplo, que, por sua vez, é racionalmente imbricado por um “*mágico*” que transforma o caráter de todos os elementos com uma só palavra. Como nos explica mais uma vez Perrone (1988):

As palavras usadas em “*Construção*” são, independentemente, ricas como poesia. Foram consideradas como um exemplo de “*Poesia Práxis*”, apesar de Chico não estar a par deste projeto literário quando escreveu o texto de “*Construção*”. Em todo caso, a gravação de “*Construção*” dita sua forma

textual e cria uma dinâmica músico-poética dramática. A presença de proparoxítonas em todos os versos cria um efeito fonético de queda o qual ocorre também na melodia. (PERRONE, 1988, p.85)

Como se pode constatar, nas palavras de Perrone, estamos diante de uma letra com um apurado valor técnico-estilístico que dialoga abertamente com um projeto literário tão amplo quanto o do gênero musical MPB, ou seja, o texto no seu formato estrutural demonstra possuir uma sobrevida desvinculada da melodia que a canção lhe abarca.

A partir dessas análises supracitadas, podemos descrever como se desenvolveu a intervenção em sala de aula com um texto denso, mas com valor cultural, social, humanista e político amplo. Proporcionando, tal composição, análises críticas que suscitaram nos alunos, assim como havia sido iniciado no trabalho com a letra *Fotografia 3x4*, a compreensão de o porquê se deve ir além da análise superficial em uma interpretação de texto, isto é, de se entender a necessidade pragmática de se aprofundar na leitura literária.

Acerca dos posicionamentos e impressões que a letra *Construção* despertou nos estudantes, começamos observando o depoimento oral narrado por um dos alunos após a primeira leitura do texto e em seguida com a audição da interpretação cantada por Chico Buarque.

Quadro 10

“A letra da música fala do último dia de vida de uma pessoa que trabalha em uma construção. O autor da letra narra o texto como se estivéssemos assistindo um filme e o incrível é que ele canta a letra como se fosse um ator interpretando uma peça teatral em um palco, ou seja, a tristeza que ele demonstra em alguns momentos me emocionou, pois me fez perceber que é como se ele estivesse vivendo realmente aquele acontecimento ou talvez já tivesse visto alguém passar por aquilo antes, na vida real. Pois, por incrível que pareça, não acho que seja um acontecimento raro de se acontecer, porque até aqui em Vitória eu já ouvi muitas histórias assim, já que aqui os patrões estão pouco se “lixando” para as pessoas que trabalham na construção de prédios, o que eles querem mesmo é que o prédio esteja pronto e se para que isso aconteça de um trabalhador esteja infeliz, com fome, com medo, com pouca segurança para proteger a sua vida quando estiver rebocando uma parede alta numa casa, tanto faz. Dinheiro é mais importante para muitas pessoas, pois como a letra diz “morreu na contramão atrapalhando o tráfico/ o público/ o sábado”, mesmo a morte de um pai de família trabalhador e pobre não comove algumas pessoas, sem Deus no coração, aqui nesse país. Mas, professor, quando é um rico, o povo da TV passa um mês ou mais falando da pessoa, é só se lembrar do caso “Isabela” aquela menina que caiu do prédio ou foi jogada pelo pai ou foi pela mãe, por sinal parece até com a história que o cantor diz na música dele, a diferença é que a menina era

filha de rico e o homem da construção aqui era um pobre coitado e esse homem para a sociedade já não tem valor quando está vivo e trabalhando como um escravo, quanto mais quando adoece ou morre como aconteceu na história. No Brasil, pobre é lixo”. (**Estudante 01**)

Ao analisarmos o comentário feito pelo **Estudante 01**, notamos o quanto é um equívoco acreditar que um texto dito, por alguns especialistas, como “hermético” não pode ser interpretado com desenvoltura por pessoas menos escolarizadas. É fato que houve um entendimento plausível, por parte do aluno, de aspectos fundamentais da composição poética de Chico Buarque e de suas intenções comunicativas subterrâneas, pois se percebe que o discente consegue contextualizar a letra para melhor argumentar sobre o entendimento dele acerca das intenções comunicativas do compositor e tece críticas sociais.

Depreendemos que esse acontecimento encontra consonância com Cosson (2016, p.27) ao esclarecer que “o bom leitor, portanto, é aquele que agencia com os textos os sentidos do mundo, compreendendo que a leitura é um concerto de muitas vozes e nunca um monólogo. Por isso, o ato físico de ler pode até ser solitário, mas nunca deixa de ser solidário”. O aluno demonstra com sua fala que conseguiu compreender alguns dos sentidos figurados e criticidade que o artista utiliza no seu texto, e isso é pode ser configurado um avanço significativo no aprendizado do discente, porque em muitas oportunidades eles desprezam leituras diversas daquelas do seu cotidiano e aqui acontece algo oposto houve um aprofundamento nela e a busca de sentido para ela.

Os elementos linguísticos usados pelo letrista são sofisticados, porém, durante o debate oral percebemos que boa parte dos alunos demonstrou compreender o viés político por trás da letra, demonstrando que a composição despertou reflexões político-sociais e que o texto possui um caráter humanizador bastante evidente, pois em trechos ainda do **Estudante 01** como: “mesmo a morte de um pai de família trabalhador e pobre não comove algumas pessoas” ou “a diferença é que a menina era filha de rico e o homem da construção aqui era um pobre coitado” ou, ainda, “No Brasil, pobre é lixo”, notamos que ele foi além da simples leitura do texto literário, isto é, começou a utilizar o que qualificamos como letramento literário que, por sua vez, é o que estávamos pleiteando com essa intervenção.

Algo significativo, também, nesse momento oral da intervenção, foram os versos que mais despertaram o interesse dos alunos no texto e os sentimentos que afloraram neles. Observemos o quadro de citações ditas pelos discentes abaixo e entendamos como isso ocorreu:

Quadro 11

VERSOS	SENTIMENTOS
“Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe”	Simplicidade
“E flutuou no ar como se fosse um pássaro”	Medo
“Dançou e gargalhou como se ouvisse música”	Felicidade
“Morreu na contramão atrapalhando o público”	Angústia

Indagamos, a partir dos versos acima escolhidos pelos alunos, que houve uma espécie de cumplicidade em relação aos acontecimentos e sentimentos vividos pelo personagem da letra da música. A realidade vivida pelo personagem se diferencia pouco do cotidiano dos estudantes, porque eles são oriundos de uma escola pública e com organizações familiares constituídas em ambientes de baixo poder aquisitivo que sentem no dia a dia os descasos do poder público como na letra.

De modo análogo ao eu lírico do texto, os discentes esperam conseguir sobreviver com dignidade, mas sabem e/ou sentem que a qualquer momento uma tragédia semelhante à do personagem pode se configurar com eles ou com pessoas próximas deles, por isso, a *simplicidade*, o *medo*, a *felicidade* e a *angústia* se fazem um misto de emoções imbricadas na mente dos alunos e que a canção conseguiu traduzir para eles, fazendo-os se identificar com ela.

Podemos melhor compreender a seleção dos versos e dos sentimentos aflorados nos alunos ao comentarem a seguinte indagação:

Que tipo de mensagem, de reflexões e de sentimentos a letra da música trouxe para você em termos de conhecimento? Justifique sua resposta.

01) Parece a mensagem da coisificação do homem, que é representado na última estrofe e é visto como algo que pode ser substituível, e que morrer numa avenida, num máxado, na contaminação foi a pior coisa que ele fez. É como que ele não significasse algo tão importante para a sociedade.

(Estudante 01)

Voltando-nos às reflexões promovidas pela letra Construção, notamos que o Estudante 01 contextualizou a letra e suas informações para lhe dar sentido e fez várias leituras do discurso do compositor com perspicácia, pois demonstrou deixar de ser um espectador silencioso e apático do texto para transformar o saber literário presente na letra em um exercício “mágico” de interpretação do texto, passando a ser sujeito da compreensão textual e não um mero receptor do conteúdo da voz professoral.

Ainda é importante notarmos a escolha curiosa de um verbete “coisificação”, porque isso nos fez perceber que o aluno ao comentar o texto de Buarque deve ter acionado conhecimentos estudados em outras disciplinas (provavelmente Geografia) e acrescentou a palavra ao seu discurso com pertinência e criticidade, mostrando como a leitura “puxa” leitura e assim se constrói um mais profundo entendimento dos textos.

Vejamos outros aspectos observados pelos estudantes:

A letra do músico me pareceu a mensagem de que o trabalhador é desvalorizado por aquilo que ele próprio faz, pois as pessoas estão interessadas só no que elas realizam e não pensam em pensar que o real é isso, essa música nos despertou uma coisa que a sociedade atualmente impõe, que somos substituíveis, pouco importa o valor pessoal em si de cada pessoa, só o que ela faz, e nos despertou uma comparação maior.

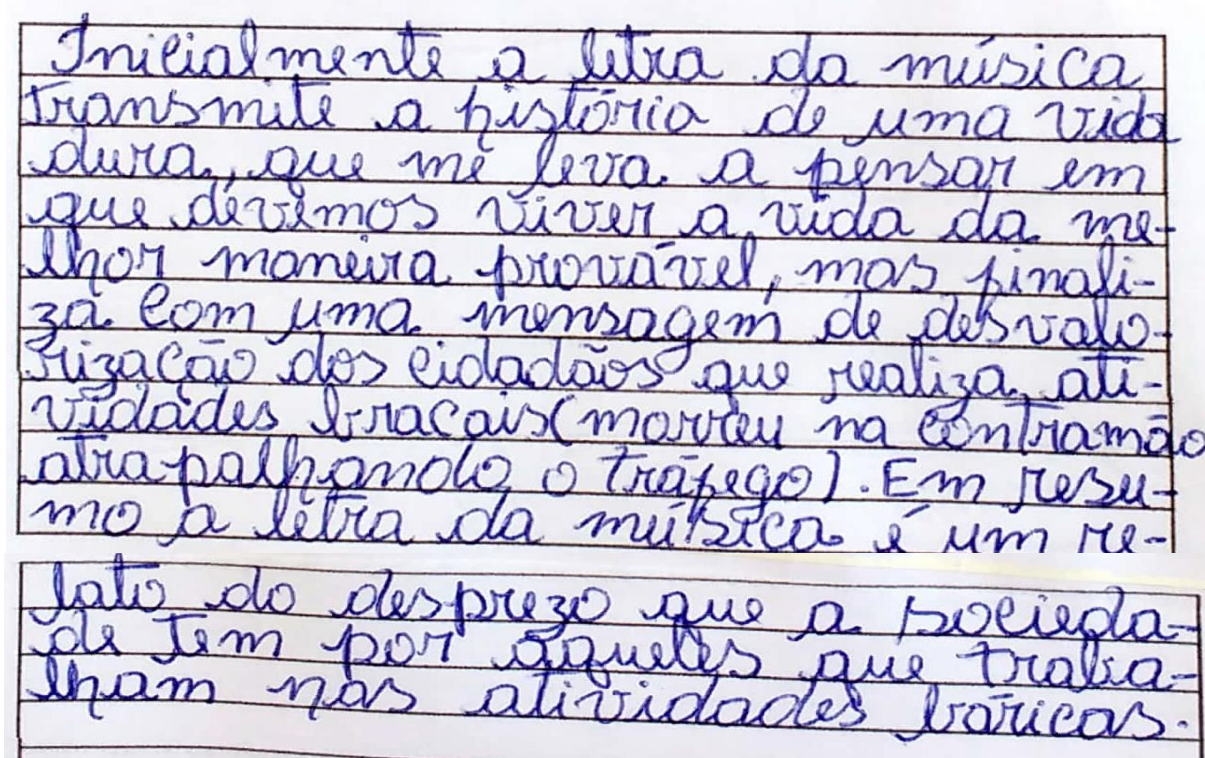
Porque ele é pobre, seu emprego é desvalorizado.

(Estudante 02)

Para o aluno a história lida, apesar de ser uma obra ficcional, serve de alerta para a realidade capitalista e fria em que vive contemporaneamente e a fim de entendermos um pouco melhor esse impacto que a letra produziu no estudante, vejamos o que nos afirma Candido (2011) sobre a literatura “não corrompe nem edifica, portanto; mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver” (CANDIDO, 2011, p. 178).

Em outros termos, o **Estudante 02** incorpora os acontecimentos narrados pelo letrista como uma representação metaforicamente da vida e, por sua vez, é um modo justo, pelo o que percebemos em sua fala, de se refletir de forma altruísta acerca da sua própria existência cidadã e à de outros semelhantes. Ele termina o depoimento falando do sentimento de “compaixão” algo, muitas vezes, frívolo ou insignificante na nossa sociedade brasileira atual e ao se perceber que a letra serviu de veículo a tal atitude, entendemos um pouco melhor o poder de “humanização” que o estudioso Candido nos quis explicar em sua argumentação.

Neste próximo depoimento perceberemos o quanto lúcida se faz a análise do estudante ao comentar o entendimento da letra, pois será notória a leitura consciente dos fatos, a partir de aspectos sociológicos observados no texto:



Inicialmente a letra da música transmite a história de uma vida dura, que me leva a pensar em que devemos viver a vida da melhor maneira possível, mas finaliza com uma mensagem de desvalorização dos cidadãos que realiza atividades braçais (morteu na contramão atrapalhando o tráfego). Em resumo a letra da música é um relato do desprezo que a sociedade tem por aqueles que trabalham nas atividades braçais.

(Estudante 03)

A análise crítica da realidade, feita pelo **Estudante 03**, a respeito da “vida dura” que permeia os cidadãos que trabalham em atividades braçais, é bastante pertinente e mostra,

provavelmente, que se fez possível graças a um letramento literário sério, porque este estudante, assim como os outros já mencionados, foi capaz de perceber como a sociedade exclui alguns tipos profissionais em detrimento de outros, quiçá, pelo simples fato de o *status* social que algumas profissões possuem não serem tão enobrecido. A respeito desse tipo de engajamento social que a letra traduz e a literatura proporciona Candido nos fala que:

A literatura satisfaz, em outro nível, à necessidade de conhecer os sentimentos e a sociedade, ajudando-nos a tomar posição em face deles. É aí que se situa a *literatura social*, na qual pensamos quase exclusivamente quando se trata de uma realidade tão política e humanitária quanto à dos direitos humanos, que partem de uma análise do universo social e procuram retificar as suas iniquidades (CANDIDO, 2011, p.183).

Por fim, faz-nos perceber, com as respostas dadas pelos discentes, o quanto foi satisfatório o nível de engajamento dos estudantes com o projeto e a amplitude intelectual coletiva que eles demonstraram ter adquirido, a partir das interpretações que desenvolveram com a letra. Puderam, também, notar que os problemas que envolvem os operários de construções são negligenciados pelos poderes públicos, pela sociedade e pela mídia, mostrando, assim, que a letra serviu como veículo de conscientização e contestação desse descaso secular que existe na sociedade brasileira.

5.4. Exposição escrita e oral à comunidade escolar

Este momento da intervenção foi útil para se aferir o nível atual de absorção dos conhecimentos por parte dos estudantes e se exercitar a capacidade de comunicação deles, principalmente, para se perceber até que ponto as aulas interventivas estavam ajudando-os a entender a importância de se trabalhar com letras da MPB e a relação que essas letras têm com a literatura. Vejamos a seguir como ocorreu esta etapa interventiva:

1. Utilizaram-se as 03 (três) últimas aulas do período noturno para se expor os trabalhos de pesquisa desenvolvidos pelos estudantes. Houve anteriormente a necessidade de uma parceria com professores que ministravam as 02 (duas) primeiras aulas na turma, a fim de que cedessem os horários para que os alunos organizassem a sala com o intuito de receber os visitantes convidados;
2. Às 20h se deu início e findou-se às 21h40 às apresentações dos discentes, cujo objetivo era expor cartazes com trechos de letras da MPB e breves biografias de

cantores e compositores do gênero. À medida que os visitantes entravam no recinto eram acompanhados pelos anfitriões que lhes conduziam pelas exposições e explicavam-lhes a importância do gênero MPB para a cultura nacional e a relação que estabelece com a literatura ajudando no interesse pela leitura deste tipo textual;

3. Durante as apresentações orais e escritas dos alunos-expositores, tentaram estes, despertar a atenção dos visitantes e extrair deles comentários discursivos acerca de aspectos temáticos e estruturais que poderiam ter percebidos diante do gênero MPB, tais como: a finalidade social dos trechos de letras selecionados e expostos; as características gerais das linguagens empregadas pelos compositores, no que se refere às plurissignificâncias que estas letras suscitam nas pessoas que a elas têm acesso, especialmente, no entendimento das suas entrelinhas; a estrutura de introdução, de desenvolvimento e de conclusão das letras para divulgarem as suas mensagens; os aspectos composicionais elaborados diante de questões referentes à desigualdade de classe que permeiam alguns textos, ou seja, letras engajadas em causas sociais que abarcam normalmente os textos dos dois principais letristas que serviram de base para a intervenção (Belchior e Chico Buarque), fazendo com que consigam assim perceber o dialogismo com a literatura, por possuir o gênero MPB um maior apuro na elaboração das suas letras, isto é, um maior engenho linguístico em relação a outros gêneros musicais mais populares que, em geral, são menos trabalhados no que se refere à configuração formal dos diálogos textuais nos modos de argumentar, sobretudo, diante de uma construção idenitária em situações comunicativas com ressonâncias metafóricas no uso social da linguagem;
4. Posteriormente, os alunos-expositores comentaram com os participantes que as letras da MPB, na atualidade, são composições que não aparecem com frequência na mídia mais popular e os motivos são inúmeros, mas eles citaram como os mais prováveis: a possibilidade de reflexão que essas letras podem proporcionar à população e isso não é interessante nem para a própria mídia (que não tem interesse em ouvintes, leitores ou telespectadores reflexivos e questionadores), nem para os governantes que precisam de pessoas mais focadas em assuntos supérfluos como futebol, novelas, *reality show* etc.
5. Por fim, a exposição foi findada com a apresentação de duas canções compostas pelos próprios alunos para a escolha da melhor letra, música e interpretação tendo sido escolhida a letra da canção “*Os ditam dores*” escrita e interpretada pelo próprio aluno, cujos versos transcritos encontram-se no (anexo I, p.190)

Durante este período de intervenção da pesquisa percebemos o quanto se mostrou profícuo o trabalho até aqui desenvolvido, pois o engajamento e a desenvoltura apresentados pelos estudantes demonstram a serventia dessa labuta e nos faz perceber que a *Sequência Didática* de Rildo Cosson faz-se aplicável no cenário educacional voltado aos estudos do texto literário e como estímulo à leitura literária.

5.5. Opiniões dos discentes sobre o projeto *Letras da MPB como Recurso para o Letramento Literário na EJA*.

Desde que foi idealizado este projeto de intervenção, por intermédio de letras de músicas, tivemos algumas dúvidas em relação à escolha da turma e do turno para o seu fluir, mas, concomitantemente, tínhamos muita convicção dos resultados positivos que conquistaríamos, especialmente, porque poderíamos obter uma ampliação da proficiência leitora dos discentes diante dos textos literários e o desenvolvimento social, político e cultural que iriam ser expandidos na mentalidade deles.

A escolha do aporte teórico, dos vídeos de apoio, dos textos complementares, da turma, das formas de se debater os conteúdos, das dinâmicas das aulas e as duas letras da MPB que nos norteariam nessa jornada foram todos selecionados com muito estudo e cuidado, pois sabíamos que no momento em que fôssemos colocar em prática a sequência didática básica¹⁸ acerca do letramento literário desenvolvida por Rildo Cosson (2016) teríamos de ter segurança no encaminhamento da proposta e ter leveza na execução das etapas.

Neste momento do trabalho podemos ter a constatação de como foi factualmente desenvolvido e apreendido pelos nossos alunos, porque a partir de agora passamos a transcrever e a analisar as impressões e as reações dos estudantes sobre as aulas e a proposta de intervenção desenvolvida pelo professor pesquisador.

Foi sugerido aos discentes que escrevessem um texto de forma espontânea e sincera, ou seja, um relato de experiência que poderia conter reflexões explícitas do que representou para eles o contato com as duas letras; a indicação ou não do estudo de literatura da forma como foi trabalhado em sala e, por fim, dissessem o real significado do projeto *Letras da MPB como recursos para o Letramento Literário Na EJA* para a vivência escolar de cada um deles.

¹⁸ Motivação, introdução, leitura e interpretação.

Vejamos a seguir o texto do **Estudante 01**:

Esse projeto que o senhor está fazendo, trabalhando com as letras, são letras que fazem-nos refletirmos sobre a vida realmente como ela é, do que realmente acontece com a sociedade em que vivemos, com a desvalorização das pessoas na sociedade e que, na maioria das vezes, não percebemos. Essas músicas que o senhor nos mostrou, passam isso em suas letras, os Autores veem o que acontece e escrevem em suas canções com esse intuito, de nos mostrar a sociedade manipuladora que temos. Pois, atualmente, a mídia nos mostra o que ela quer ^{que} nos vejamos, e que ^{não} é totalmente a verdade. E as músicas atuais só falam de prazer, distração, um meio de esquecer os problemas que passam na vida de cada pessoa, músicas com vários ritmos, mas que não nos fazem refletir, só sentir uma paz interior, não nos trazem uma mensagem que toque no coração fazendo-nos mudar, pensar, refletir e sim só sentir prazer. Um prazer passageiro.

De acordo com o comentário do **Estudante 01**, acredita que o projeto foi importante para a vida acadêmica dele, pois percebe que muito além do que é oferecido pela mídia atual “músicas com vários ritmos”, as letras trabalhadas na intervenção “são letras que fazem-nos (sic) refletirmos sobre a vida realmente como ela é, do que realmente acontece com a sociedade em que vivemos com a desvalorização das pessoas na sociedade e que na maioria das vezes, não percebemos”, temos uma constatação do despertar da consciência crítica do estudante perante o conteúdo da letra, porque demonstra ir além da leitura superficial, ou seja, desenvolve a contextualização para interpretar com mais precisão o texto, vai às entrelinhas da letra, percebe que há um valor social, político e crítico nas intenções dos compositores e isso se configura como uma das facetas mais importantes do letramento literário.

O discente demonstra ter uma ampliação da consciência crítica dos fatos e percebe algumas intenções implícitas dos letristas, pois ao afirmar que, “em suas letras, os autores

veem o que acontece e escrevem em suas canções com esse intuito, de nos mostrar a sociedade manipuladora que temos”, percebe-se que ele reflete bastante o valor da letra como conteúdo de aprendizagem e sente o poder de “manipulação” que a sociedade traz imbricado no seu cotidiano. A análise esta feita por ele que podemos assim dizer que quiçá não seja comum de se observar na grande maioria dos alunos da EJA que ouvem músicas na atualidade. Notamos, assim, que o nosso processo interventivo trouxe resultados concretos e positivos a vida acadêmica dos nossos discentes e que nossa meta está, paulatinamente, conquistando êxito.

Vejamos outro relato de experiência, agora do **estudante 02**.

Um projeto de música social realista.

Foi um projeto bem diferente de outros que eu já tinha visto, que procurou abrir nossos olhos para visarmos o mundo em que vivemos, o que as pessoas são de verdade.

No começo do projeto, foram abordados assuntos bem polêmicos como: influência da mídia na vida das pessoas, preconceito racial, linguístico, regional e etc. Um dos últimos assuntos abordados foi bem importante: Desigualdade social. O que fez refletir que muitas situações no nosso cotidiano “passa em branco” e acabamos meio que sem querer menosprezando a presença de pessoas bastante influentes em nossas vidas e sem elas, nossos bens materiais não seriam construídos, e nossas necessidades não seriam supridas, por exatamente essas pessoas estarem em falta.

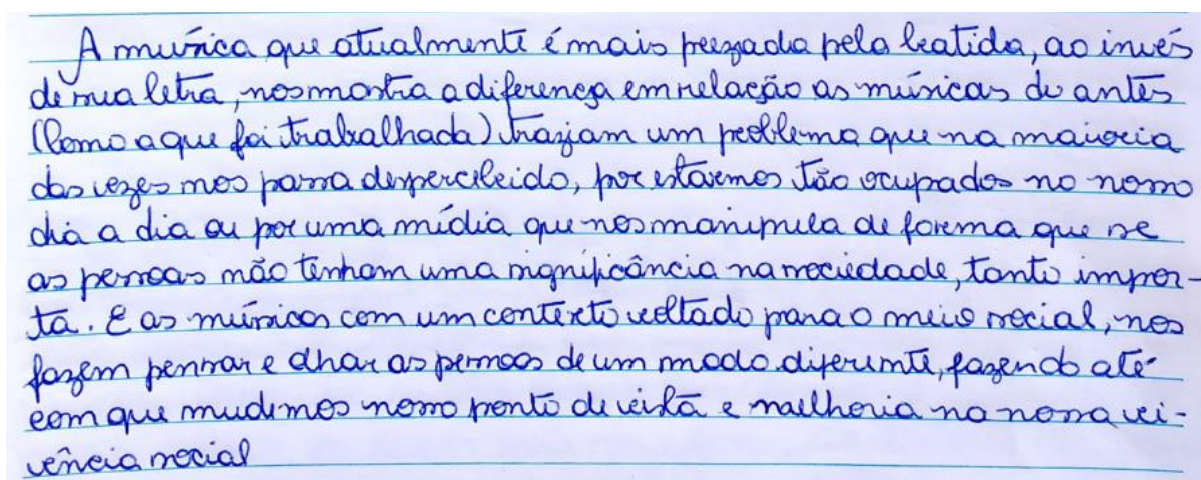
Há uma carência para esse público porque eles não são muito influentes capitalmente falando. Pessoas são valorizadas pelo que elas têm, não pelo que elas fazem, um erro cruel da sociedade.

Ao analisarmos os comentários do **Estudante 02** podemos constatar, assim como foi observado no **Estudante 01**, que houve uma expressiva apreciação do aluno em relação ao

desenvolvimento do projeto, porque quando ele diz que “foi um projeto bem diferente de outros que eu já tinha visto, que procurou abrir nossos olhos para visarmos o mundo em que vivemos, o que as pessoas são de verdade”, em outro termos, faz do ato de ler e escrever uma prática social de comunicação efetiva e real.

Soares (2016, p.68) nos diz que “letramento é a habilidade de colocar em ação todos os comportamentos necessários para desempenhar adequadamente todas as possíveis demandas de leitura”, e, ao analisarmos com atenção o texto do **Estudante 02**, notamos que ele fez exatamente isso, isto é, desempenha “adequadamente todas as possíveis demandas de leitura”, pois quando diz que inferiu do projeto assuntos “polêmicos” e assim os nomeia como “influência da mídia na vida das pessoas, preconceito racial, linguístico, regional [...] desigualdade social”, podemos assim dizer que, a utilização reflexiva do conteúdo das letras trabalhadas em sala, evidencia-nos a eficácia reflexiva, política e crítica que o processo interventivo lhe proporcionou, porque o aguçou o senso crítico e as várias possibilidades de interpretação que letras com vieses literários podem proporcionar.

Vejamos mais um comentário feito por outro discente:



A música que atualmente é mais prezada pela comunidade, ao invés de sua letra, nos mostra a diferença em relação as músicas de antes (como a que foi trabalhada) traziam um problema que na maioria das vezes nos passa despercebido, por estarmos tão ocupados no nosso dia a dia ou por uma mídia que nos manipula de forma que as pessoas não tenham uma significância na sociedade, tanto importante. E as músicas com um contexto voltado para o meio social, nos fazem pensar e olhar as pessoas de um modo diferente, fazendo até com que mudemos nosso ponto de vista e maneira no nosso convívio social.

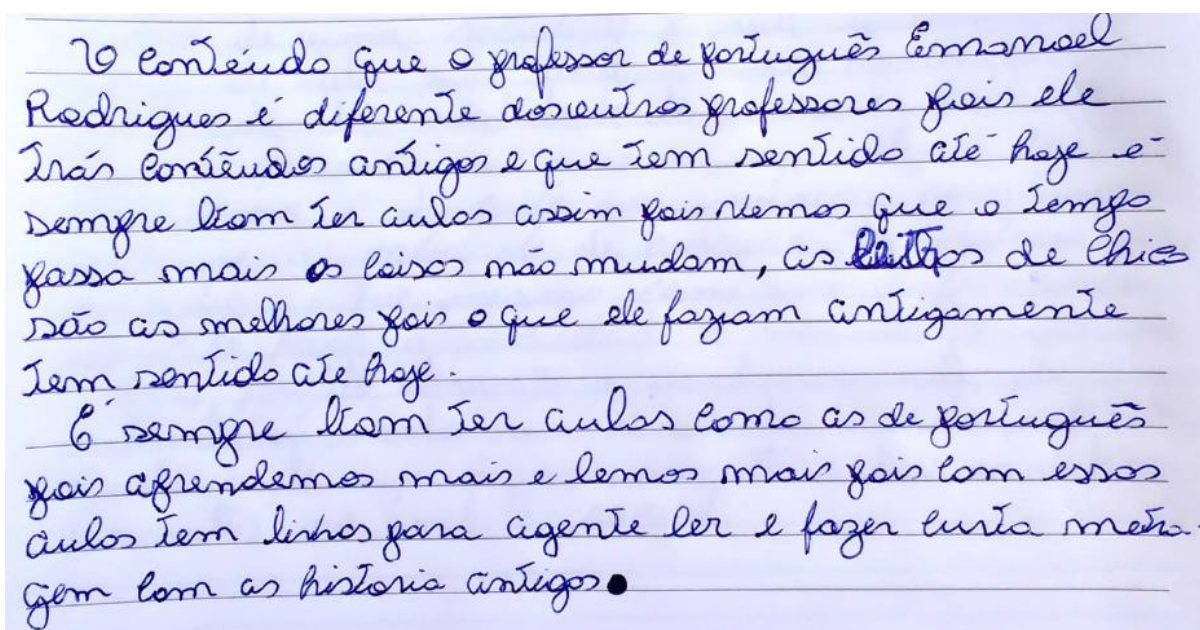
(Estudante 03)

A análise feita pelo **Estudante 03** novamente nos faz perceber o quanto foi entendida e apreendida a proposta de intervenção que desenvolvemos, pois ao fazê-lo notar que as músicas podem trazer algo mais significativo do que o simples fato de ser um canal artístico tão-somente rítmico, configura-se como uma expansão da competência leitora e, especialmente, literária, porque nota “as músicas com um contexto voltado para o meio social, nos fazem pensar e olhar as pessoas de um modo diferente, fazendo até com que mudemos nosso ponto de vista”, é muito satisfatório notarmos que houve uma mudança de

postura no aluno a partir do contato com as letras, porque fica evidente que houve uma nova perspectiva em relação ao contato do discente em aspectos conteudísticos, pois as letras passaram a ser foco da análise dele servindo de parâmetro cultural e elevando-lhe as concepções analíticas.

Encontramos respaldo para essa constatação nas palavras de Cosson (2016) “por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura” (COSSON, 2016, p. 66), isto é, essa atividade que se iniciou no âmbito escolar, deve ir além do interior da escola, pois toda leitura literária deve ser parte do dia a dia dos discentes, das rodas de conversas triviais deles e se constituir de atividade intelectual rotineira, por sua vez, acreditamos que isso irá acontecer para boa parte dos alunos que participaram desse projeto pelas evidências que constatamos.

Observemos mais um comentário:



O conteúdo que o professor de português Emerson Rodrigues é diferente dos outros professores pois ele trás conteúdos antigos e que tem sentido até hoje e sempre tem ter aulas assim pois vemos que o tempo passa mais os livros não mudam, as histórias de Chico são as melhores pois o que ele faziam antigamente tem sentido até hoje.

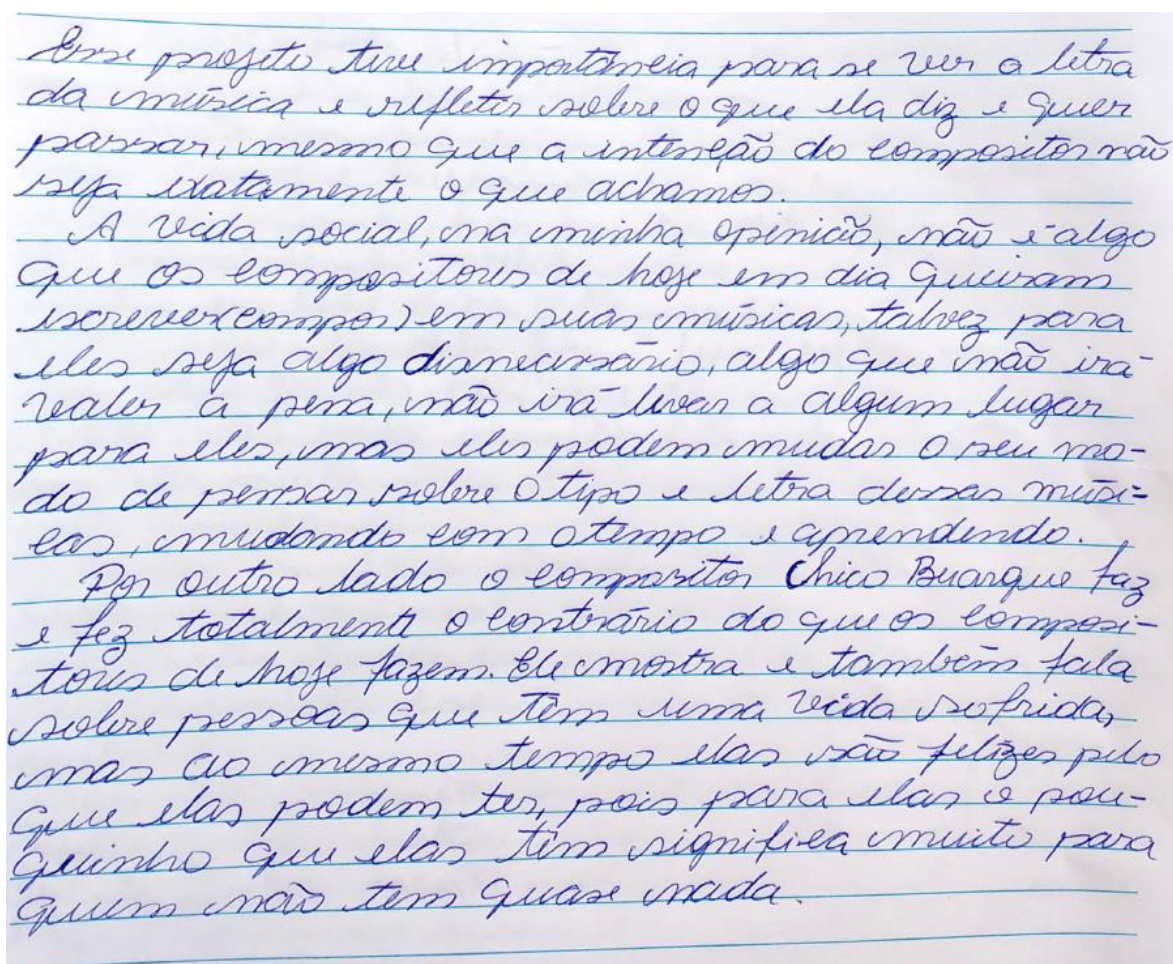
É sempre bom ter aulas como as de português pois aprendemos mais e lemos mais pois com essas aulas tem livros para agente ler e fazer curta metragem com as histórias antigas.

(Estudante 04)

A identificação do aluno acima com o projeto foi além do óbvio ou da escuta das músicas por mera fruição, entretenimento, imediatismo. Houve uma expressiva identificação com as letras e a forma de condução da sequência didática básica de Rildo Cosson pelo professor pesquisador, porque reconhecer a serventia das reflexões proporcionadas pelas as letras, pois em seus comentários vemos que compreende o porquê de se ter selecionado os

dois textos¹⁹, comprovando ao afirmar que são “conteúdos antigos e que têm sentido até hoje”, ou seja, são músicas de uma época remota, mas, ao mesmo tempo, atuais em suas temáticas e valorosas em suas significações, por traduzirem a realidade quotidiana do povo brasileiro e, por fim, confirma sua identificação com o modo como foram conduzidas as aulas ao acrescentar que: “é sempre bom ter aulas assim pois vemos que o tempo passa mais as coisas não mudam”, isto é, o aluno demonstra que pode contextualizar os conteúdos trabalhados e, além disso, consegue tecer críticas pertinentes e coerentes, logo isso refrata e reflete os objetivos pretendidos com o projeto de letramento literário e ampliação no interesse pela leitura de textos mais bem elaborados nos aspectos referentes à literatura.

Leiamos mais este depoimento agora do **Estudante 05**:



Este projeto tem importância para se ver a letra da música e refletir sobre o que ela diz e quer passar, mesmo que a intenção do compositor não seja exatamente o que achamos.

A vida social, na minha opinião, não é algo que os compositores de hoje em dia queiram inserir (compor) em suas músicas, talvez para eles seja algo desnecessário, algo que não irá valer a pena, não irá levar a algum lugar para eles, mas eles podem mudar o seu modo de pensar sobre o tipo e letra dessas músicas, mudando com o tempo e aprendendo.

Por outro lado o compositor Chico Buarque faz e fez totalmente o contrário do que os compositores de hoje fazem. Ele mostra e também fala sobre pessoas que têm uma vida sofrida, mas ao mesmo tempo elas são felizes pelo que elas podem ter, pois para elas é pouco aquilo que elas têm significa muito para quem não tem quase nada.

Percebemos que o estudante acima ao analisar o projeto percebe-o como uma ampliação da inclusão social e, ao mesmo tempo, como um instrumento de conhecimento,

¹⁹ Fotografia 3x4 de Belchior e Construção de Chico Buarque.

pois afirma que “a vida social, na minha opinião, não é algo que os compositores de hoje em dia queiram escrever (compor) em suas músicas, talvez para eles seja algo desnecessário”, ao constatar isso o aluno nota que as letras escolhidas para a intervenção vão em direção antagônica a esse lamentável ponto de vista contemporâneo que juga ter as letras de hoje, fazendo-o notar a relevância desse fato e, ao mesmo tempo, entender que compositores como Chico Buarque mostram a realidade de desvalidos e excluídos e os dá voz e vez em seu discurso poético “o compositor Chico Buarque faz e fez totalmente o contrário do que os compositores de hoje fazem. Ele mostra e também fala sobre pessoas que têm uma vida sofrida”.

Percebemos com essa análise desenvolvida pelo discente que ele foge da alienação imposta pela grande mídia, isto é, entende este tipo de leitura como uma oportunidade de liberdade, instrumento de conhecimento e que desenvolve consigo o processo humanizador que a literatura pode trazer em si, pois como nos aponta Antonio Candido:

A literatura pode ser um instrumento consciente de desmascaramento pelo fato de focalizar as situações de restrição dos direitos ou de negação deles como a miséria, a servidão, a mutilação espiritual. Tanto num nível quanto no outro ela tem muito a ver com a luta pelos direitos humanos. A organização da sociedade pode restringir ou ampliar a fruição deste bem humanizador (CANDIDO, 2011, p.188).

Em suma, boa parte dos estudantes julgou satisfatório se trabalhar o texto literário a partir de letras da MPB, porque amplia a criticidade deles e os ajudam nas possibilidades interpretativas e compreensivas da realidade que os textos de canções com vieses sociais podem mediar e, também, podemos inferir que indicariam não só as composições para outros colegas, mas, ainda, o modo como foi trabalhado em sala de aula a partir da Sequência Didática Básica de Rildo Cosson.

Considerações Finais

Houve algumas considerações primordiais que conduziram o percurso interventivo aqui planejado e executado, sobretudo, a fim de que se pudesse haver um ambiente confortável e instigante para o desenvolvimento dos estudos voltados à leitura de textos literários, contribuindo, desse modo para que os discentes “caminhassem” conosco entre as letras das músicas escolhidas para a intervenção e “acordassem” as suas imaginações, muitas vezes tolhidas pelo ensino tradicional, ou seja, eram algumas das condições básicas iniciais para se concretizar com efetividade o processo de formação de leitores literários em uma turma da EJA, dos anos finais do Ensino Fundamental, no período noturno, em um colégio público municipal.

De início, é importante mencionar o papel que tive, como professor pesquisador nessa jornada, pois havia a consciência da função de agente cultural ativo que exercia no ambiente escolar trabalhado, isto é, seria um mediador entre os eventos dialógicos dos textos e os objetivos culturais e sociais que poderiam e foram alcançados, na maior parte das vezes, ao longo do percurso interventivo, tendo como suporte os estudos acerca do letramento literário, do incentivo à leitura e das teorias literárias de um modo geral.

A partir desse planejamento e da execução dele, percebemos uma progressiva evolução dos estudantes durante as leituras, as análises e as inferências interpretativas das letras e, por isso, surge uma convicção de que os resultados foram satisfatórios, porque houve a socialização de conteúdos, o debate de informações, a construção da formação de opiniões e a ampliação da capacidade leitora, analítica, crítica e social deles, nos momentos em que foram trabalhadas as duas letras em sala.

Além disso, acreditava-se e constatou-se, ao longo do processo interventivo, que esse tipo de leitura poderia enriquecer intelectual, social e culturalmente os alunos, especialmente, por sabermos que a leitura literária proporciona uma mediação que desconsidera preconceitos éticos, de gênero ou, ainda, de discriminação contra os portadores de necessidades especiais, contra os analfabetos, contra as variações linguísticas menos prestigiadas, contra o regionalismo, contra o meio ambiente, contra os diferentes grupos sociais. Em suma, o ato de ler a literatura foi trabalhado como fruição, a fim de que se adquirisse o conhecimento da realidade ou, mais especificamente, o poder de conhecer o real por intermédio do imaginário e o prazer.

Tínhamos a consciência, também, de que as primeiras experiências dos discentes com a leitura de textos literários poderiam ser insólitas para alguns, como de fato foi, mas,

ao mesmo tempo, percebemos que a forma como foram conduzidas as aulas, segundo a Sequência Didática Básica de Cosson (2016), com algumas adaptações, fizeram-lhes notar o quanto significativas eram as letras trazidas para a sala e, a partir daí, a maioria compreendeu a importância delas, porque se tornaram significativas para eles, pois conseguiram envolvê-los nas aulas, principalmente, por abordarem temas que diziam respeito à realidade deles e para que isso se efetivasse de fato, conduzimo-las segundo duas dimensões: a da sensibilidade e a do conhecimento.

Aquela foi trabalhada conforme a expansão do imaginário interior deles, ou seja, colocava-se em movimento imagens produzidas por nossa humanidade em sua dimensão histórica e cultural existentes nas duas letras selecionadas. Já este, conduzimo-lo baseando-nos na convicção de que a literatura contribui para a formação da pessoa em todos os seus aspectos, de maneira especial, na formação de sua personalidade, por meio do desenvolvimento estético e da capacidade crítica, e, também, ampliando a reflexão sobre valores e crenças existentes na sociedade à que os discentes pertencem.

Outro fator importante trabalhado com os discentes foi a serventia efetiva dos textos literários que estudaríamos, pois queríamos que entendessem o valor intelectual e a fruição que cada letra tinha, ou seja, ansiávamos favorecer o progressivo gosto pelas histórias, pela poesia, pela narrativa, entre tantos outros aspectos literários existentes nas letras. Porque, não desejávamos propor conhecimentos utilitários para eles, que se destinassem a um determinado aspecto social de suas vidas, pois o que importava nesse processo interventivo era o desenvolvimento da experiência imaginativa que a leitura literária poderia proporcionar-lhes e que se constatou, sobretudo, nos depoimentos que eles fizeram.

Essa leitura literária foi além do trivial que faz parte dos textos cotidianos que eles têm acesso. Isto é, a vida deles já estava saturada de leituras voltadas para a utilidade que as coisas têm em seu sentido denotativo, então, para que dar continuidade a isso nas raras chances que se tem de estar em contato com a leitura literária? Tentamos devolver-lhes a dignidade, a paixão pela imaginação e, ainda, despertar-lhes o senso crítico e o prazer pela leitura.

Nos momentos que tivemos para trabalhar o texto literário, evitamos o didatismo, a lição de moral, os estereótipos das palavras e das expressões vazias. Tentamos fazê-los perceber que as palavras literárias existentes nas letras têm o poder de evocar imagens, instaurar uma ordem poética e mágica que resulta no gosto sonoro e plurissignificativo que eles têm, pois embalam emissões emocionais capazes de levar os leitores/ouvintes a uma

suspensão temporal, por não se tratar de tempo cronológico, mas algo mais profundo que é o tempo afetivo.

Tentamos, assim, fazê-los perceber que as duas histórias narradas nas letras tinham a obrigação de durar o tempo da liberdade do leitor/ouvinte para que ele exercesse também a função de coautor da história narrada, notando a experiência real e criando nas suas mentes o que era sugerido pelo narrador e, ao mesmo tempo, trazendo-os para a sua realidade a fim de que, assim, pudesse traduzi-la da melhor maneira que lhes conviessem.

Percebemos que, de fato, é viável e possível se trabalhar o letramento literário a partir de letras da MPB, pois elas preenchem todos os requisitos técnicos, sociais, políticos e imaginativos comuns aos textos literários. Porque, acreditamos que aprender a ler literatura envolve aprender também como os leitores se relacionam com diferentes textos e as letras fazem parte dessa vasta diversidade que a literatura abarca.

Outro aspecto relevante é que as atividades desenvolvidas em sala de aula não priorizaram a ampliação do vocabulário ou do estudo da gramática, porque entendemos que para se ler com proveito textos literários faz-se essencial se perceber sutilezas nos efeitos de sentido existentes nos textos que os autores compuseram, dessa forma, tentamos esclarecer para os discentes que as leituras seriam feitas, antes de tudo, por fruição e, também, para que eles de fato se interessassem pelas letras. A partir daí, pudessem ou não começar a prezarem os textos e os autores, não porque estavam querendo aumentar o vocabulário ou polir a gramática deles, mas por que conseguiram estabelecer uma relação entre a tese e os argumentos oferecidos para sustentá-las.

Desse modo, tentamos e, na maioria das vezes, obtivemos êxito em mostrar-lhes que as atividades de leitura literária que lhes propomos serviriam não somente para propósitos escolares, mas também seriam fundamentais para a vida deles e para que as relações entre o texto literário e as práticas sociais fossem além do óbvio que, normalmente, as escolas transpassam quando, eventualmente, utilizam-nas.

Os efeitos impetrados pelo projeto de intervenção, com letras da MPB, cumpriram apropriadamente os seus propósitos no que tange à expansão da criticidade, do estímulo ao entendimento dos valores humanos [a ética, o respeito, a dignidade, a alteridade e outros elementos afins], das lutas por mudanças sociais e das reflexões político-sociais que possibilitam a sensibilização referente aos problemas enfrentados pelos menos favorecidos econômica e culturalmente na sociedade, como também se estimulou o apreço pela leitura literária, obtendo-se substanciais êxitos, pois notamos a progressiva busca pela audição e pelas leituras de textos semelhantes aos que foram trabalhados em sala.

Para findarmos esta intervenção, queremos dizer que esperamos ter contribuído, significativamente, com as pesquisas e os estudos que se voltam ao ensino da literatura e, especialmente, para o estímulo à leitura literária no ambiente escolar e muito além dele. Pois, essa labuta professoral primou pela possibilidade de garantir aos discentes, mais do que a mera aquisição das habilidades de codificação e decodificação textual, e, sim, uma prática que induzisse ao aprendizado coerente e expressivo do gosto pela leitura enaltecido pelo êxtase experimentado com o trabalho significativo que se teve com a leitura de letras com valor literário na sala de aula, trabalhadas por uma ótica guiada pelo profundo e significativo letramento literário.

Referências:

- ABREU, Márcia. **Cultura letrada. Literatura e leitura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2006.
- AGUIAR, Joaquim. **A poesia da canção**. São Paulo, ed. Scipione, 1996.
- ANDRADE, Carlos Drummond. **Poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2003.
- ARAUJO, Maria Cláudia. **A Poética de Aristóteles sob a abordagem de Lúcia Militz da Costa**. Kalíope, São Paulo, ano 7, n. 14, p.71 jul./dez., 2011.
- BARTHES, Roland. **Aula**. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.
- BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.
- CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. In Vários escritos – edição revisada e ampliada. São Paulo: Duas cidades, 2011.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**. 2. Ed., 4ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.
- EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. 5ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- ECO, Umberto. **Sobre a literatura**. Tradução: Eliane Junke. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- JEANDOT, Nicole. **Explorando o Universo da Música**. São Paulo: Scipione, 2008.
- KLEIMAN, Ângela B. (Org.) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. 2ª edição, Campinas, São Paulo, Mercado de Letras, 2012.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 2000.
- LAJOLO, Marisa. **Usos e Abusos da Literatura na Escola. Olavo Bilac e a Educação na República Velha**. Rio de Janeiro/Porto Alegre: Globo, 1982.
- LEITE, Lúcia Chiappini Moraes. **Invasão da catedral: literatura e ensino em debate**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988.
- LISPECTOR, Clarice. **Água Viva**. Rio de Janeiro: Editora Artenova, 1973.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MEDEIROS, Jotabê. **Belchior - apenas um rapaz latino americano**. 1ª edição. São Paulo: ed. Todavia, 2017.
- MENESES, p. 123. José Miguel Winsik, “O Minuto e o Milênio ou Por favor, professor, uma década de cada vez”, in *anos 70 Música Popular* (RIO: Europa, 1980) p.9,
- MOISÉS, Massaud. **A literatura através dos textos**. 26ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2007.
- NETO, Ribeiro Amador. **Linguagem da poesia**. João Pessoa, ed. UFPB, 2011.
- PERRONE, Charles A. **Letras e letras da MPB**. 2ª ed. Rio de Janeiro: ed. Elo, 1988.
- PINTO, Zemaria. **Teoria da literatura: gênese, conceitos, aplicação**. 2ª ed. Manaus: Valer, 2011.
- SAMUEL, Rogel (org.) **Manual de teoria literária**. Petrópolis, Vozes, 1985.
- SANT'ANNA, Afonso Romano. **Música popular e moderna poesia brasileira**. 1ª ed. São Paulo: Ed. Nova Alexandria, 2013.
- SEVERIANO, Jairo. **Uma história da música popular brasileira: das origens à modernidade**. São Paulo: Editora 34, 2009.
- SILVA, Anazildo Vasconcelos da, **A poética e a nova poética de Chico Buarque**. Rio de Janeiro: Editora e Distribuidora 3A Ltda., 1980.
- SILVA, E. T. **A escola e a formação de leitores**. In: FAILLA, Z. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Pró-Livro, 2012. p. 109.

- SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3 ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- SOUZA, Ana Lúcia Silva. ***Letramento da reexistência: poesia, grafite, música, dança: hip-hop***. São Paulo: Parábola, 2011.
- THIOLLENT, Michel. **Metodologia da Pesquisa-ação**. 7ª ed. São Paulo: Editora Cortez, 1996.
- TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira**. 3ª ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.
- TODOROV, Tzvetan. **A literatura em perigo**. Trad. Caio Meira. 3ª. Ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
- ZILBERMAN, R. **A leitura e o ensino da literatura**. São Paulo: 2º Ed. Contexto, 1988.

APÊNDICES

Apêndice B – Possibilidades interpretativas a partir da música *Fotografia 3x4* de Belchior

Professor: Emanuel Rodrigues de Souza – Disciplina: Língua Portuguesa

1. A letra da música narra com muita sensibilidade a história de um “nortista” desejoso de crescer na vida. **Em que momento da música o letrista Belchior demonstra que se trata de um processo migratório?** Transcreva versos que mostrem isso abaixo e justifique sua escolha.

2. Podemos perceber que o estranhamento, os preconceitos e a má recepção do narrador-personagem frente à chegada à cidade grande demonstram que a vida no lugar novo não será fácil. **Em que parte do texto se percebe essa possível dificuldade?** Escreva a passagem abaixo e comente-a.

3. Nos versos nove e dez da letra o narrador diz: “Pois o que pesa no norte, pela lei da gravidade,/ disso Newton já sabia! Cai no sul grande cidade!”. **O que você acredita que o poeta quis afirmar com as passagens em destaque?**

4. Há uma passagem na letra que mostra que mesmo o narrador tendo uma vida sofrida não perdeu a sua humanidade, seu desejo de amar. **Transcreva esses versos abaixo e comente o que você pensa a respeito deles.**

5. Com base na letra, pode-se perceber que o narrador-personagem está sozinho nessa história, com alguém ou foi abandonado? **Identifique versos que provem sua afirmação e comente essa passagem.**

6. Por que, em sua opinião, o letrista Belchior, mesmo se originando do Ceará, nordeste, diz ser do norte no verso: “Veloso o sol não é tão bonito pra quem vem do norte e vai viver na rua”?

7. O que você interpreta do verso “**A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia**”?

8. Qual (is) verso (os) da música você pôde identificar um sentimento de superação presente no texto? Justifique sua resposta.

9. Em que momento da música você acha que o poeta busca sensibilizar-nos de que o migrante é gente comum como qualquer outra pessoa do mundo? **Transcreva essa passagem abaixo e comente-a.**

10. Ao ler os versos dessa música você se identificou com a visão de mundo do compositor? **Comente a sua resposta.**

Apêndice E – Possibilidades interpretativas a partir da letra da música *Construção* de Chico Buarque de Holanda

Professor: Emanuel Rodrigues de Souza – Disciplina: Língua Portuguesa

01. Que tipo de mensagem, de reflexões e de sentimentos a letra da música trouxe para você em termos de conhecimento? Justifique sua resposta com trechos da letra.

02. Por que os acontecimentos narrados na letra aconteceram de forma tão trágica para o operário?

03. Leia o texto abaixo:

CONSTRUÇÃO

Um grito pula no ar como foguete.
Vem da paisagem de barro úmido, calça e andaimes
hirtos.
O sol cai sobre as coisas em placa fervendo.
O sorveteiro corta a rua.
E o vento brinca nos bigodes do construtor.
(Carlos Drummond de Andrade)

O que você percebe de comum entre este texto de **Drummond** e o de **Buarque**, no que se refere à forma de narrar os acontecimentos?

04. Leia os fragmentos a seguir:

“Sentou pra descansar como fosse um sábado” /
“Comeu feijão com arroz como se fosse um
príncipe” / “Bebeu e soluçou como se fosse um
náufrago” /

Há comparações poéticas presentes nesses versos. Fica bem claro que Chico Buarque utilizou muitas vezes esse recurso na letra da música. A partir disso, interprete essas três comparações e esclareça o efeito dado ao texto.

05. A caracterização é um elemento muito presente em textos narrativos e essa música, além de seu valor poético é pertencente à tipologia textual narração. Logo, o *operário* é visto e qualificado por seus atos. Note que há na primeira parte do poema, **duas alusões físicas referentes ao operário.**

a) Identifique-as nos versos e transcreva-as abaixo.

b) Que características individuais do operário são ditas nesses versos ?

06. No fragmento:

“Seus olhos embotados de cimento e lágrimas” qual é a mensagem que o poeta quer nos passar com essa frase? Interprete esses versos.

07. Seria errado afirmar que logo no início do poema, **há uma tragédia anunciada? Comete sua resposta.**

Apêndice F – Os principais elementos estruturais da música “Construção” de Chico Buarque de Holanda

Professor: Emanuel Rodrigues de Souza – Disciplina: Língua Portuguesa

1. A letra semelhante a é uma poesia narrativa padrão, com elementos estruturais básicos, que podem ser definidos claramente no desenvolvimento natural dos versos. A partir daí, **responda as perguntas a seguir:**

a) Há ao longo da letra quantas estrofes?

b) Quantos versos constituem cada estrofe?

c) Há rimas utilizadas na letra? Justifique sua resposta.

2. Por que o letrista optou por usar três blocos de texto e não apenas um, já que a música não tem refrão? **Justifique sua resposta.**

3. Por que Chico Buarque não usou o mesmo número de versos na **terceira** estrofe da letra? **Justifique sua resposta.**

4. Quais palavras fazem parte da estrofe **um** e não aparecem na estrofe **dois**? Que influência tem isso para o conteúdo do texto e sua estrutura?

5. Chico Buarque teve muito cuidado e bastante talento ao pensar perfeitamente o uso das palavras ao longo do texto. Assim como os tijolos de um edifício precisam estar com o mesmo número e alinhados para que as paredes fiquem retas e firmes, os elementos estruturais dessa construção poética também são feitos dessa repetição e simetria (conformidade). A prova principal disso é a **métrica** usada pelo letrista para cada verso dessa narrativa poética. A partir disso, propomos: **Escolha três versos da música e faça a escanção abaixo.**

ANEXOS

Anexo – A

FOTOGRAFIA 3X4

Eu me lembro muito bem do dia que eu cheguei
 Jovem que desce do Norte pra cidade grande
 Os pés cansados e feridos de andar légua tirana
 De lágrimas nos olhos de ler o Pessoa
 E de ver o verde da cana

Em cada esquina que eu passava um guarda me parava
 Pedia os meus documentos e depois sorria
 Examinando o 3x4 da fotografia
 E estranhando o nome do lugar de onde eu vinha

Pois o que pesa no Norte, pela lei da gravidade
 Disso Newton já sabia: cai no Sul, grande cidade
 São Paulo violento, corre o Rio que me engana
 Copacabana, Zona Norte e os cabarés da Lapa onde eu morei
 Mesmo vivendo assim, não me esqueci de amar
 Que o homem é pra mulher e o coração pra gente dar
 Mas a mulher, a mulher que eu amei
 Não pôde me seguir não

Esses casos de família e de dinheiro eu nunca entendi bem
 Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do Norte e vai viver na rua
 A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia
 E pela dor eu descobri o poder da alegria
 E a certeza de que tenho coisas novas
 Coisas novas pra dizer

A minha história é talvez
 É talvez igual a tua, jovem que desceu do Norte
 Que no sul viveu na rua
 E ficou desnorreado, como é comum no seu tempo
 E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo
 E que ficou apaixonado e violento como eu como você

A minha história é talvez
 É talvez igual a tua, jovem que desceu do Norte
 Que no sul viveu na rua
 E que ficou desnorreado, como é comum no seu tempo
 E que ficou desapontado, como é comum no seu tempo
 E que ficou apaixonado e violento como eu como você

Eu sou como você
 Eu sou como você
 Eu sou como você que me ouve agora
 Eu, eu sou como você
 Eu sou como você
 Eu sou como você
 Eu sou como você
 Eu sou como você
 Eu sou como você
 (Belchior)

<https://www.lettras.mus.br/belchior/132598/> - acesso em 24/01/2018

Alucinação é o segundo álbum de estúdio do cantor e compositor brasileiro Belchior, lançado em 1976 pela Polygram. Conta com sucessos que consagraram o cantor, como "Apenas um Rapaz Latino-Americano", "Como Nossos Pais", "Velha Roupas Colorida" e "Fotografia 3x4".

Anexo – B

CONSTRUÇÃO**(Chico Buarque)**

Amou daquela vez como se fosse a última
 Beijou sua mulher como se fosse a última
 E cada filho seu como se fosse o único
 E atravessou a rua com seu passo tímido
 Subiu a construção como se fosse máquina
 Ergueu no patamar quatro paredes sólidas
 Tijolo com tijolo num desenho mágico
 Seus olhos embotados de cimento e lágrima
 Sentou pra descansar como se fosse sábado
 Comeu feijão com arroz como se fosse um príncipe
 Bebeu e soluçou como se fosse um náufrago
 Dançou e gargalhou como se ouvisse música
 E tropeçou no céu como se fosse um bêbado
 E flutuou no ar como se fosse um pássaro
 E se acabou no chão feito um pacote flácido
 Agonizou no meio do passeio público
 Morreu na contramão atrapalhando o tráfego

Amou daquela vez como se fosse o último
 Beijou sua mulher como se fosse a única
 E cada filho seu como se fosse o pródigo
 E atravessou a rua com seu passo bêbado
 Subiu a construção como se fosse sólido
 Ergueu no patamar quatro paredes mágicas
 Tijolo com tijolo num desenho lógico
 Seus olhos embotados de cimento e tráfego
 Sentou pra descansar como se fosse um príncipe
 Comeu feijão com arroz como se fosse o máximo
 Bebeu e soluçou como se fosse máquina
 Dançou e gargalhou como se fosse o próximo
 E tropeçou no céu como se ouvisse música
 E flutuou no ar como se fosse sábado
 E se acabou no chão feito um pacote tímido
 Agonizou no meio do passeio náufrago
 Morreu na contramão atrapalhando o público

Amou daquela vez como se fosse máquina
 Beijou sua mulher como se fosse lógico
 Ergueu no patamar quatro paredes flácidas
 Sentou pra descansar como se fosse um pássaro
 E flutuou no ar como se fosse um príncipe
 E se acabou no chão feito um pacote bêbado
 Morreu na contramão atrapalhando o sábado

<https://www.letras.mus.br/chico-buarque/45124/> - acesso em 24/01/2018

CONSTRUÇÃO é um disco do cantor e compositor brasileiro Chico Buarque, **lançado em 1971** e composto em períodos entre o exílio de Chico na Itália e sua volta ao Brasil. Liricamente, o álbum é carregado de críticas ao regime militar vigente, principalmente no que concerne à censura imposta pelo governo ("Cordão") e pelo estado indigno no qual as condições individuais se encontravam no país ("Construção"), além de algumas canções mais clássicas e pessoais ("Valsinha" e "Minha História (Gesú Bambino)")

Anexo – C

Projeto de Intervenção – BELCHIOR

Antônio Carlos Belchior, mais conhecido simplesmente como Belchior (Sobral, 26 de outubro de 1946 – Santa Cruz do Sul, 30 de abril de 2017), filho de Dolores Gomes Fontenelle Fernandes e Otávio Belchior Fernandes, foi um cantor e compositor brasileiro. Um dos membros do chamado Pessoal do Ceará, que inclui Fagner, Ednardo, Rodger, e outros, Belchior foi um dos primeiros cantores de MPB do nordeste brasileiro a fazer sucesso nacional, em meados da década de 1970.

Seu álbum Alucinação, de 1976, é considerado por vários críticos musicais como o mais revolucionário da história da MPB e um dos mais importantes de todos os tempos para a música brasileira. Não a toa, em 2012, Belchior apareceu na posição 58 da lista As 100 Maiores Vozes da Música Brasileira pela Rolling Stone Brasil.

Belchior ganhou o primeiro lugar no IV Festival Universitário de 1971 com a música "Hora do almoço", interpretada por Jorge Melo e Jorge Teles. Entre os seus maiores sucessos estão Apenas um Rapaz Latino-Americano, Como Nossos Pais, Mucuripe e Divina Comédia Humana. Outras composições de Belchior de grande sucesso foram "Paralelas" (gravada por Vanusa) e "Galos, noites e quintais" (regravada por Jair Rodrigues).

Carreira: Durante sua infância, no Ceará, foi cantador de feira e poeta repentista. Estudou música coral e piano com Acácio Halley. Seu pai tocava flauta e saxofone e sua mãe cantava no coral da igreja. Tinha tios poetas e boêmios. Ainda criança, recebeu influência dos cantores do rádio Ângela Maria, Cauby Peixoto e Nora Ney. Foi programador de rádio em Sobral. Em 1962, mudou-se para Fortaleza, onde estudou Filosofia e Humanidades. Começou a estudar Medicina, mas abandonou o curso no quarto ano, em 1971, para dedicar-se à carreira artística. Ligou-se a um grupo de jovens compositores e músicos, como Fagner, Ednardo, Rodger Rogério, Teti, Cirino entre outros, conhecidos como o Pessoal do Ceará.

De 1965 a 1970 apresentou-se em festivais de música no Nordeste. Em 1971, quando se mudou para o Rio de Janeiro, venceu o IV Festival Universitário da MPB, com a canção Na Hora do Almoço, cantada por Jorge Melo e Jorge Teles, com a qual estreou como cantor em disco, um compacto da etiqueta Copacabana. Em São Paulo, para onde se mudou, compôs canções para alguns filmes de curta metragem, continuando a trabalhar individualmente e às vezes com o grupo do Ceará.

Em 1972 Elis Regina gravou sua composição Mucuripe (com Fagner). Atuando em escolas, teatros, hospitais, penitenciárias, fábricas e televisão, gravou seu primeiro LP em 1974, na gravadora Chantecler. O segundo, Alucinação (Polygram, 1976), consolidou sua carreira, lançando canções de sucesso como Velha roupa colorida, Como nossos pais, que depois foram regravadas por Elis Regina e Apenas um rapaz latino-americano. Graças a estes hits, Alucinação vendeu 30 mil cópias em apenas um mês. Outros êxitos incluem Paralelas (lançada por Vanusa) e Galos, noites e quintais (regravada por Jair Rodrigues). Em 1979 no LP Era uma Vez um Homem e Seu Tempo (Warner) gravou Comentário a respeito de John (homenagem a John Lennon), também gravada pela cantora Bianca. Em 1983 fundou sua própria produtora e gravadora, Paraíso Discos, e em 1997 tornou-se sócio do selo Camerati. Sua discografia inclui Um show – dez anos de sucesso (1986, Continental) e Vício elegante (1996, GPA/Velas), com regravações de sucessos de outros compositores.

Morte: Belchior morreu em 30 de abril de 2017, aos 70 anos, na cidade de Santa Cruz do Sul e o governo do Ceará emitiu uma nota de pesar[18]. A causa da morte foi um aneurisma da aorta, a principal artéria do corpo humano. O governador do Ceará, Camilo Santana, decretou luto oficial de três dias, providenciando o traslado do corpo, garantindo assim, o desejo do cantor de ser enterrado no Estado do Ceará, sendo velado em Sobral, sua cidade natal, e sepultado em Fortaleza.

Anexo D - Fantástico - Vai fazer o quê? Preconceito: pipoqueira nordestina Paraíba

Publicado em 18 de agosto de 2013, realizado pela Rede Globo no mesmo ano. Conta a história fictícia de uma paraibana, vendedora de pipocas, que está com sua carrocinha no centro da cidade de São Paulo. No decorrer do quadro, outra atriz se passa por uma pessoa preconceituosa, que agride verbalmente a vendedora. Enquanto isso ocorre, alguns transeuntes, que não estão a par da encenação, ficam revoltados e revidam as agressões à pipoqueira.



<https://ruclip.com/video/IOhtNiCWpRg/fantastico-vai-fazer-o-que-preconceito-pipoqueira-nordestina-paraiba-1808.html> - Acesso em 24/01/2018.

Anexo – E

REFLEXÃO SOBRE A LITERATURA

“A literatura não é apenas transmissora de informações, ela cria em cada ser aquilo que os sentidos o levam a interpretar. Através da leitura podemos vivenciar aquilo que lemos e criar dentro de nós a imagem proposta pelo texto. Tanto pode ser verídica como pode ser ficção. Os personagens tanto podem ter existido como podem ser criados pelo autor, na literatura tudo é possível, porém, mesmo na ficção existe um fundamento real, onde o autor se apoiou para criar a ficção”. (LAJOLO, Marisa. *O Que é Literatura São Paulo, Ed. Brasiliense, 17ª ed. 1995*).

TIPOS DE LINGUAGEM:

Linguagem não literária (denotativa ou denotação) - quando emprega literariamente a língua, o escritor quer a atenção para a língua.

Linguagem literária (conotativa ou conotação) - procura explorar vários aspectos da língua, como a sonoridade, as diversas possibilidades de montagem da frase (sintaxe), ou seja, diferencia-se da linguagem comum.

Linguagem não literária Linguagem literária

01. Anoitece.	01. A mão da noite embrulha os horizontes.
02. Os cegos tentavam dormir.	02. ... Os cegos esperavam que o sono tivesse dó de sua tristeza. (Saramago)

POEMA: Na nossa atualidade não chamamos de poesia, mas de poema a forma literária organizada em versos cada linha poética de um poema - estrofe, o conjunto de versos.

POESIA refere-se à forma literária e também é o nome que se dá à produção em versos de um poeta, o escritor de poemas. Mais do que forma, poesia significa um contexto rico de encanto, emotividade e subjetividade. O poema é a unidade, o produto individual dessa arte que é a poesia.

Um texto escrito em versos apresenta **sonoridade de ritmo** - efeitos obtidos por meio de recursos como a repetição de vogais com sons semelhantes, a alternância entre sílabas átonas e sílabas tônicas, **rimas** (sons coincidentes entre palavras no final ou no interior de cada verso).

Obs.: Quando o poema não apresenta rima nem medida, os versos são chamados, respectivamente, de versos brancos e de versos livres.

METRIFICAÇÃO

A métrica impõe ao verso uma quantidade definida de sílabas poéticas. Um verso pode ser monossílabo, dissílabo, trissílabo... Decassílabo (10 sílabas), dodecassílabo (12 sílabas). Para se calcular o número de sílabas poéticas, é necessário fazer a metrficação ou escansão do verso: considera-se o verso inteiro como se fosse uma única palavra e separam-se as sílabas de acordo com a intensidade com que são pronunciadas caso haja o encontro de duas vogais átonas, ocorrerá uma espécie de ditongo dentro do verso, e elas deverão ser contadas na mesma sílaba. A apuração das sílabas deve ser terminada na derradeira sílaba tônica. Esse processo difere da divisão silábica gramatical.

SÍLABAS POÉTICAS

“Mas/ que/ se/ ja in/ fi/ ni/ to em/ quan/ to/ du/ re”.

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10
(Vinícius de Moraes)

Quanto à métrica, alguns versos recebem denominação especial:

Com cinco sílabas - redondilha menor; pentatilha;
Com sete sílabas - redondilha maior, heptassílabos;
Com dez sílabas - decassílabos;
Com doze sílabas - alexandrino.

DISPOSIÇÃO DA RIMA

Quanto à disposição, as rimas podem ser alternadas (ABAB), interpoladas ou cruzadas (ABBA), emparelhadas (AABB) e mistas - quando apresentam outros tipos de convenção.

ESTROFAÇÃO

Uma estrofe é classificada de acordo com o número de versos que agrupa, por exemplo: chama-se dístico a estrofe com dois versos; terceto, com três; quarteto, com quatro; oitava, com oito.

Nicola, José de. *Literatura Brasileira - das origens aos nossos dias*. Ed. Scipione. S. Paulo. 1989.

FOTOGRAFIA 3X4

Esses casos de família e de dinheiro eu nunca
entendi bem
Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do
Norte e vai viver na rua
A noite fria me ensinou a amar mais o meu dia
E pela dor eu descobri o poder da alegria

Eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você que me ouve agora
Eu, eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você
Eu sou como você

Após a leitura e audição atentas da letra da música Fotografia 3x4, elabore um comentário acerca dos elementos constitutivos existentes nela em relação às rimas, às estrofes, às métricas, ao ritmo, aos versos entre outros fatores. Dizendo, ainda, o que você compreendeu da mensagem que o compositor quis passar com a letra.

[illegible]

Anexo G - Riscos Inerentes à Função de Pedreiro – Construindo o meu Futuro 12 | SENAI no Paraná

Publicado em 12 de março de 2015, realizado pelo Canal da Indústria no mesmo ano. O episódio diz respeito ao fato de que toda função traz embutida em si riscos relacionados a ela, que por sua vez são denominados de “Riscos Inerentes”. Nesse programa conheceremos alguns deles relacionados à função de pedreiro e como evitá-los. A série Construindo o meu Futuro é uma iniciativa do SENAI, em parceria com o Sinduscon PR, que mostra como é a carreira e quais oportunidades o setor da construção civil tem.



<https://www.youtube.com/watch?v=5uiQvku2df8> - Acesso em 25/01/2018

Anexo H

Projeto de Intervenção – Chico Buarque de Hollanda

Francisco Buarque de Hollanda nasceu em 19 de junho de 1944 na cidade do Rio de Janeiro, filho de Sérgio Buarque de Hollanda (1902–1982), um importante historiador e jornalista brasileiro, e de Maria Amélia Cesário Alvim (1910–2010), pintora e pianista. Nos primeiros versos da sua canção "Paratodos", Chico Buarque celebra seus ascendentes familiares: O meu pai era paulista / Meu avô, pernambucano / O meu bisavô, mineiro / Meu tataravô, baiano. O "avô pernambucano" ao qual o cantor se refere era paterno: Cristóvão Buarque de Hollanda. Já o "bisavô mineiro", Francisco Cesário Alvim, e o "tataravô baiano", Eulálio da Costa Carvalho, eram pelo lado materno.

Em 1946, mudou-se para São Paulo, onde o pai assumiu a direção do Museu do Ipiranga. Chico sempre revelou interesses pela música, tal interesse foi bastante reforçado pela convivência com intelectuais como Vinicius de Moraes e Paulo Vanzolini

Início de carreira

Chico Buarque chegou a ingressar no curso de Arquitetura na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da Universidade de São Paulo em 1963. Coursou dois anos e parou em 1965, quando começou a se dedicar à carreira artística. Neste ano, lançou Sonho de Carnaval, inscrita no I Festival Nacional de Música Popular Brasileira, transmitida pela TV Excelsior, além de Pedro Pedreiro, música fundamental para experimentação do modo como viria a trabalhar os versos, com rigoroso trabalho estilístico morfológico e politização, mais significativamente na década de 1970. A primeira composição do Chico foi aos 15 anos de idade, Canção dos Olhos(1959). A primeira gravação foi também uma marchinha, "Marcha para um dia de sol", gravada por Maricene Costa, em 1964.

Conheceu Elis Regina, que havia vencido o Festival de Música Popular Brasileira (1965) com a canção Arrastão, mas a cantora acabou desistindo de gravá-lo devido à impaciência com a timidez do compositor. Chico Buarque revelou-se ao público brasileiro quando ganhou o mesmo Festival, no ano seguinte (1966), transmitido pela TV Record, com A Banda, interpretada por Nara Leão (empatou em primeiro lugar com Disparada, de Geraldo Vandré, interpretada por Jair Rodrigues). No entanto, Zuza Homem de Mello, no livro A Era dos Festivais: Uma Parábola, revelou que "A Banda" venceu o festival. O musicólogo preservou por décadas as folhas de votação do festival. Nelas, consta que a música "A Banda" ganhou a competição por 7 a 5. Chico, ao perceber que ganharia, foi até o presidente da comissão e disse não aceitar a derrota de Disparada. Caso isso acontecesse, iria na mesma hora entregar o prêmio ao concorrente.

No dia 10 de outubro de 1966, data da final, iniciou o processo que designaria Chico Buarque como unanimidade nacional, alcunha criada por Millôr Fernandes.

O "eu" feminino[editar | editar código-fonte]

Composições que se notabilizaram pela decantação de um "eu lírico" feminino, retratando temas a partir do ponto de vista das mulheres com notável poesia e beleza: esse estilo é adaptado em Com açúcar, com afeto escrito para Nara Leão; continuou nessa linha com belas canções como Olhos nos Olhos e Teresinha, gravadas por Maria Bethânia, Atrás da Porta, interpretada por Elis Regina, e Folhetim, com Gal Costa, Iolanda (versão adaptada de letra original de Pablo Milanés), num dueto com Simone, Anos Dourados – um clássico feito em parceria com Tom Jobim para a minissérie de mesmo nome e "O Meu Amor" para a peça "Ópera do Malandro" interpretada por Marieta Severo e Elba Ramalho sendo que, para essa última, fez também "Palavra de Mulher".

https://pt.wikipedia.org/wiki/Chico_Buarque - Acesso 25 de janeiro de 2018.

Anexo I

OS DITAM DORES

Refrão:

**Liberdade, fora ditador!
Nós não precisamos
De mais um opressor**

Muitos cujos quais o poder subiu a cabeça
Não deixem que tal poder os enlouqueça
Os faça um ditador autoritário
Daqueles que afligem, escravizam
E comprimem os operários
Impondo cada vez mais um regime totalitário
Com leis severas
Desnecessárias
Que se propagam mais do que Zica e malária
Vivendo num regime democrático que mais parece militar
O cheiro de censura está exalando no ar
(Refrão)

Depressão
O mal do século e da população
Causada
Por conta da velha opressão
Palavras
Como autoajuda, motivação
Penetram
Nossa mente e o coração
Sem falar da automutilação
Àqueles sem noção
Precisam se cortar
Pra aliviar a tensão
(Refrão)

Já falando da automação
Cada dia ficamos mais automáticos, então?
O que fazer? O que falar?
Sei que o senso crítico devemos alcançar
Já basta a mídia que nos oprime
Nos manipula e nos deprime
Imagine viver em mundo 100% livre
Com mais aceitação e menos julgamento
Sei que como vocês eu quero viver o momento
(Refrão)

Os ditadores aqueles que ditam as dores
Antigos e atuais opressores
Implantam regime de horrores
São plenos dominadores
Já mais do que na hora da gente protestar e lutar

Nossa história honrar e pra outra geração
O nosso legado deixar
(Refrão)

(Luiz Henrique Costa de Santana)

Anexo J – Documentos oficiais**TCLE - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/ 2012 – CNS/ CONEP)

Prezado (a) Senhor (a),

Esta pesquisa é sobre **LETRAS DA MPB COMO RECURSO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO NA EJA** e está sendo desenvolvida pelo pesquisador Emanuel Rodrigues de Souza aluno do Curso de pós-graduação da Universidade Federal da Paraíba, Campus IV sob a orientação do Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues.

O objetivo primário deste estudo é formar leitores literários proficientes em turmas do Ciclo IV da EJA. Já os objetivos secundários são auxiliar na formação de leitores proficientes em textos literários, por meio das letras de músicas da MPB, ampliando assim o poder comunicativo e dos estudantes, tendo como consequência, o desenvolvimento dos recursos intelectuais que os engrandecem.

Solicitamos a sua colaboração para participar das nossas sequências didáticas e oficinas, como também sua autorização para apresentar os resultados deste estudo em eventos da área de educação. Por ocasião da publicação dos resultados, seu nome será mantido em sigilo. Informamos que essa pesquisa não oferece riscos, previsíveis, para a sua saúde.

Esclarecemos que sua participação no estudo é voluntária e, portanto, o(a) senhor(a) não é obrigado(a) a fornecer as informações e/ou colaborar com as atividades solicitadas pelo Pesquisador. Caso decida não participar do estudo, ou resolver a qualquer momento desistir do mesmo, não sofrerá nenhum dano, nem haverá modificação na assistência que vem recebendo na Instituição. Os pesquisadores estarão a sua disposição para qualquer esclarecimento que considere necessário em qualquer etapa da pesquisa.

Diante do exposto, declaro que fui devidamente esclarecido(a) e dou o meu consentimento para participar da pesquisa e para publicação dos resultados. Estou ciente que receberei uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa
ou Responsável Legal

Assinatura da Testemunha

Contato do Pesquisador Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador (81) 987977027, e-mail: emanoelvox@outlook.com.

Endereço (Setor de Trabalho) Colégio Municipal 3 de Agosto, Praça Leão Coroado, 09 - Livramento, Vitória de Santo Antão - PE, 55602-918

Telefone: (81) 3523-4850

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB.

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Obs.: O sujeito da pesquisa ou seu representante e o pesquisador responsável deverão rubricar todas as folhas do TCLE apondo suas assinaturas na última página do referido Termo.

TERMO DE ASSENTIMENTO

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/ 2012 – CNS/ CONEP)

Você está sendo convidado a participar da pesquisa intitulada **LETRAS DA MPB COMO RECURSO PARA O LETRAMENTO LITERÁRIO NA EJA** sob a minha responsabilidade e do orientador Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues, cujo objetivo é desenvolver uma proposta de intervenção de forma a oportunizar situações que lhe permita aperfeiçoar a habilidade de leitura e interpretação proficientes de letras de músicas, promovendo, assim, um melhor desempenho dessa habilidade.

Para a realização deste trabalho, usaremos os seguintes métodos: de caráter intervencionista e aplicado, a pesquisa que desenvolveremos terá como referência a leitura e interpretação das músicas: Fotografia 3x4, de Belchior e Construção, de Chico Buarque de Holanda. Entre as atividades desenvolvidas estarão à aplicação de exercícios de sondagem sobre o estilo musical dos alunos e os exercícios de interpretação das letras de músicas pelos alunos. Será facultativa a participação deles.

Seu nome, assim como todos os dados que lhe identifiquem serão mantidos sob sigilo absoluto, antes, durante e após o término do estudo.

Quanto aos riscos e desconfortos são baixos. Além disso, afirmamos que os benefícios que esta pesquisa pode proporcionar são claramente superiores àqueles, vez que acreditamos que as reflexões sugeridas nas letras das músicas poderão proporcionar um senso crítico mais aguçado e uma melhor percepção da realidade social.

Durante a pesquisa, você terá os seguintes direitos:

- a) garantia de esclarecimentos e respostas a qualquer pergunta;
- b) liberdade de abandonar a pesquisa a qualquer momento, mesmo que seu responsável tenha consentido sua participação, sem prejuízo para si ou para seu tratamento (se for o caso);
- c) garantia de que caso haja algum dano a sua pessoa, os prejuízos serão assumidos pelos pesquisadores ou pela instituição responsável, inclusive acompanhamento médico e hospitalar (se for o caso). Caso haja gastos adicionais, os mesmos serão absorvidos pelo pesquisador.

Nos casos de dúvidas, você deverá falar com seu responsável para que ele procure o pesquisador responsável, Professor Emanuel Rodrigues de Souza, a fim de resolver o seu problema.

Eu, _____, fui informado (a) dos objetivos da presente pesquisa, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e me retirar do estudo em qualquer momento sem qualquer prejuízo, e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar se assim o desejar. Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que concordo em participar dessa pesquisa. Recebi uma cópia deste termo de assentimento e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

Vitória de Santo Antão/PE, _____ de _____ de 2018.

Contato do Pesquisador Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador (81) 987977027, e-mail: emanoelvox@outlook.com.

Endereço (Setor de Trabalho) Colégio Municipal 3 de Agosto, Praça Leão Coroado, 09 - Livramento, Vitória de Santo Antão - PE, 55602-918

Telefone: (81) 3523-4850

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB.

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com

Atenciosamente,

Assinatura do Pesquisador Responsável

Assentimento Livre e Esclarecido

(Elaborado de acordo com a Resolução 466/ 2012 – CNS/ CONEP)

Eu _____ após ter recebido todos os esclarecimentos e assinado o TCLE, confirmo que o (a) menor _____ recebeu todos os esclarecimentos necessários e concorda em participar desta pesquisa. Dessa forma, assino este termo, juntamente com o pesquisador, em duas vias de igual teor, ficando uma via sob meu poder e outra em poder do pesquisador.

Vitória de Santo Antão/PE, _____ de _____ de 2018.

Assinatura do responsável

Assinatura do pesquisador

Contato do Pesquisador Responsável:

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor ligar para o pesquisador (81) 987977027, e-mail: emanoelvox@outlook.com.

Endereço (Setor de Trabalho) Colégio Municipal 3 de Agosto, Praça Leão Coroado, 09 - Livramento, Vitória de Santo Antão - PE, 55602-918

Telefone: (81) 3523-4850

Ou

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba Campus I - Cidade Universitária - 1º Andar – CEP 58051-900 – João Pessoa/PB.

☎ (83) 3216-7791 – E-mail: eticaccsufpb@hotmail.com



COLÉGIO MUNICIPAL 3 DE AGOSTO
 ENDEREÇO: Praça Leão Coroado, 09 - Livramento,
 Vitória de Santo Antão - PE, CEP 55602-918

CARTA DE ANUÊNCIA

Pelo presente consentimento, declaro que fui informado, de forma clara, objetiva e detalhada, do projeto de pesquisa a ser desenvolvido nesta instituição, cujo objetivo geral é desenvolver uma proposta de intervenção, partindo do procedimento sequência básica de Rildo Cosson (2016), com uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental EJA, de forma a oportunizar situações que lhes permitam aperfeiçoar a habilidade de leitura e interpretação de letras de músicas, promovendo, então, um melhor desempenho dessas habilidades.

Tenho conhecimento de que receberei resposta a qualquer dúvida sobre os procedimentos e outros assuntos relacionados com esta pesquisa. Também terei plena liberdade para retirar meu consentimento, a qualquer momento, podendo deixar de participar do estudo. Tenho consciência, ainda, que a participação nesta pesquisa não terá complicações legais e que nenhum dos procedimentos usados oferece riscos e desconforto aos participantes.

Concordo em participar deste estudo, bem como autorizo, para fins exclusivamente de pesquisa, a utilização dos dados coletados. O registro das observações ficará à disposição da Universidade para outros estudos, sempre respeitando o caráter confidencial das informações registradas e o sigilo de identificação dos participantes. Os dados serão arquivados pelo pesquisador e destruídos após um prazo de 05 (cinco) anos.

Os responsáveis por este projeto são: Prof. Dr. Hermano de França Rodrigues (UFPB) hermanorg@gmail.com e o mestrando *Emanoel Rodrigues de Souza* (UFPB) emanoelvox@outlook.com.

Vitória de Santo Antão/PE, 27 de Março de 2018.

Nome da Instituição: **Colégio Municipal 3 de Agosto**

Responsável pela Instituição: _____

Cephas Reiaux de Barros Junior
 Cephas Reiaux de Barros Junior
 Vice-Diretor - Port. 002/2017

COLÉGIO MUNICIPAL 3 DE AGOSTO
 Ensino Fundamental e Médio
 Praça Leão Coroado, Nº 09 - CEP: 55.602-918
 Vitória de Santo Antão - PE
 CNPJ: 11.049.855/0001-23
 Portaria - SE: Nº 155 de 18/01/1984
 D.O. 20/01/1984
 Cadastro Escolar: M. 211.010